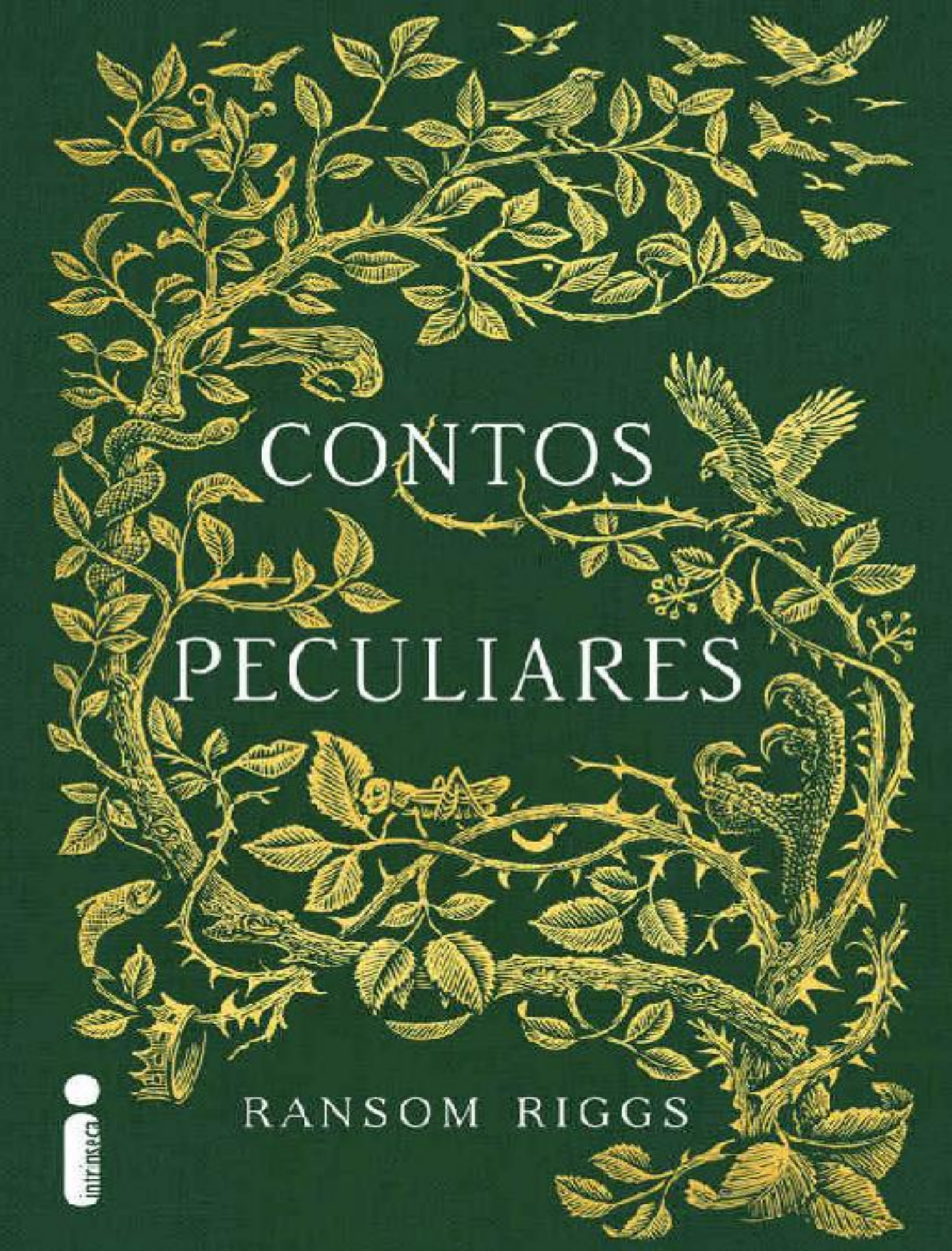

CONTOS
PECULIARES
RANSOM RIGGS
intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

EX LIBRIS

CONTOS PECULIARES

MILLARD NULLINGS (ORG.)

ILUSTRADO POR ANDREW DAVIDSON

EDIÇÕES SYNDRIGAST

Copyright © 2016 by Edições Syndrigast
Organização e notas: Millard Nullings
Ilustrações: Andrew Davidson

Impresso em uma tenda nômade no Deserto de Lop, por alguns conhecido como Grande Vale de Lop, que se estende para leste ao longo do sopé do Kuruk-Tagh até a Bacia do Tarim, na região autônoma de Xinjiang Uyghur, uma planície quase perfeitamente horizontal.
Encadernado nas profundezas de uma instalação subterrânea cuja entrada, localizada entre a Fish Street Hill e a Pudding Lane, em Londres, recomenda-se não tentar encontrar, para sua própria segurança.

Revisado diligentemente pelas duas cabeças e os cinco olhos de Patricia Panopticot.
"*Caesar non supra grammaticos*."

Favor não ler o terceiro conto deste livro de trás para a frente em voz alta — o organizador da obra não se responsabiliza pelas consequências.

Para Alma LeFay Peregrine, que me ensinou a amar histórias.

— *MN*

Homo sum: humani nil a me alienum puto.
— Terêncio

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Pré-presentação

Apresentação

Os esplêndidos canibais

A princesa da língua bifurcada

A primeira *ymbryne*

A mulher que era amiga de fantasmas

Cocobolo

As pombas (da Catedral) de St. Paul

A menina que domava pesadelos

O gafanhoto

O garoto que podia controlar o mar

A história de Cuthbert

Millard Nullings

Sobre o autor

Sobre o ilustrador

Créditos

Mídias sociais

Conheça os outros títulos do autor

Leia também

Prezado leitor,

O livro que você tem em mãos foi escrito apenas para olhos peculiares. Se, por acaso, você não pertence à estirpe dos anômalos (em outras palavras, se nunca saiu flutuando da cama no meio da noite porque esqueceu de amarrar a si mesmo ao colchão, se nunca soltou chamas pela palma das mãos em momentos inoportunos, nem mastigou a comida com a boca que tem na nuca), então, por favor, devolva imediatamente este exemplar à estante onde o encontrou e o esqueça. Não se preocupe, você não vai perder nada. Tenho certeza de que, caso lesse as histórias deste livro, apenas as acharia estranhas, aflitivas e nem um pouco do seu agrado. Além do mais, elas não são da sua conta.

Muito peculiarmente,

O editor

APRESENTAÇÃO

SE VOCÊ É da classe dos peculiares (e, se leu até aqui, espero, sinceramente, que seja), então este livro não necessita apresentação. Estas histórias provavelmente foram uma parte muito importante e querida de sua formação, e, enquanto crescia, você as leu ou as ouviu serem contadas com tanta frequência que poderia recitar as suas preferidas palavra por palavra. Se, entretanto, você está entre aqueles que tiveram a infelicidade de descobrir sua peculiaridade há pouco tempo ou de crescer em circunstâncias em que não havia literatura peculiar disponível, ofereço este breve compêndio.

Contos peculiares é uma coletânea de nosso folclore mais estimado. Passadas de geração em geração desde tempos imemoriais, as narrativas são, além de históricas, parte conto de fadas e parte ensinamentos morais destinadas a jovens peculiares. Procedem de partes diversas do globo, de tradições tanto orais quanto escritas, e passaram por transformações surpreendentes ao longo dos anos. Sobreviveram por todo esse tempo porque são amadas por seus méritos como histórias, mas não apenas por isso. São portadoras de um conhecimento secreto. Codificadas nestas páginas estão as localizações de fendas ocultas, a identidade secreta de certos peculiares importantes e outras informações úteis para a sobrevivência de um peculiar neste mundo hostil. Sei disso por minha própria experiência: é graças aos *Contos* que hoje estou vivo para escrever estas histórias. Eles preservaram não apenas minha vida, mas também a de meus amigos e de nossa querida *ymbryne*. Eu, Millard Nullings, sou prova viva da perene utilidade destas histórias, embora tenham sido escritas muito tempo atrás.

Por isso é que me dediquei a sua preservação e disseminação, assumindo a tarefa de organizar e comentar esta edição especial dos *Contos*. Não é de maneira alguma integral e definitiva (a edição que cresci lendo era um calhamaço de três volumes que, juntos, pesavam mais que minha amiga Bronwyn), mas contém minhas histórias preferidas, e tomei a liberdade de incluir notas com informações históricas e contextualizadas, para que peculiares de toda a parte possam se beneficiar do meu conhecimento. Também tenho a esperança de que esta edição, por ser mais concisa que as anteriores, se torne uma companheira fácil em suas viagens e aventuras, desse modo se revelando tão útil para você como foi para mim.

Então, por favor, aproveite estes *Contos* — de preferência diante de um fogo crepitante em uma noite fria, com um urxinim roncando a seus pés —, mas lembre-se do caráter

delicado de seu conteúdo, e, se for lê-los em voz alta (coisa que recomendo fortemente), que seja para um público de peculiares.

Millard Nullings

Fidalgo Escudeiro

CONTOS PECULIARES

OS PECULIARES DA aldeia de Swampmuck viviam de forma bastante humilde. Tiravam seu sustento do plantio da terra e, embora não possuíssem objetos de luxo e habitassem casas de estrutura frágil feitas de junco, eram saudáveis, alegres e não precisavam de muito. Os alimentos cresciam abundantemente nos jardins, os riachos ofereciam água límpida e até as humildes residências davam a sensação de luxo, pois o clima em Swampmuck era bastante agradável e os habitantes se dedicavam tanto a suas atividades que, após um longo dia de trabalho na lama, simplesmente se deitavam e adormeciam.

A época da colheita era a melhor do ano. Trabalhando sem parar, os habitantes colhiam os melhores lírios-do-brejo que houvessem crescido nos pântanos, embalavam-nos e os levavam, em carroças puxadas por burros, até o mercado da cidade de Chipping Whippet, uma viagem de cinco dias, para vender o que conseguissem. Era um trabalho árduo. Ásperos que eram, os lírios-do-brejo feriam as mãos; os burros eram mal-humorados e às vezes mordiam; a estrada para o mercado era cheia de buracos e infestada de ladrões; acidentes graves eram frequentes, como aquele em que o aldeão Pullman, em tamanha exaltação durante o momento da colheita, decepou com a foice a perna de seu vizinho, o aldeão Hayworth. O vizinho ficou compreensivelmente aborrecido, mas os habitantes de Swampmuck eram tão amáveis que logo o ocorrido foi superado.

O dinheiro que os aldeões ganhavam no mercado era pouco, mas atendia a suas necessidades e ainda lhes permitia comprar algumas peças de picanha de bode. Em torno dessa iguaria se realizava um festival agitado, que durava dias. Naquele mesmo ano, logo após o encerramento do festival, quando os aldeões estavam prestes a retomar o trabalho nos campos, três visitantes chegaram à aldeia. Swampmuck raramente recebia visitantes, pois não era o tipo de lugar que as pessoas tinham vontade de conhecer, e sem dúvida nunca tinha recebido visitantes como aqueles: dois homens e uma dama vestida dos pés à cabeça com rica seda brocada. Os três chegaram em belos cavalos árabes. Embora fossem obviamente ricos, pareciam abatidos e balançavam, sem forças, em suas selas cravejadas de pedras preciosas.

Os habitantes do vilarejo se aproximaram, curiosos e maravilhados com as belas roupas e os cavalos dos forasteiros.

— Tomem cuidado! — alertou a aldeã Sally. — Eles parecem estar doentes.

— Estamos em viagem, a caminho da costa de Meek[1] — explicou um dos visitantes, que parecia ser o único que ainda tinha forças para falar. — Fomos abordados por bandidos há algumas semanas. Conseguimos despistá-los, mas nos perdemos

completamente e desde então estamos andando em círculos, à procura da velha estrada Romana.

— Vocês não estão nem perto da estrada Romana — disse a aldeã Sally.

— Nem da costa de Meek — completou o aldeão Pullman.

— A que distância fica daqui? — perguntou o homem.

— Seis dias de viagem — respondeu a aldeã Sally.

— Nunca conseguiremos — concluiu o homem, em tom sombrio.

Em seguida, a dama de vestido de seda caiu da sela para o chão.

Apesar dos temores, os aldeões se comoveram. Resgataram a dama caída e levaram a ela e a seus companheiros para a casa mais próxima, onde lhes deram água e os acomodaram em colchões de palha. Uma dúzia de aldeões se reuniu em torno deles, oferecendo ajuda.

— Abram espaço! — ordenou o aldeão Pullman. — Eles estão exaustos, precisam descansar!

— Não, eles precisam de um médico! — disse a aldeã Sally.

— Não estamos doentes — disse o homem. — Estamos com fome. Nossos mantimentos acabaram. Não comemos nada há uma semana.

A aldeã Sally se perguntou por que pessoas tão ricas não tinham simplesmente comprado comida de outros viajantes que encontrassem pela estrada, mas, por educação, não se pronunciou sobre o assunto. Ela mandou alguns garotos da aldeia irem buscar tigelas de sopa de lírio-do-brejo, pão de painço e o pouco que sobrara de picanha de bode do festival. Mas os visitantes recusaram.

— Não quero parecer rude, mas não podemos comer isso.

— Sei que é uma oferta humilde e que os senhores provavelmente estão acostumados a banquetes dignos de um rei, mas é tudo o que temos — respondeu a aldeã Sally.

— Não é isso. Grãos, vegetais e carne de animais… Nosso corpo simplesmente não consegue digerir tais alimentos. Se nos obrigarmos a comer, só ficaremos mais fracos.

Os aldeões não compreenderam.

— Se não podem comer grãos, vegetais nem carne de animais, o que os senhores *podem* comer? — indagou o aldeão Pullman.

— Pessoas — respondeu o homem.

Todos que estavam ali deram um passo para trás.

— Estão dizendo que... que são… *canibais*? — perguntou o aldeão Hayworth.

— Por natureza, não por escolha — retrucou o homem. — Mas, sim.

O homem prosseguiu explicando que eram canibais civilizados, que nunca matavam inocentes. Eles, assim como outros da mesma espécie, haviam feito um acordo com o rei garantindo que jamais comeriam pessoas à força. Em troca, tinham autorização para comprar, a um custo altíssimo, membros amputados de vítimas de acidentes e o corpo de criminosos enforcados. Sua dieta era formada apenas por esses itens. Eles agora estavam a caminho da costa de Meek porque era o lugar na Grã-Bretanha que ostentava tanto o índice mais alto de acidentes quanto o maior número de mortes por enforcamento, por isso a comida lá, apesar de não propriamente farta, era de certa maneira abundante.

Embora canibais naquela época fossem ricos, quase sempre passavam fome; respeitando a lei, estavam condenados a levar uma vida em constante subnutrição, atormentados por um apetite que quase nunca podiam satisfazer. E aqueles canibais que tinham chegado a Swampmuck, já famintos e a muitos dias de distância de Meek, estavam provavelmente condenados à morte.

Fosse qualquer outro vilarejo, de peculiares ou não, os habitantes teriam, depois de ouvir tudo isso, apenas dado de ombros e deixado os canibais morrerem de fome. No entanto, os aldeões eram compassivos, quase em excesso, até, e por isso ninguém se surpreendeu quando o aldeão Hayworth deu um passo à frente e disse:

— Por acaso, perdi minha perna em um acidente alguns dias atrás. Eu a joguei no pântano, mas tenho certeza de que consigo encontrá-la, se as enguias ainda não a tiverem comido.

Os olhos dos canibais brilharam.

— O senhor faria isso? — disse a mulher canibal, jogando paras trás a mecha de cabelo que caía sobre as faces esqueléticas.

— É um pouco estranho — respondeu o aldeão Hayworth —, mas não podemos simplesmente deixar os senhores morrerem.

Os outros aldeões concordaram. Assim, Hayworth foi mancando até o pântano, onde encontrou a perna. Ele espantou as enguias que a mordiscavam e a levou em uma travessa para os canibais.

Um dos homens ofereceu ao aldeão uma bolsa de moedas.

— O que é isso? — perguntou Hayworth.

— Pagamento. A mesma quantia que o rei nos cobra — explicou o canibal.

— Não posso aceitar — disse Hayworth, e tentou devolver o dinheiro.

Mas o canibal levou a mão às costas, sorrindo.

— É o justo a se fazer. O senhor salvou nossa vida!

Os aldeões deram as costas educadamente quando os canibais começaram a comer. O aldeão Hayworth abriu a bolsa de moedas, olhou em seu interior e ficou pálido. Era a maior quantia de dinheiro que ele já vira.

Os canibais passaram os dias seguintes se alimentando e recuperando as forças. Quando finalmente se sentiram prontos para partir outra vez para a costa de Meek (dessa vez com instruções claras), todos os aldeões de Swampmuck se reuniram para a despedida. Os canibais então viram o aldeão Hayworth caminhando sem a ajuda de muletas.

— Eu não entendo! — disse um dos canibais, atônito. — Achei que tivéssemos comido sua perna!

— Comeram, sim! Mas se os peculiares de Swampmuck perdem um membro, ele torna a crescer — explicou Hayworth.[2]

O rosto do canibal assumiu uma expressão engraçada e ele pareceu prestes a dizer mais alguma coisa, porém desistiu. Por fim, montou no cavalo e foi embora junto com os outros.

Semanas se passaram. A vida em Swampmuck voltou ao normal para todos, menos para o aldeão Hayworth. Ele passou a andar distraído e, durante o dia, era visto apoiado em seu bastão de revirar lama, olhando para além dos pântanos. Estava pensando na bolsa de dinheiro, que tinha escondido em um buraco na terra. O que fazer com aquilo?

Todos os seus amigos opinaram.

— Você podia comprar várias roupas bonitas — sugeriu o aldeão Bettelheim.

— Mas onde eu as usaria? Trabalho nos pântanos o dia inteiro; as roupas seriam um desperdício — retrucou o aldeão Hayworth.

— Você podia montar uma biblioteca com bons livros — sugeriu o aldeão Hegel.

— Mas eu não sei ler. Nem ninguém em Swampmuck.

A sugestão do aldeão Bachelard foi a mais tola de todas:

— Compre um elefante. E use-o para levar todo o seu lírio-do-brejo ao mercado.

— Mas ele *comeria* todo o meu lírio antes mesmo que eu conseguisse vendê-lo! — retrucou Hayworth, já aflito a essa altura. — Se ao menos eu pudesse fazer algo em relação a minha casa… Os juncos não ajudam muito a impedir a entrada do vento, e eu sinto muito frio durante todo o inverno.

— Você podia usar o dinheiro para forrar as paredes — sugeriu o aldeão Anderson.

— Não diga bobagem — retrucou a aldeã Sally. — Ele devia comprar uma casa nova!

E foi exatamente o que fez Hayworth: construiu uma casa de madeira, a primeira do

tipo a ser erguida em Swampmuck. Pequena porém bastante robusta, a casa impedia a entrada do vento e tinha até uma porta que se abria e se fechava com dobradiças. O aldeão Hayworth ficou muito orgulhoso, e sua casa despertou inveja em toda a aldeia.

Alguns dias depois, outro grupo de visitantes chegou. Eram quatro — três homens e uma mulher —, e, como trajavam roupas elegantes e montavam cavalos árabes, os aldeões souberam imediatamente o que eram: canibais que viviam sob a lei da costa de Meek.[3] Esses canibais, porém, não pareciam famintos.

Mais uma vez os aldeões se reuniram para se maravilhar com eles. A mulher canibal, que vestia uma elegante camisa entremeada de fios de ouro, calça com botões de pérolas e botas adornadas com pele de raposa, disse:

— Alguns amigos nossos vieram a esta aldeia semanas atrás e vocês os receberam com grande bondade. Como não somos um povo acostumado a bondade, viemos agradecer pessoalmente.

Os canibais apearam dos cavalos, fizeram uma reverência para os aldeões e começaram a apertar-lhes as mãos. Os aldeões ficaram surpresos com a maciez da pele dos canibais.

— Mais uma coisa antes de irmos! — disse a mulher canibal. — Soubemos que vocês têm uma habilidade única. É verdade que seus membros se regeneram?

Os aldeões confirmaram.

— Nesse caso, temos uma proposta modesta para lhes fazer. Os membros que comemos na costa de Meek raramente são frescos, e estamos cansados de alimentos em putrefação. Vocês nos venderiam alguns dos seus? Pagaríamos muito bem, é claro.

Ela abriu o alforje, revelando uma grande quantidade de ouro e joias. Os aldeões arregalaram os olhos, mas ficaram desconfiados e começaram a cochichar entre si.

— Não podemos vender nossos membros. Preciso de minhas pernas para andar — afirmou o aldeão Pullman.

— Então venda apenas os braços — sugeriu o aldeão Bachelard.

— Mas precisamos dos braços para trabalhar na lama do brejo! — retrucou o aldeão Hayworth.

— Com o que nos darão por nossos braços, não precisaremos mais cultivar lírios-do-brejo — disse o aldeão Anderson. — Não ganhamos praticamente nada com agricultura, de qualquer maneira.

— Isso não me parece certo, nos vendermos desse jeito — ponderou o aldeão Hayworth.

— É fácil falar! Você tem uma casa feita de madeira! — acusou o aldeão Bettelheim.

Os aldeões fizeram, então, um acordo com os canibais: os destros venderiam o braço esquerdo e os canhotos venderiam o braço direito, e eles continuariam a vender os membros à medida que tornassem a crescer. Assim teriam uma fonte permanente de renda e nunca mais teriam que passar o dia inteiro na lama ou sobreviver a uma colheita difícil. Todo mundo pareceu satisfeito com o combinado, exceto o aldeão Hayworth, que gostava bastante de trabalhar no pântano e lamentou ver a aldeia abrir mão de seu tradicional ofício, mesmo que não fosse muito lucrativo se comparado à venda dos próprios membros para os canibais.

Mas não havia nada que o aldeão Hayworth pudesse fazer. Assim, ele assistiu, impotente, a seus vizinhos desistirem de plantar, deixarem os pântanos abandonados e arrancarem os braços. (A peculiaridade era tal que não doía muito, e os membros saíam com bastante facilidade, como um rabo de lagarto.) Eles usaram o dinheiro que ganharam para comprar comida no mercado em Chipping Whippet (picanha de bode se tornou um prato consumido todos os dias, em vez de apenas algumas vezes por ano) e para construir casas de madeira, como a do aldeão Hayworth. Todos queriam uma porta que se abrisse e se fechasse com dobradiças. Então o aldeão Pullman construiu uma casa com dois andares, e todos quiseram uma casa de dois andares. Depois, a aldeã Sally construiu uma casa com dois andares *e* um telhado triangular, e logo todos queriam casas com dois andares e telhado triangular. Toda vez que os braços dos aldeões tornavam a crescer e eram arrancados para serem vendidos novamente, eles usavam o dinheiro para fazer melhorias em suas casas. Por fim, as casas ficaram tão grandes que mal havia espaço entre uma e outra. E a praça da aldeia, antes ampla e aberta, fora reduzida a um beco muito estreito.

O aldeão Bachelard foi o primeiro a encontrar uma solução. Ele decidiu comprar um terreno grande nos arredores do vilarejo e ali construir uma casa nova, ainda maior do que a que habitava antes (esta, por acaso, tinha três portas que se abriam e se fechavam com dobradiças, dois andares, um telhado triangular *e* uma varanda). Isso foi mais ou menos na mesmo época em que os aldeões pararam de chamar uns aos outros de "aldeão Isso" e "aldeã Aquilo", porque já não mais se julgavam simples e rústicos agricultores, com exceção do aldeão Hayworth, que continuava a revirar a lama em seu brejo e se recusava a vender mais membros para os canibais. Ele insistia em dizer que gostava bastante de sua modesta casa, e que na verdade nem a usava muito, porque ainda gostava de dormir no pântano depois de um dia duro de trabalho. Seus antigos amigos o achavam tolo e antiquado e pararam de visitá-lo.

A antes humilde aldeia de Swampmuck se expandia rapidamente à medida que os aldeões compravam extensões de terra cada vez mais extensas, nas quais construíam casas mais e mais ornamentadas e maiores. Para financiar a empreitada, eles passaram a vender aos canibais um braço *e* uma perna ao mesmo tempo (sempre a perna do lado oposto do braço, para ajudar no equilíbrio) e treinaram andar de muletas. Os canibais, cuja fome e riqueza pareciam não ter fim, ficaram muito felizes com isso. Foi quando o sr. Pullman derrubou sua casa de madeira e a substituiu por uma de tijolos, o que deu início a uma competição entre os aldeões para ver quem construía a casa de tijolos mais grandiosa. O sr. Bettelheim superou todos eles: construiu uma bela casa feita de pedra calcária cor de mel, o tipo de lugar habitado apenas pelos mercadores mais ricos de Chipping Whippet. Ele conseguiu pagar pela construção vendendo um braço e *as duas* pernas.

— Bettelheim foi longe demais! — reclamou a sra. Sally, enquanto comia sanduíches de picanha de bode no recém-inaugurado restaurante chique da aldeia.

Os amigos dela concordaram.

— Como ele pretende aproveitar aquela casa de três andares se não consegue nem subir as escadas? — indagou a sra. Wannamaker.

O sr. Bettelheim entrou no restaurante bem naquele momento, nos braços de um musculoso habitante da aldeia vizinha.

— Contratei um homem para me carregar para cima e para baixo pelas escadas e para qualquer outro lugar a que eu queira ir. Não preciso de pernas! — anunciou ele, com orgulho.

As senhoras ficaram pasmas, mas não demoraram a fazer o mesmo e vender as duas pernas. Por todo o vilarejo, casas de tijolos eram demolidas e substituídas por mansões de pedra calcária.

Os canibais, a essa altura, tinham abandonado a costa de Meek para se instalarem na floresta que crescia nas proximidades de Swampmuck. Não havia mais motivo para subsistir de uma dieta magra à base de criminosos enforcados e vítimas de acidentes, já que os membros que vinham dos aldeões eram mais frescos, mais saborosos e mais fartos do que qualquer alimento disponível em Meek. As casas na floresta eram modestas, pois os canibais davam grande parte de seu dinheiro aos aldeões de Swampmuck, mas mesmo assim estavam satisfeitos, muito mais felizes por viver de barriga cheia em cabanas do que famintos em mansões.

Quanto mais os aldeões e os canibais dependiam uns dos outros, mais crescia o apetite de ambos os grupos. Os canibais engordaram e, após esgotarem todas as receitas

possíveis com braços e pernas, começaram a imaginar qual seria o sabor das orelhas. Mas os aldeões não lhes vendiam as orelhas, porque elas não tornavam a crescer. Tal situação prosseguiu até o sr. Bachelard, carregado por seu criado musculoso, visitar em segredo a floresta dos canibais e perguntar a eles quanto estariam dispostos a pagar pelas orelhas. Ele ainda conseguiria ouvir, raciocinou, e, embora isso fosse deixá-lo um pouco feio, a bela casa de mármore branco que ele conseguiria construir com os rendimentos compensaria o problema. (Agora, se você é astuto financeiramente, deve estar se perguntando: por que o sr. Bachelard simplesmente não guardou dinheiro com a venda constante de seus braços e pernas até que pudesse pagar uma casa de mármore? É porque ele *não conseguia* economizar dinheiro, pois tomara um empréstimo muito grande com um banco para comprar a terra na qual sua casa de pedra calcária foi construída, e agora devia ao banco um braço e uma perna todo mês só para pagar os juros do empréstimo. Por isso, ele precisava vender as orelhas.)

Os canibais ofereceram uma soma exorbitante pelas orelhas do sr. Bachelard, que então as cortou fora, feliz por se livrar delas, e substituiu sua casa de pedra calcária pela casa de mármore de seus sonhos. Era a casa mais bonita do vilarejo, talvez de toda a região de Oddfordshire. Embora os moradores de Swampmuck falassem pelas costas de Bachelard sobre como ele tinha ficado feio e como era tolice vender orelhas que nunca tornariam a crescer, todos o visitavam e eram carregados por seus criados pelos cômodos de mármore e para cima e para baixo da escadaria, também de mármore, e quando saíam, todos estavam verdes de inveja.

A essa altura, nenhum dos aldeões tinha pernas, exceto o aldeão Hayworth, e poucos tinham braços. Durante algum tempo, todos tinham insistido em manter um braço para poderem apontar para coisas e se alimentar, mas aí perceberam que um criado podia erguer uma colher ou um copo até seus lábios facilmente, e dizer "pegue isso para mim" ou "pegue aquilo para mim" era apenas um pouco mais trabalhoso do que apontar para algo do outro lado da sala. Então, braços passaram a ser vistos como luxos supérfluos, e os aldeões, reduzidos a troncos sem membros, viajavam de um lugar para outro em sacos de seda que os criados levavam nos ombros.

As orelhas logo seguiram o caminho dos braços. Os aldeões fingiam nunca ter chamado o sr. Bachelard de feio.

— Ele não parece tão mal — comentou o sr. Bettelheim.

— Podíamos usar protetores de ouvido — sugeriu o sr. Anderson.

E assim as orelhas foram cortadas e vendidas, e casas de mármore foram construídas.

A aldeia ganhou reputação por sua beleza arquitetônica, e o que antes era um lugar ermo visitado apenas por acidente se tornou um destino turístico. Foi construído um hotel e mais restaurantes. Os sanduíches de picanha de bode sumiram do cardápio — os habitantes de Swampmuck fingiam nunca ter sequer *ouvido falar* em sanduíches de picanha de bode.

Turistas às vezes paravam perto da modesta casa de madeira e telhado plano do aldeão Hayworth, curiosos com o contraste entre aquele lar simples e os palácios que o cercavam. Ele explicava que preferia a vida simples de um agricultor de lírios-do-brejo (com todos os quatro membros) e os mostrava sua área de pântano. A dele era a última faixa de pântano que restara em Swampmuck, pois todas as outras tinham sido aterradas para dar espaço para as casas.

Os olhos do país estavam voltados para o vilarejo e suas belas casas. Os aldeões adoravam a atenção, mas estavam desesperados para se destacar de algum jeito, pois todas as casas eram praticamente idênticas. Cada um queria ser conhecido como o proprietário da mais bonita casa de Swampmuck, mas já estavam usando os braços e as pernas todos os meses só para pagar os juros dos empréstimos vultosos que haviam feito e já haviam vendido as orelhas.

Eles começaram a abordar os canibais com ideias novas.

— O senhor me emprestaria dinheiro com meu nariz como garantia? — perguntou a sra. Sally.

— Não, mas ficaríamos felizes em comprar seu nariz — disseram os canibais.

— Mas se eu cortar meu nariz, vou ficar parecendo um monstro! — protestou ela.

— A senhora pode usar uma echarpe em volta do rosto — sugeriram eles.

A sra. Sally se recusou. De seu saco, instruiu o criado a levá-la para casa.

Em seguida, o sr. Bettelheim foi ver os canibais.

— Os senhores comprariam meu sobrinho? — sussurrou o homem enquanto seu criado empurrava um menino de oito anos diante dos canibais.

— Absolutamente, não! — responderam os canibais, e deram um doce ao menino aterrorizado antes de mandá-lo para casa.

A sra. Sally voltou alguns dias depois.

— Está bem — anunciou, com um suspiro. — Eu vendo o meu nariz.

Ela o substituiu por um falso, feito de ouro, e, com o dinheiro que ganhou, construiu uma enorme cúpula de ouro no alto de sua casa de mármore.

Vocês já devem ter adivinhado aonde isso deu. Todos na aldeia venderam o nariz e

construíram cúpulas de ouro e torres de vários tamanhos. Posteriormente, venderam os olhos (apenas um cada), usaram o dinheiro para escavar fossos em torno de suas casas e os encheram com vinho e peixes exóticos embriagados. Eles diziam que a visão binocular era mesmo um luxo e necessária basicamente para jogar e pegar objetos, o que, sem os braços, não faziam mais. E bastava um olho para apreciar a beleza de suas casas.

E os canibais, bem, eles eram civilizados e respeitavam a lei, mas não eram santos. Estavam morando em cabanas na floresta, cozinhavam em fogueiras, enquanto os aldeões viviam em mansões e palácios, servidos por criados. Por isso, os canibais resolveram se mudar para as casas dos aldeões. Suas casas tinham tantos quartos que eles demoraram a se dar conta do que tinha acontecido, mas quando finalmente descobriram, ficaram com raiva.

— Nunca permitimos que vocês morassem conosco! Vocês são canibais, são sujos, comem carne humana! — protestaram os aldeões. — Voltem para a floresta!

— Se não nos deixarem morar nas casas de vocês, vamos parar de comprar seus membros e voltar para Meek. Aí vocês não vão conseguir pagar seus empréstimos e vão perder tudo.

Os aldeões não sabiam o que fazer. Não queriam canibais em casa, mas tampouco podiam imaginar voltar à vida que levavam antes. Na verdade, as coisas seriam piores que antes: não só estariam sem casa, desfigurados e semicegos, como não teriam mais pântanos onde cultivar porque haviam aterrado todos. Era impensável.

Mesmo cheios de rancor, eles concordaram. Os canibais se espalharam por todas as casas da aldeia (exceto a do aldeão Hayworth, pois ninguém queria morar em sua rústica cabana de madeira). Eles ocuparam as suítes principais e os maiores quartos e fizeram os aldeões se mudarem para os próprios quartos de hóspedes, *alguns dos quais não eram nem suítes*! O sr. Bachelard foi forçado a ocupar o galinheiro, e o sr. Anderson se mudou para o porão. (O cômodo era até muito bom para um porão, mas mesmo assim…)

Os aldeões reclamavam sem parar do novo arranjo. (Afinal, eles ainda tinham língua.)

— O cheiro da comida de vocês me causa enjoos! — queixou-se a sra. Sally para os canibais.

— Os turistas não param de perguntar sobre vocês. É constrangedor! — gritou o sr. Pullman com os canibais, assustando-os quando estavam lendo em silêncio na sala.

— Se não forem embora, vou denunciar às autoridades que vocês têm raptado crianças

para usá-las como recheio de purê! — ameaçou certa vez o sr. Bettelheim.

— Purê não tem recheio — retrucou o canibal, um espanhol culto chamado Héctor.

— Não me importa! — gritou o sr. Bettelheim, ficando bem vermelho.

Depois de algumas semanas disso, Héctor decidiu que não aguentava mais. Ele ofereceu ao sr. Bettelheim até o último centavo que lhe restava na terra para que lhe vendesse sua língua.

O sr. Bettelheim não recusou imediatamente. A oferta mereceu muita reflexão e consideração. Sem a língua, ele não poderia mais reclamar nem fazer ameaças a Héctor, mas, com o dinheiro, poderia construir uma segunda casa em sua propriedade e morar *lá*, longe de Héctor. Não teria mais do que reclamar. E quem mais na aldeia teria não uma, mas duas casas de mármore com cúpula de ouro?

Agora, se o sr. Bettelheim tivesse pedido o conselho do aldeão Hayworth, seu velho amigo lhe teria aconselhado a não aceitar a oferta do canibal. *Se o cheiro da comida deles o incomoda, venha morar comigo*, teria oferecido Hayworth. *Tenho espaço mais que suficiente em minha casa*. Mas o sr. Bettelheim havia se afastado do aldeão Hayworth, assim como o restante da aldeia, por isso ele não pediu (e, mesmo que tivesse pedido, Bettelheim era orgulhoso demais e preferiria viver sem língua a morar na casa pobre de Hayworth).

Então Bettelheim procurou Héctor e anunciou:

— Está bem.

Héctor sacou sua faca de trinchar, que levava sempre embainhada.

— Sim?

— Sim — falou Bettelheim, e pôs a língua para fora.

Héctor realizou o ato. Depois, encheu a boca de Bettelheim de algodão para conter o sangramento. Ele levou a língua para a cozinha, onde a fritou em óleo de trufas com uma pitada de sal e a comeu. Então pegou todo o dinheiro que prometera, deu para os criados de Bettelheim e os dispensou. Sem membros e sem língua, mas com muita raiva, Bettelheim grunhiu e se remexeu pelo chão. Héctor o levantou, levou-o para fora e o amarrou a uma estaca em uma área do jardim, à sombra. Dava-lhe água e comida duas vezes por dia, e, como uma árvore frutífera, Bettelheim crescia membros para Héctor comer. Héctor se sentiu um pouco mal em relação a isso, mas não muito. Depois de um tempo, ele se casou com uma boa moça canibal, e, juntos, criaram uma família canibal, toda alimentada pelo homem peculiar do jardim.

Esse foi o destino de todos os aldeões, exceto o do aldeão Hayworth, que manteve

seus membros, morava em sua casinha e cultivava seu pântano como sempre tinha feito. Ele não incomodava seus novos vizinhos, que também não o incomodavam.

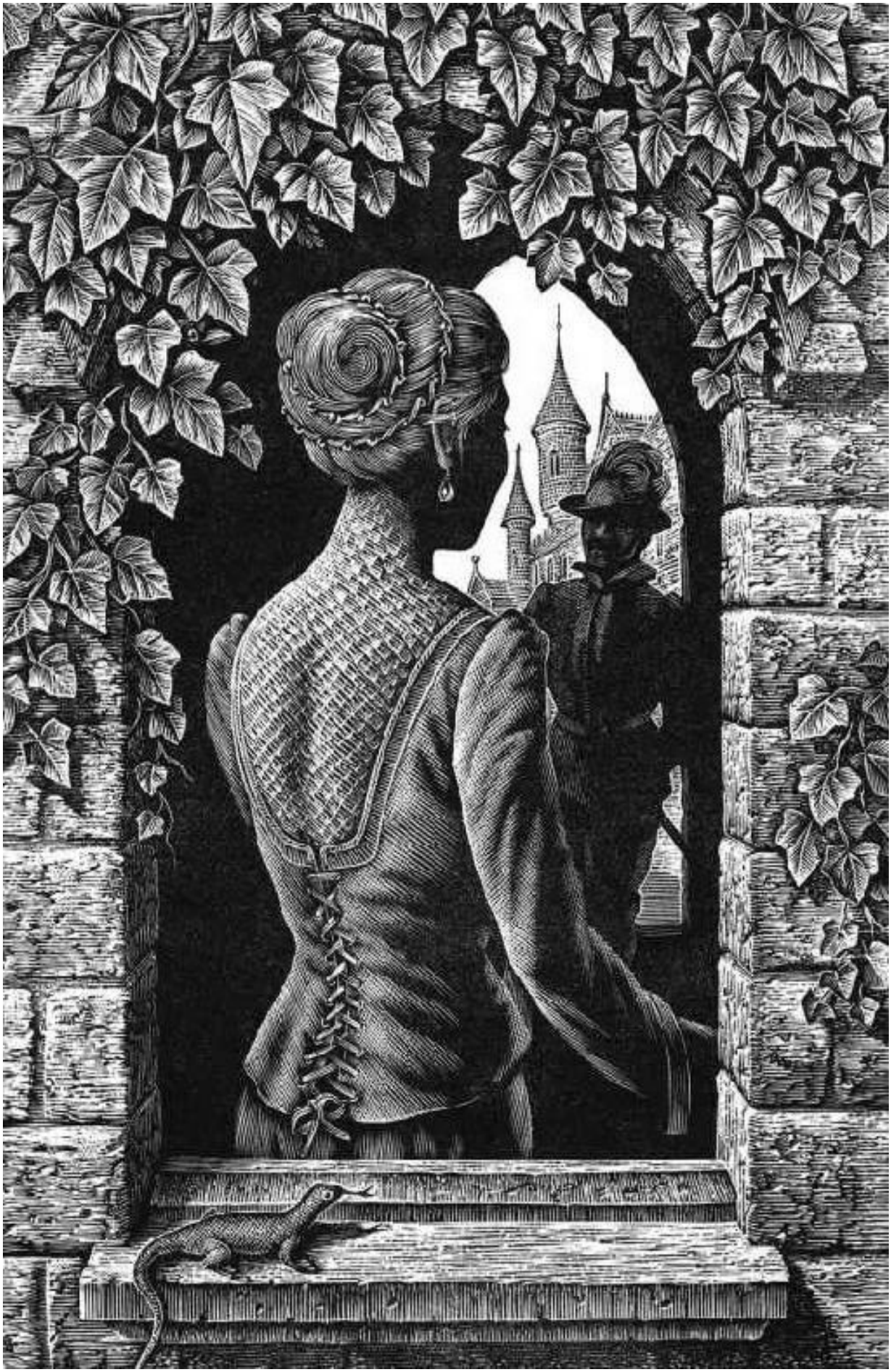
E viveram felizes para sempre.

---

[1] Histórica zona de exílio localizada, acredita-se, em alguma região da atual Cornualha.

[2] Houve uma época, muito tempo atrás, em que peculiares podiam viver juntos, fora de fendas e abertamente, sem medo de perseguição. Naqueles dias tranquilos, eles se dividiam de acordo com suas habilidades, prática que hoje em dia é malvista por encorajar o tribalismo e a hostilidade entre os diferentes grupos.

[3] A fonte de riqueza dos canibais? Fabricação de balas e brinquedos para crianças.



NO ANTIGO REINO de Frankenburgo havia uma princesa que escondia um segredo peculiar: em sua boca havia uma comprida língua bifurcada e, em suas costas, escamas cintilantes em formato de losangos. Como ela tinha desenvolvido essas características serpentinas durante a adolescência e raramente abria a boca, por medo de ser descoberta, a princesa conseguira mantê-las em segredo de todos, menos de sua criada pessoal. Nem seu pai, o rei, sabia.

A princesa levava uma vida solitária, pois raramente falava com alguém, por medo de que os outros vissem sua língua bifurcada. Mas seu verdadeiro problema era outro: ela ia se casar com um príncipe da Galácia.[1] Os dois nunca tinham se visto, mas a beleza da princesa era tão famosa que o rapaz concordara com o casamento mesmo assim. Eles se conheceriam no dia do casamento, que se aproximava rapidamente. A união fortaleceria as relações entre Frankenburgo e a Galácia, asseguraria prosperidade para as duas regiões e permitiria a criação de um pacto de defesa contra o odiado inimigo comum, o belicoso principado da Frísia. A princesa sabia que o casamento era necessário para a política, mas estava aterrorizada, temendo que o príncipe a rejeitasse assim que descobrisse seu segredo.

— Não se preocupe — disse a criada. — Ele vai ver seu rosto lindo, conhecer seu coração lindo e perdoar o resto.

— E se ele não perdoar? Nossa melhor esperança de paz estará arruinada, e vou passar o resto da vida como uma solteirona!

O reino se preparou para o casamento da realeza. O palácio foi enfeitado com sedas douradas, e chefs de todo o país chegaram para preparar um opulento banquete. Por fim, chegou o príncipe, com seu séquito. Ele saiu da carruagem e saudou calorosamente o rei.

— E minha noiva, onde está? — perguntou ele.

O príncipe foi levado a um salão, onde a princesa o aguardava.

— Princesa! — exclamou o príncipe. — A senhorita é ainda mais bonita do que sua reputação me levou a acreditar.

A princesa sorriu e fez uma reverência, mas não abriu a boca para falar.

— Qual o problema? Eu a deixei sem fala com minha beleza?

A princesa corou e balançou a cabeça.

— Ah, então você não me acha bonito, é isso? — disse ele.

Alarmada, a princesa tornou a balançar a cabeça (não era isso o que ela quisera dizer!), mas notou que só estava piorando as coisas.

— Diga alguma coisa, filha, isto não é hora de ficar com a língua presa! — reclamou o rei.

— Perdoe-me, senhor, mas talvez a princesa ficasse mais à vontade se conversasse com o príncipe em particular — disse a criada.

O príncipe assentiu, agradecido.

— Não é apropriado — resmungou o rei. — Mas acho que nas atuais circunstâncias…

Os guardas conduziram o príncipe e a princesa a uma sala onde poderiam ficar a sós.

— E então, o que acha de mim? — perguntou o príncipe depois que os guardas foram embora.

— Você é muito bonito — respondeu a princesa, cobrindo a boca com a mão.

— Por que você esconde a boca quando fala? — perguntou o príncipe.

— É meu hábito. Desculpe se você acha estranho.

— Você é estranha. Mas eu posso aprender a viver com isso, considerando sua beleza!

O coração da princesa se elevou, mas despencou outra vez na terra com a mesma rapidez. Seria apenas questão de tempo até que o príncipe descobrisse seu segredo. Embora pudesse esperar até que estivessem casados para revelá-lo, ela sabia que isso não seria certo.

— Tenho uma confissão a fazer — disse ela, ainda cobrindo a boca. — E tenho medo de que você não queira se casar comigo quando souber o que é.

— Bobagem. O que é? Ah, não… Não somos primos, somos?

— Não é isso.

— Bom, nada me faria desistir de me casar com você — afirmou o príncipe, confiante.

— Espero que você seja um homem de palavra — disse a princesa, então tirou a mão e mostrou a ele a língua bifurcada.

— Pelos céus! — exclamou o príncipe, recuando.

— E não é só isso — disse a princesa, que, tirando um braço do vestido, mostrou a ele as escamas nas costas.

O príncipe ficou embasbacado e, depois, furioso.

— Eu nunca me casaria com um monstro como você! Não posso acreditar que você e seu pai tentaram me enganar! — esbravejou ele.

— Ele não fez nada! Meu pai não sabe nada sobre minha condição!

— Pois vai ficar sabendo! Isso é um ultraje!

O príncipe saiu da sala para contar tudo ao rei e a princesa foi atrás, implorando que ele não fizesse isso.

Foi só então que cinco assassinos frísios, que tinham se disfarçado de cozinheiros, sacaram punhais do bolo e saíram correndo da cozinha em direção ao quarto do rei. O príncipe estava prestes a revelar o segredo da princesa quando eles derrubaram a porta. Enquanto os assassinos matavam os guardas, o covarde rei mergulhou em um guarda-roupa e se escondeu embaixo de uma pilha de roupas.

Os assassinos se viraram para o príncipe e a princesa.

— Não me matem! — gritou o príncipe. — Sou apenas um garoto de recados de outro país!

— Boa tentativa — disse o líder dos assassinos. — Você é o príncipe da Galácia e veio para se casar com a princesa e formar uma aliança contra nós. Prepare-se para morrer!

O príncipe correu até uma janela e tentou abri-la à força, deixando a princesa sozinha para enfrentar os assassinos. Quando eles correram em direção a ela, com os punhais em mãos, ela sentiu uma estranha pressão atrás da língua.

Os assassinos se lançaram sobre a princesa, que lançou jatos de veneno peçonhento no rosto de cada um. Todos caíram encolhidos no chão e morreram, menos um; o quinto assassino escapou do quarto, aterrorizado.

A princesa ficou mais surpresa que qualquer um, pois não sabia que era capaz de fazer aquilo; afinal, nunca tinha sido ameaçada de morte antes. O príncipe, que já estava com metade do corpo para fora da janela, voltou para o quarto e olhou tanto para os assassinos mortos quanto para a princesa, impressionado.

— *Agora* você vai se casar comigo? — perguntou ela.

— Não mesmo! Mas, como sinal de gratidão, não vou contar a seu pai o motivo.

Ele pegou um dos punhais dos assassinos e, correndo de um em um, apunhalou os cadáveres deles.

— O que está fazendo? — perguntou a princesa, perplexa.

O rei saiu do guarda-roupa.

— Eles foram mortos? — perguntou o monarca, com a voz trêmula.

— Sim, sua majestade. Eu os matei! — afirmou o príncipe, erguendo o punhal.

A princesa ficou chocada com a mentira, mas segurou a língua.

— Magnífico! Você se tornou o herói de Frankenburgo, meu rapaz, e no dia de seu casamento! — exclamou o rei.

— Ah… quanto a isso, lamento informar que não haverá casamento.

— O quê?! Por que não? — vociferou o rei.

— Acabei de saber que a princesa e eu somos primos. É uma pena!

E, sem sequer olhar para trás, o príncipe deixou o quarto, reuniu seu séquito e partiu em sua carruagem.

— Isso é uma afronta! Esse rapaz tem tanto parentesco com minha filha quanto eu com esta cadeira. Minha família não será tratada desse jeito.

O rei ficou tão furioso que ameaçou entrar em guerra contra a Galácia. A princesa tinha consciência de que não podia permitir isso e, portanto, certa noite, solicitou uma audiência a sós com o pai, para revelar o segredo que guardara por tanto tempo. Ele cancelou os planos de guerra, mas ficou com tanta raiva da filha e se sentiu tão humilhado que a trancou na cela mais úmida do calabouço.

— Além de ser uma mentirosa e um monstro, você não serve para o casamento! — vociferou ele através das barras da cela.

Ele disse isso como se fosse o maior dos pecados.

— Mas, pai, eu ainda sou sua filha, não sou?

— Não mais — respondeu ele, e lhe deu as costas.

A princesa podia usar seu veneno ácido para derreter a tranca da cela e escapar, mas optou por aguardar, na esperança de que o pai reconhecesse seu erro e repensasse sua decisão.[2] Por meses ela sobreviveu de mingau e passou as noites tremendo de frio no chão de pedra, mas o pai não apareceu. A única visita que a princesa recebia era de sua criada.

Um dia, a criada chegou com notícias.

— Meu pai me perdoou? — perguntou a princesa, ansiosa.

— Não. Ele disse ao reino que você morreu. Seu funeral será amanhã.

A princesa ficou arrasada. Naquela mesma noite, ela fugiu do calabouço, escapou do palácio e, junto com a criada, deixou para trás o reino e sua antiga vida. As duas viajaram disfarçadas por meses, percorrendo o país sem rumo, prestando serviços domésticos onde fosse possível. A princesa sujava o rosto de terra para não ser reconhecida e nunca abria a boca para falar com ninguém além da criada, e a criada, por sua vez, dizia a todos que a garota de rosto sujo com quem viajava era muda.

Certo dia, elas ouviram falar sobre um príncipe, do distante reino da Trácia, cujo corpo às vezes assumia uma forma muito peculiar e se tornara escândalo nacional.

— Será que é verdade? Será que ele é como eu? — indagou a princesa.

— Acho que vale a pena descobrir — disse a criada.

Então elas partiram em uma longa viagem. Levaram duas semanas para atravessar a cavalo o Deserto Impiedoso e mais duas semanas para atravessar de navio a Grande

Catarata. Quando finalmente chegaram ao reino da Trácia, estavam queimadas pelo sol e pelo vento e quase sem recursos.

— Não posso conhecer o príncipe desse jeito! — disse a princesa.

Por isso, elas decidiram gastar o pouco dinheiro que lhes restava em uma casa de banhos, onde se lavaram, se perfumaram e passaram óleos no corpo. Quando saíram, a princesa estava tão bonita que deixou boquiabertos todos que a olhavam, fossem homens ou mulheres.

— Vou mostrar ao meu pai que é possível alguém querer se casar comigo! Vamos conhecer esse príncipe peculiar.

As duas foram até o palácio e perguntaram pelo príncipe, mas receberam uma resposta muito decepcionante.

— Lamento, mas o príncipe faleceu — informou um guarda do palácio.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou a criada.

— Ele foi acometido por uma doença misteriosa e morreu à noite. Foi tudo muito repentino.

— Exatamente a mesma coisa que o rei disse que aconteceu com a senhora — sussurrou a criada para a princesa.

Naquela noite, elas penetraram nas masmorras do palácio às escondidas e encontraram, na cela mais escura e úmida, uma lesma de jardim gigante com a cabeça de um jovem muito bonito.

— O senhor é o príncipe? — perguntou a criada a ele.

— Sim, sou — respondeu a criatura repulsiva. — Quando fico deprimido, meu corpo se transforma em uma massa gelatinosa e trêmula. Quando finalmente descobriu isso, minha mãe me trancou aqui embaixo, e agora, como podem ver, eu me tornei uma lesma quase dos pés à cabeça. — O príncipe rastejou na direção das grades da cela, seu corpo deixando um rastro de mancha escura no chão. — Mas tenho certeza de que ela vai pensar melhor e me soltar em breve.

A princesa e a criada trocaram um olhar de constrangimento.

— Bem, temos uma boa e uma má notícia — falou a criada. — A má notícia é que sua mãe disse a todo mundo que você morreu.

O príncipe começou a se lamentar e a gemer, e logo um par de antenas gelatinosas começou a crescer em sua testa. Agora, até sua cabeça estava assumindo as características de lesma.

— Espere! Ainda tem a boa notícia! — tentou a criada.

— Ah, sim, esqueci — disse o príncipe, e as antenas pararam de crescer. — E o que é?

— Esta é a princesa de Frankenburgo — disse a criada.

A princesa deu um passo à frente, entrando em um foco de luz, e pela primeira vez o príncipe viu sua grande beleza.

— Você é uma *princesa*? — gaguejou ele, arregalando os olhos.

— Isso mesmo — confirmou a criada. — E ela veio resgatá-lo.

O príncipe ficou empolgado ao ouvir a notícia.

— Não acredito! Mas como?

Suas antenas estavam encolhendo, e a massa que constituía a parte superior de seu corpo já começava a se separar, recuperando a forma de braços e de um tronco humano. Ele estava voltando ao normal.

— Assim! — disse a princesa, e cuspiu um jato de ácido venenoso na porta da cela do príncipe.

A fechadura chiava e fumegava conforme derretia.

O príncipe recuou, assustado.

— *O que* você é? — perguntou ele.

— Eu sou peculiar, como você! Quando meu pai descobriu meu segredo, também me renegou e me prendeu. Sei como está se sentindo!

Enquanto ela falava, a língua bifurcada saiu brevemente de sua boca.

— E sua língua… é parte do que há de… de *errado* com você?

— A língua e isto — disse a princesa, tirando um braço do vestido para mostrar a ele as escamas que cobriam suas costas.

— Entendo. Eu deveria ter imaginado que era bom demais para ser verdade — disse o príncipe, novamente com a voz triste.

Quando uma lágrima escorreu por seu rosto, seus braços começaram a desaparecer junto ao tronco, formando novamente uma massa trêmula de corpo de lesma.

— Por que você está triste? Nós formamos um par perfeito! Juntos, podemos mostrar a nossos pais que somos aptos para o casamento, que não somos lixo. Podemos unificar nossos reinos e um dia, talvez, tomar nosso trono de direito — disse a princesa.

— Você só pode estar louca! — gritou o príncipe. — Como eu poderia amá-la? Você é repulsiva, uma aberração!

A princesa ficou sem fala. Não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Ah, isso é tão humilhante! — gritou o príncipe.

Então, antenas brotaram da testa dele, seu rosto desapareceu e ele se transformou em

lesma dos pés à cabeça, estremecendo e gemendo enquanto tentava chorar sem boca.

A princesa e a criada viraram o rosto, com ânsia de vômito, e foram embora, deixando o príncipe ingrato para apodrecer no calabouço.

— Chega de príncipes para mim. Peculiares ou não — disse a princesa.

Elas cruzaram novamente a Grande Catarata e o Deserto Impiedoso, voltando para casa. Encontraram o reino em guerra contra a Galácia e a Frísia, que tinham se unido contra Frankenburgo. O rei havia sido deposto e preso, e os frísios o tinham substituído por um duque. Esse duque era um homem solteiro, que, depois de estabelecer seu domínio e pacificar o país, começou a procurar uma noiva. O emissário enviado por ele encontrou a princesa trabalhando em uma estalagem.

— Você aí! — gritou ele ao vê-la limpando uma mesa. — O duque está à procura de uma noiva.

— Boa sorte para ele. Não estou interessada.

— Sua opinião não importa — retrucou o emissário. — Venha comigo imediatamente.

— Mas eu não sou da realeza! — mentiu ela.

— Isso também não importa. O duque quer a mulher mais bonita do reino, e pode muito bem ser você.

A princesa estava começando a ver a beleza como uma maldição.

Ela recebeu um belo vestido para usar e foi levada até o duque. Quando o viu, um calafrio percorreu o corpo da jovem: aquele duque frísio era um dos homens que tinham tentado matá-la; era o assassino que fugira.

— Eu a conheço de algum lugar? Você me é familiar — disse o duque.

A princesa estava cansada de se esconder e de mentir, por isso contou a verdade.

— Você tentou me matar uma vez, a mim e a meu pai. Já fui a princesa de Frankenburgo.

— Achei que você tivesse morrido!

— Não. Meu pai mentiu.

— Então eu não fui o único que tentou matar você — disse o homem, com um sorriso.

— Acho que não.

— Gosto de sua honestidade. Gosto também de sua coragem. Você tem uma constituição forte, e nós, frísios, admiramos isso. Não posso fazer de você minha esposa, porque você poderia me matar durante o sono, mas, se aceitar, gostaria de nomeá-la minha conselheira. Seu ponto de vista único seria muito valioso.

A princesa aceitou de bom grado. Ela voltou a morar no palácio com sua criada, assumiu uma posição de destaque no governo do duque e nunca mais cobriu a boca para falar, pois não precisava mais esconder quem era.

Passado algum tempo, ela fez uma visita ao pai, que continuava preso no calabouço. Ele usava uma roupa de aniagem suja e não parecia nada majestoso.

— Vá embora daqui. Você é uma traidora e eu não tenho nada para lhe dizer — rosnou ele.

— Bom, eu tenho uma coisa para dizer ao senhor. Embora ainda esteja com raiva, quero que saiba que o perdoo. Hoje eu entendo que o que fez comigo não foi a atitude de um homem mau, mas de um homem comum.

— Está bem, obrigado pelo lindo discurso. Agora vá embora.

— Como quiser.

A princesa se afastou, mas parou à porta.

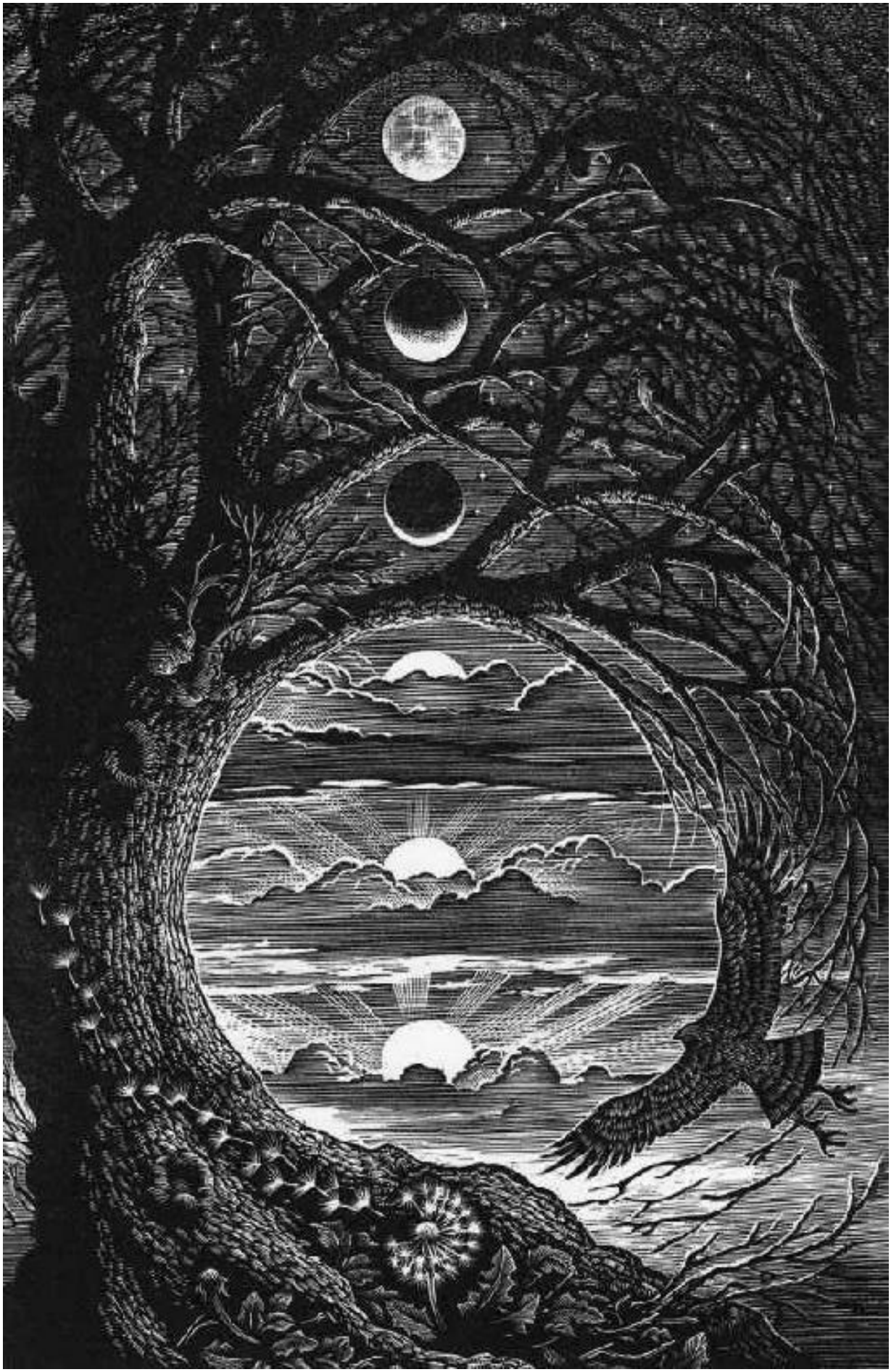
— Por falar nisso, estão planejando enforcá-lo amanhã de manhã.

Com essa notícia, o rei se encolheu em posição fetal e caiu no choro. Era uma cena tão patética que a princesa sentiu pena. Apesar de tudo o que seu pai tinha feito, naquele momento a mágoa que ela sentia se desfez. Ela usou seu veneno para derreter a tranca da cela, tirou-o dali, disfarçou-o de mendigo e o mandou fugir na mesma direção para a qual ela própria fugira uma vez. Ele não agradeceu, nem mesmo olhou para trás. Quando o pai desapareceu de vista, a princesa foi tomada por uma súbita felicidade desmedida, pois seu ato de bondade havia libertado os dois.

---

[1] Os nomes dos países são fictícios, embora em algumas versões regionais da história sejam substituídos por nomes de lugares reais. Em uma das versões, Frankenburgo é a Espanha; em outra, a Galácia é a Pérsia. Em todos os casos, porém, a história se mantém inalterada.

[2] Antigamente havia um líquido muito ácido disponível para compra no mercado negro peculiar, capaz de corroer metal. Os frascos eram revestidos de pele de cobra. Chamava-se Cuspe de Princesa, sem dúvida em referência a este conto. Depois de vários incidentes desagradáveis decorrentes do mau uso desse líquido, autoridades peculiares proibiram a produção, de modo que os frascos de Cuspe de Princesa ainda disponíveis hoje se tornaram itens de colecionador.



Nota do editor:

Embora possamos afirmar com segurança que muitos dos personagens dos Contos *realmente viveram e caminharam sobre a terra,* é *difícil confirmar a veracidade de qualquer outro elemento destas narrativas. Antes de serem registradas por escrito, nossas histórias foram transmitidas oralmente por muitos séculos, sendo, portanto, altamente suscetíveis a alterações, cada contador embelezando sua narrativa como considerasse melhor. O resultado é que hoje elas são quase lendas, e têm um caráter — além de seu valor literário — essencialmente moral. A história da primeira* ymbryne *da Grã-Bretanha é uma exceção notável. É uma das poucas cuja autenticidade histórica pode ser detalhadamente comprovada. Os eventos descritos foram confirmados não apenas por muitas fontes contemporâneas, mas também pela própria* ymbryne *citada (em seu famoso livro de encíclicas,* Uma coletânea de caudas emplumadas*). É por isso que o considero o mais significativo de todos os contos, sendo ao mesmo tempo uma parábola moral, uma narrativa cativante e uma crônica de valor inegável na história dos peculiares.*

— MN

A PRIMEIRA *YMBRYNE* não era uma mulher que podia se transformar em ave, mas uma ave que podia se transformar em mulher. Ela nasceu em uma família de milhafres, caçadores ferozes que não gostavam do hábito da irmã de se tornar uma criatura corpulenta e terrestre em momentos inesperados, pois suas mudanças repentinas de tamanho os derrubavam do ninho e sua fala estranha e balbuciante atrapalhava as caçadas. O pai deu a ela o nome de Ymeene, que na língua trinada dos milhafres significa "estranha", e ela sentia o fardo solitário dessa solidão desde que completou idade suficiente para erguer a cabeça.

Os milhafres são territoriais e orgulhosos, e não há nada de que gostem mais do que uma boa luta sangrenta. Com Ymeene não era diferente. Quando eclodiu uma guerra territorial entre sua família e um bando de tartaranhões, ela lutou com bravura, determinada a provar que era tão milhafre quanto os irmãos. As outras aves, além de maiores e mais fortes, estavam em maior número, mas o pai de Ymeene se recusou a admitir a derrota, mesmo quando os filhos começaram a morrer nos embates. No fim, eles expulsaram os tartaranhões, mas Ymeene ficou ferida e todos os seus irmãos foram mortos, com exceção de um. Sem compreender para que tudo aquilo tinha servido, ela perguntou ao pai por que não tinham simplesmente fugido e encontrado outro ninho onde viver.

— Precisávamos defender a honra da família — explicou ele.

— Mas agora nossa família está morta. Que honra há nisso? — questionou Ymeene.

— Imagino que uma criatura como você não consiga entender.

E, após dizer essas palavras, ele aprumou as penas, saltou no ar e saiu voando para caçar.

Ymeene não o seguiu. Ela tinha perdido o gosto pela caça, por sangue e por luta também, o que para um milhafre era ainda mais estranho do que se transformar em humano de vez em quando. Talvez ela não devesse ter nascido um gavião, pensou enquanto descia voando para o solo da floresta e aterrissava com pernas humanas. Talvez tivesse nascido no corpo errado.

Ymeene ficou perambulando por muito tempo. Ela se mantinha perto de povoamentos humanos, observando-os da segurança das árvores. Como havia parado de caçar, foi a fome que finalmente a fez ter coragem de entrar em uma aldeia, para roubar um pouco de comida (milho torrado que havia sido jogado para as galinhas, tortas deixadas no batente de janelas para esfriar, panelas de sopa não vigiadas). E descobriu que gostava do lugar. Ela aprendeu um pouco de língua humana, para poder conversar

com os habitantes, e descobriu que gostava da companhia deles ainda mais que da comida. Gostava de ouvi-los rir e cantar e demonstrar amor uns pelos outros. Assim, ela escolheu uma aldeia qualquer para morar.

Um senhor bondoso deixou que ela se instalasse em seu celeiro, e a esposa desse senhor a ensinou a costurar, para que ela tivesse um ofício. Tudo estava correndo tranquilamente, até que, alguns dias depois, o padeiro da aldeia a viu se transformar em ave. Ymeene ainda não tinha se acostumado a dormir na forma humana, então toda noite voltava a ser milhafre, voava para o alto das árvores e dormia com a cabeça embaixo da asa. Os aldeões, chocados ao saber disso pelo padeiro, a acusaram de feitiçaria e a perseguiram com tochas, expulsando-a da aldeia.

Triste porém determinada, Ymeene saiu sem rumo de novo e encontrou outro vilarejo. Dessa vez, ela tomou cuidado para não deixar que ninguém a visse se transformar em ave, mas mesmo assim os aldeões pareciam desconfiar dela. Para a maioria das pessoas, Ymeene tinha alguma coisa estranha (havia sido criada por gaviões, afinal de contas), e não demorou muito para que também fosse expulsa daquela nova aldeia. Novamente triste, ela se perguntou se haveria algum lugar no mundo ao qual pertencesse.

Certa manhã, à beira do desespero, Ymeene se deitou e observou o sol nascer em uma clareira na floresta. Foi um espetáculo de tamanha beleza que a fez esquecer os problemas por um momento, e, quando terminou, ela desejou desesperadamente ver aquilo mais uma vez. Em um instante o céu escureceu e o amanhecer voltou a surgir, e ela se deu conta de que tinha outro talento além da habilidade de mudar de forma: podia fazer pequenos momentos se repetirem. Passou dias se divertindo com esse truque, repetindo o salto gracioso de um veado ou um raio oblíquo do sol da tarde só para poder apreciar melhor a beleza daqueles instantes, o que a animava imensamente. Estava repetindo a primeira queda de neve imaculada quando uma voz a assustou.

— Com licença, mas é *você* que está fazendo isso acontecer?

Ela se virou e viu um jovem de túnica verde curta e sapatos de pele de peixe. Era um traje estranho, mas ainda mais estranho era o fato de ele carregar a cabeça embaixo do braço, totalmente desconectada do pescoço.

— Ora, e essa sua cabeça, o que aconteceu com ela?

— Mil desculpas! — disse o jovem, como se tivesse acabado de perceber que estava com a braguilha aberta, e, com grande embaraço, botou a cabeça de volta no pescoço. — Isso foi muito rude de minha parte.

O rapaz se apresentou como Englebert. Como Ymeene não tinha para onde ir, ele a convidou para voltar com ele. Era um povoado simples, com tendas como moradias e fogueiras para cozinhar, e as poucas pessoas que ali viviam eram tão estranhas quanto Englebert. Na verdade, eram tão estranhas que a maioria delas, assim como Ymeene, tinha sido expulsa de sua terra natal. Elas a receberam bem, mesmo depois de vê-la se transformar em gavião, e lhe mostraram alguns dos talentos especiais que possuíam. Ymeene viu que, afinal de contas, não estava sozinha. Talvez houvesse, sim, um lugar para ela no mundo.

Aquelas pessoas eram, é claro, antigos peculiares da Grã-Bretanha, e o que Ymeene não sabia era que os havia encontrado durante um dos períodos mais sombrios da história do mundo peculiar. Houve uma época em que os peculiares eram não apenas aceitos, mas até mesmo reverenciados pelas pessoas comuns, com quem conviviam sem problemas, mas nos últimos tempos eles vinham enfrentando a ignorância, e as pessoas comuns andavam desconfiadas deles. Sempre que acontecia uma tragédia impossível de ser explicada pela rudimentar ciência da época, os peculiares eram feitos de bode expiatório. Quando, certa manhã, a aldeia de Pequeno Desencanto acordou e descobriu todos os seus carneiros carbonizados, teriam os aldeões concluído que os animais haviam sido fulminados por uma tempestade de raios? Não: eles culparam o peculiar que morava ali e o expulsaram para viver na floresta. Quando as tecelãs de Remendo passaram uma semana sem conseguir parar de rir, teriam os aldeões culpado a lã infestada de ácaros contaminados pela Febre do Riso? Claro que não: eles atribuíram isso a duas irmãs peculiares e as enforcaram.

Tais ultrajes se repetiram por todo o país, com os peculiares sendo expulsos da sociedade para viverem em bandos como aquele ao qual Ymeene se juntara. Não era uma utopia: eles viviam juntos porque não podiam confiar em mais ninguém. O líder daquela aldeia se chamava Tombs, um gigante de barba ruiva amaldiçoado com a voz aguda de um pardal. Por conta disso, era difícil que o levassem a sério, mas ele se levava *muito* a sério, e nunca deixava que esquecessem o fato de ele ser membro do Conselho de Peculiares Notáveis.[1]

Ymeene evitava Tombs, pois havia desenvolvido certa repulsa a homens orgulhosos. Ela passava os dias com Englebert, seu amigo engraçado e às vezes meio desmiolado. Ela o acompanhava até a horta do acampamento e o ajudava a recolher lenha para as fogueiras, e ele, por sua vez, a ajudava a conhecer os outros peculiares da aldeia. Todos se afeiçoaram rapidamente a Ymeene, que começou a considerar o acampamento como

seu lar adotivo, e os peculiares como sua segunda família. Ela contava a eles sobre sua antiga vida como gavião e os divertia repetindo momentos (uma vez, repetiu várias vezes o incidente em que Tombs tropeçou em um cachorro adormecido até toda a aldeia estar morrendo de rir), e eles a presenteavam com contos da rica história do mundo peculiar. Na memória de Ymeene, aquela foi a época mais feliz de sua vida.

Durante alguns dias, a bolha de tranquilidade da aldeia era perfurada eventualmente por movimentos tristes do mundo exterior. Peculiares desesperados chegavam em um fluxo constante, fugindo do terror e da perseguição que sofriam. Todos relatavam histórias parecidas: tinham vivido normalmente até serem acusados de algum crime absurdo e expulsos, ao menos escapando com vida. (Tal como as pobres irmãs de Remendo, nem todos tiveram a mesma sorte.) Os peculiares deram as boas-vindas aos recém-chegados da mesma forma que tinham feito com Ymeene, mas, depois de quase um mês de afluência, o vilarejo tinha passado de apenas quinze para cinquenta peculiares. Não havia espaço nem alimento suficiente para que as coisas continuassem daquele jeito indefinidamente, e um mau presságio começou a pesar sobre eles.

Certo dia, um outro representante do Conselho de Peculiares Notáveis chegou ao vilarejo. Ele tinha uma expressão amarga e ficou horas na tenda de Tombs, e quando os dois finalmente emergiram de lá, reuniram todos para dar notícias preocupantes. Peculiares já haviam sido expulsos de muitas de suas cidades e aldeias, e agora estavam sendo banidos de Oddfordshire. Haviam reunido um contingente de lutadores armados que logo alcançaria os peculiares. A questão, agora, era se os peculiares deveriam lutar ou fugir.

É desnecessário dizer que os peculiares ficaram assustados e bastante hesitantes.

— Não vale a pena morrer por esses morros e essas tendas frágeis — pronunciou-se uma jovem, olhando ao redor. — Por que não recolhemos nossas coisas e vamos viver na floresta?

— Não sei quanto a vocês, mas eu estou cansado de fugir. Voto por ficarmos e lutarmos. Precisamos resgatar nossa dignidade! — bradou Tombs.

— Essa também é a recomendação oficial do Conselho — acrescentou o conselheiro, com expressão amarga.

— Mas não somos soldados. Não temos treinamento de guerra — argumentou Englebert.

— Eles são uma força pequena e não têm armamento pesado — explicou Tombs. — Acham que somos covardes, prontos para fugir à primeira ameaça, mas estão nos

subestimando.

— Mas não vamos precisar de armas? Espadas, clavas e coisas assim? — perguntou outro homem.

— Estou surpreso, Eustace — interpelou Tombs. — Não é você que consegue virar o rosto de um homem do avesso, só puxando o nariz?

— Bem… sim — concordou o homem, com timidez.

— E você, Millicent Neary, já a vi acender fogueiras apenas com um sopro. Imagine como vão ficar aterrorizados quando você queimar as roupas deles!

— Isso é um cenário e tanto! Sim, seria incrível enxotá-los, só para variar — disse Millicent.

Um burburinho começou entre o grupo.

— Sim, seria *incrível*.

— Eles estão merecendo isso há muito tempo.

— Vocês souberam o que aconteceu com Titus Smith? Fizeram picadinho dele e o deram para os próprios porcos comerem!

— Se não resistirmos agora, eles não vão parar nunca.

— Justiça para Titus! Justiça para todos nós!

Com pouco esforço, os conselheiros haviam incitado fervor entre os peculiares. Até Engelbert, de modos suaves, estava ávido por luta. Ymeene, que sentira o estômago se revirar à primeira menção de uma batalha, não conseguiu mais ouvir. Ela escapou da aldeia e saiu para uma longa caminhada na floresta. Quando voltou, à noite, encontrou Englebert perto da fogueira onde cozinhava. Seu ânimo arrefecera, mas não a decisão de lutar.

— Vamos embora — sugeriu Ymeene. — Podemos recomeçar em outro lugar.

— Para onde iríamos? Eles querem nos expulsar de Oddfordshire.

— Wontshire. Therefordshire. Peacewickshire. Você prefere morrer em Oddfordshire a viver em qualquer outro lugar?

— É apenas uma dúzia de homens. Como ficaria nossa imagem se fugíssemos de uma ameaça tão insignificante?

Mesmo com a vitória praticamente garantida, Ymeene não queria tomar parte naquilo.

— Não vale a pena sacrificar um fio de cabelo sequer por nossa imagem, muito menos uma vida — argumentou ela.

— Então você não vai lutar?

— Eu já perdi uma família para a guerra. Não vou ficar para ver outra se lançar ao

fogo por vontade própria.

— Se você for embora, vão pensar que é uma traidora. Você nunca vai conseguir voltar.

Ela olhou bem nos olhos de Englebert ao perguntar:

— E o que você vai pensar?

Englebert olhou fixamente para o fogo, tentando encontrar as palavras. Encarando o silêncio entre eles como resposta suficiente, Ymeene saiu dali para sua tenda. Quando se deitava para dormir, foi tomada por uma grande tristeza. Tinha certeza de que seria sua última noite como humana.

Ymeene partiu aos primeiros sinais do amanhecer, antes que qualquer um tivesse acordado. Não aguentava despedidas. Ela saiu do acampamento, transformou-se em gavião e, quando alçou voo, se perguntou se algum dia encontraria outro grupo que a aceitasse, fossem humanos ou aves.

Ymeene estava voando havia apenas alguns minutos quando avistou, lá no chão, a força de combate das pessoas comuns reunida. Mas não era um grupo improvisado, com algumas dúzias de homens: era um exército de centenas, com armaduras reluzentes encobrindo os morros.

Os peculiares seriam massacrados! Na mesma hora ela voltou para alertá-los. Encontrou Tombs na tenda em que morava e contou a ele o que tinha visto.

Ele não pareceu surpreso.

Ele *sabia*.

— Por que não contou aos outros que eram tantos soldados? Você mentiu! — acusou ela.

— Eles teriam ficado aterrorizados. Não teriam se comportado com dignidade.

— É *claro* que ficariam aterrorizados! A essa altura, já deviam ter fugido!

— Isso não valeria de nada. O rei deles ordenou o expurgo de peculiares na Grã-Bretanha, das montanhas ao mar. Acabariam nos encontrando de qualquer jeito.

— Não se deixarmos a Grã-Bretanha — disse Ymeene.

— Deixar a Grã-Bretanha! — exclamou ele, chocado. — Mas estamos aqui há séculos!

— Morrer é para sempre — retrucou Ymeene.

— É questão de honra. Imagino que uma ave não compreenda.

— Eu compreendo bem até demais — respondeu ela, e foi alertar os outros.

Mas era tarde: o exército já havia chegado, um enxame de soldados fortemente armados. Pior ainda: agora os peculiares não podiam nem fugir, pois estavam cercados.

Os peculiares se agruparam, aterrorizados. A morte parecia inevitável. Ymeene poderia ter mudado de forma e voado para longe dali, e os próprios peculiares insistiram para que ela fizesse isso, mas ela não conseguiu abandoná-los. Eles tinham sido enganados, e o sacrifício que estavam prestes a fazer não era mais voluntário. Agora, se ela partisse, não seria por princípio, mas por descaso e deslealdade. Ymeene cruzou o acampamento abraçando cada um de seus amigos. Englebert foi quem a abraçou com mais força e, mesmo depois de soltá-la, ficou olhando fixamente para ela.

— O que foi? — perguntou Ymeene.

— Estou memorizando o rosto de minha amiga. Para me lembrar de você mesmo na morte.

O silêncio caiu sobre o acampamento, e por algum tempo os únicos sons eram o ribombar e o clangor do exército que se aproximava. Então o sol saiu de trás de uma nuvem escura, banhando a terra em luz cintilante, e Ymeene achou aquela visão tão linda que desejou poder vê-la mais uma vez antes de morrer. Então ela a repetiu, e os peculiares ficaram tão hipnotizados que Ymeene a repetiu uma segunda vez. Só então eles perceberam que, nos minutos que passaram observando o sol, o exército não tinha se aproximado nem um pouco. A cada repetição os inimigos reapareciam mais longe, a muitas centenas de metros.

Foi assim que Ymeene entendeu a utilidade que tinha seu dom de voltar o tempo, algo que ela nunca havia percebido. Esse poder viria a mudar o mundo peculiar para sempre, embora ela não soubesse disso naquele momento. Ymeene tinha criado um lugar seguro para eles, uma bolha de tempo imobilizado, e os peculiares observavam, fascinados, o exército normal avançando em sua direção para em seguida desaparecer, repetidas vezes, os mesmos três minutos.

— Por quanto tempo você acha que consegue fazer isso? — perguntou Englebert a ela.

— Não sei. Só repeti poucas vezes um único momento. Mas acho que posso continuar por um bom tempo.

Tombs surgiu de sua tenda, intrigado e enfurecido.

— O que está fazendo? Pare já com isso! — gritou ele com Ymeene.

— Por quê? Estou salvando a vida de todos nós!

— Você está apenas adiando o inevitável. Pela autoridade do Conselho, eu ordeno que desista imediatamente!

— Seu Conselho me enoja! Vocês não passam de mentirosos! — acusou Millicent Neary.

Quando Tombs começou a enumerar as punições que aguardavam quem desafiasse as ordens do Conselho, Eustace Corncrake marchou até ele e puxou seu nariz, virando do avesso o rosto do sujeito. Tombs saiu correndo, ganindo ameaças, com a cabeça toda rosa.

Ymeene continuou a voltar o tempo. Os peculiares se reuniram em torno dela, animando-a, mas, no fundo, temendo que ela não conseguisse prolongar aquilo para sempre. E Ymeene tinha a mesma preocupação: precisava repetir o processo a cada três minutos, então não poderia dormir, mas em algum momento seu corpo a forçaria ao sono, e o exército que assomava perpetuamente ao longe se aproximaria e, finalmente, os esmagaria.

Depois de dois dias e uma noite, Ymeene não podia mais confiar em sua força de vontade para permanecer acordada, por isso Englebert se ofereceu para se sentar ao lado dela e cutucá-la toda vez que seus olhos se fechassem. Mais um dia e uma noite se passaram, e o próprio Englebert começou a pegar no sono. Eustace Corncrake se ofereceu para se sentar ao lado de Englebert e cutucá-lo para que Englebert a cutucasse, e quando Eustace começou a perder a batalha contra o sono, Millicent Neary se ofereceu para se sentar ao lado dele e jogar água em seu rosto sempre que seus olhos se fechassem. Assim, todo o acampamento de peculiares se sentou em uma longa fileira, todos ajudando Englebert a ajudar Ymeene a permanecer acordada.

Passados quatro dias e três noites, Ymeene ainda não tinha deixado de reiniciar o processo nenhuma vez. No entanto, estava começando a ter alucinações, em consequência da exaustão. Ela achou ter visto seus irmãos mortos chegando para visitá-la, cinco milhafres voando em círculos acima do acampamento. Eles gritavam palavras que não faziam sentido:

Outra vez!

Outra!

De novo! De novo!

Volte a volta de volta!

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça, então bebeu um pouco da água que Millicent Neary estava jogando em Eustace Corncrake. Quando tornou a erguer os olhos, seus irmãos fantasmagóricos tinham desaparecido, mas as palavras permaneciam. Ymeene se perguntou se os irmãos estavam tentando transmitir alguma mensagem útil ou, talvez, de alguma forma, o próprio instinto.

De novo! De novo!

A resposta surgiu no quinto dia. Ou melhor, *uma* resposta: ela não sabia se era a certa, mas estava totalmente segura de que daquele jeito não duraria nem mais um dia. Dali a pouco, nenhuma quantidade de cutucões impediria que ela dormisse.

Ela voltou o tempo mais uma vez. (Já tinha perdido a conta de quantas vezes fizera aquele sol surgir por trás da nuvem, mas devia ter sido milhares.) Então, apenas alguns segundos depois de voltar o tempo, voltou de novo: uma volta *no interior* da primeira volta.

Os resultados foram instantâneos e bizarros. Houve uma espécie de duplicação de tudo em torno deles (o sol, a nuvem, o exército), como se a visão de todos tivesse se turvado. O mundo levou um tempo para voltar ao foco, e, quando voltou, tudo estava um pouco *mais velho* do que antes. O sol estava mais atrás da nuvem. O exército estava mais distante. E dessa vez levou seis minutos, não três, para que o sol saísse de trás da nuvem.

Aí ela voltou o tempo uma segunda vez dentro da primeira volta, e assim o tempo voltou doze minutos, e uma terceira vez, e o tempo voltou vinte e quatro minutos. Quando conseguiu voltar uma hora no tempo, ela tirou um cochilo. E, ao acordar, fez mais uma volta no tempo: era como se estivesse enchendo um recipiente de ar ou água; ela podia sentir a pele do momento original se expandir para abarcar todas aquelas horas até ficar cheia ao limite, retesada como um balão.

A fenda temporal criada por Ymeene tinha vinte e quatro horas de duração e começava na manhã do dia anterior, muito antes de haver um exército no horizonte. Os outros peculiares ficaram tão impressionados e agradecidos que tentaram chamá-la de *rainha Ymeene* e *sua majestade*, mas ela não aceitou nada disso. Ela era apenas Ymeene, e ter criado um lugar seguro, um ninho, para seus amigos era a maior alegria que já sentira.

Agora, embora estivessem a salvo, os problemas dos peculiares daquela aldeia estavam longe de ter um fim. O exército dos comuns continuou a aterrorizar peculiares pelo país, e, conforme se espalhava a informação de que havia uma fenda temporal em Oddfordshire, sobreviventes e refugiados chegavam com frequência cada vez maior.[2]

Em algumas semanas o número de habitantes dobrou, indo de cinquenta para cem. Havia vários membros do Conselho de Peculiares Notáveis (entre eles, Tombs, cujo rosto já tinha se desvirado). Embora não parecessem mais interessados em reverter a fenda, os conselheiros tentaram manter sua autoridade insistindo em não aceitar mais nenhum recém-chegado. Mas todos se submetiam a Ymeene — era a fenda dela, afinal de contas —, e ela nem queria ouvir falar em recusar pessoas, mesmo com o acampamento chegando ao limite máximo.

Os conselheiros, com raiva, ameaçaram todos de punição. Em contrapartida, foram acusados de mentir para os habitantes da aldeia e manipulá-los para provocar uma guerra. E, embora obviamente não fosse verdade, os conselheiros colocaram a culpa em Tombs, alegando que ele tinha agido sozinho. Também apontaram o dedo para Ymeene e a acusaram de usurpar a autoridade legítima dos conselheiros, uma transgressão pela qual ela deveria ser banida para o Deserto Impiedoso. Nesse momento, as pessoas se ergueram em defesa dela, jogaram lama nos conselheiros (talvez até um pouco de excremento) e os expulsaram do acampamento.[3]

Ao longo das semanas seguintes, os peculiares continuaram procurando Ymeene para obter liderança e orientação. Além de garantir que a fenda continuasse ativa, ela era convocada para solucionar conflitos pessoais, para dar o voto final sobre quais regras do Conselho manter, para punir aqueles que desobedecessem as regras mantidas, e assim por diante. Ela se adaptou rapidamente ao novo papel, mas também ficou intrigada. De todos os peculiares da fenda, ela era a mais nova e menos experiente. Aliás, fazia apenas seis meses que era humana em tempo integral! Mas os peculiares viam sua inexperiência como vantagem: ela tinha frescor e era imparcial, era neutra e justa, e tinha uma aura de digna sabedoria que lembrava mais o universo das aves que o humano.

O problema era que, mesmo com toda a sua sabedoria, Ymeene não conseguia solucionar o maior problema deles: mais de cem peculiares viverem em um espaço que tinha apenas cem metros de um lado a outro. Depois de criada, uma fenda poderia ser ampliada para durar mais tempo, mas não era possível aumentar o espaço, e Ymeene só havia incluído na fenda as poucas barracas de seu pequeno acampamento. Eles não tinham muita comida, e, embora seus estoques reaparecessem todo dia quando a fenda reiniciava, nunca era suficiente para alimentar a todos. (Fora da fenda havia caído um inverno forte, então havia pouco para caçar ou colher; era mais fácil encontrarem um bando itinerante de comuns que uma refeição, pois os comuns tinham se tornado obcecados em encontrar os peculiares que haviam desaparecido bem diante de seus olhos.)

Certa noite, Ymeene estava discutindo sobre isso com Englebert em torno de uma fogueira, enquanto várias pessoas cozinhavam por ali.

— O que vamos fazer? Se ficarmos aqui, morreremos de fome. Se fugirmos, seremos caçados — ponderava ela.

Englebert havia removido a cabeça e a pousado no colo, de modo que podia coçar o cabelo com as duas mãos, algo que fazia quando estava mergulhado em pensamentos.

— Você conseguiria fazer uma fenda maior, em algum lugar com bastante comida? — perguntou ele. — Se tomarmos cuidado para não sermos vistos, poderemos nos mudar para essa outra fenda.

— Quando o inverno passar, talvez. Provavelmente morreríamos congelados em qualquer fenda nova que eu criasse agora.

— Então vamos esperar. Vamos passar um pouco de fome, até o tempo melhorar.

— E depois o quê? Mais peculiares necessitados virão, e em pouco tempo não vamos caber nessa nova fenda. Tem um limite. Não consigo lidar com tanta responsabilidade.

Englebert deu um suspiro e coçou a cabeça.

— Se ao menos você pudesse fazer uma cópia de si mesma…

Uma expressão estranha surgiu no rosto de Ymeene.

— O que você disse?

— Se você pudesse criar uma cópia de si mesma — repetiu Englebert. — Aí poderíamos criar várias fendas e nos espalhar um pouco. Facções vão nos dividir, e lutas vão eclodir. E se, que os céus nos protejam, algo trágico acontecesse com esta fenda, a população de peculiares da Grã-Bretanha seria reduzida à metade de um só golpe.

Ymeene estava encarando Englebert, mas seus olhos encaravam um ponto dele.

— Talvez — respondeu ela. — Talvez.

Pela manhã, Ymeene reuniu os peculiares da aldeia para informar a eles que se ausentaria por um tempo. Ondas de pânico se espalharam pela multidão, embora ela garantisse que voltaria a tempo para reiniciar a fenda. Eles imploraram a ela que não fosse, mas ela insistiu, afirmando que o que precisava fazer era crucial para a sobrevivência de todos.

Ymeene deixou Englebert no comando, assumiu a forma de ave e saiu voando da fenda pela primeira vez desde que a criara. Sobrevoando as florestas congeladas de Oddfordshire, ela fez a mesma pergunta a todas as aves que encontrou pelo caminho:

— Você conhece alguma ave que se transforma em humano?

Ela procurou durante um dia e uma noite, mas em toda parte a resposta era negativa. Ymeene voltou para a fenda temporal bem tarde naquela noite, cansada e desanimada, mas ainda não derrotada. Ela reiniciou a fenda, evitou as perguntas de Englebert e saiu voando outra vez, sem pausa para descanso.

Ymeene procurou insistentemente até ficar com as asas e os olhos doendo. “Será que não há no mundo inteiro uma outra criatura como eu?”, perguntava-se.

Depois de mais um dia de buscas infrutíferas, Ymeene estava quase convencida de que

era mesmo a única. Esse pensamento a deixou desesperada. E desesperadamente solitária.

Então, quando o sol estava se pondo e ela já se preparava para voltar, Ymeene sobrevoou uma clareira na floresta e viu lá embaixo um bando de francelhos, e entre eles uma mulher jovem. Tudo aconteceu em um átimo. Os francelhos a viram e levantaram voo, espalhando-se na mata. No tumulto, a jovem mulher desapareceu. Mas para onde ela poderia ter ido tão rápido?

Seria possível que ela tivesse se transformado em francelho e saído voando com os outros?

Ymeene mergulhou no ar e foi atrás deles, e por uma hora tentou encontrar os francelhos, mas francelhos são presa natural de milhafres, e eles estavam morrendo de medo de Ymeene. Ela teria que tentar outra abordagem.

Estava escuro. Ymeene voltou para a fenda temporal, reiniciou-a, devorou cinco espigas de milho assado e duas tigelas de sopa de alho-poró (voar o dia inteiro dava muita fome) e voltou à floresta dos francelhos na manhã seguinte; dessa vez, ela se aproximou da clareira não pelo ar, como milhafre, mas a pé, como humana. Quando os francelhos a viram, voaram para as árvores e ficaram parados, observando-a, cautelosos, mas sem medo. Ymeene parou no meio da clareira e se dirigiu a eles não em língua humana nem em milha-língua (a fala dos milhafres), mas usando as poucas palavras entrecortadas em francelho que ela conhecia, o melhor que sua garganta humana era capaz de reproduzir.

— Um de vocês não é como os outros — disse ela. — E é a esta jovem que estou me dirigindo. Você é ao mesmo tempo ave e humana. Eu fui abençoada e amaldiçoada com essa mesma habilidade e gostaria muito de conversar com você.

O espetáculo de uma humana falando francelhês provocou um alvoroço de pios nas árvores, e em seguida Ymeene ouviu um bater de asas. Depois de alguns instantes, uma jovem surgiu de trás de um tronco de árvore. Tinha pele morena e lisa e vestia peles e couros para se proteger do frio.

— Você entende o que eu digo? — perguntou Ymeene a ela.

A jovem mulher balançou a cabeça com hesitação. *Um pouco*, pareceu dizer.

— Sabe falar a língua humana? — perguntou Ymeene.

— *Sí, un poco* — respondeu a mulher.

Ymeene reconheceu a língua como humana, mas não conseguiu entender as palavras. Talvez a mulher fosse de um clã migratório e as tivesse aprendido em outro lugar.

— Meu nome é Ymeene — disse ela, apontando para si mesma. — Qual o seu?

A jovem limpou a garganta e emitiu um grito longo em francelhês.

— Talvez possamos chamá-la de srta. Francelho, por enquanto. Srta. Francelho, tenho uma pergunta importante para lhe fazer. Você alguma vez já fez alguma coisa acontecer… *mais de uma vez*?

Ela desenhou um círculo grande no ar com o dedo, na esperança de que a mulher entendesse a ideia de repetição.

A srta. Francelho se adiantou alguns passos, arregalando os olhos. Nesse instante, um monte de neve caiu de um galho de árvore, e, com um floreio dos braços, ela o fez desaparecer do chão e cair da árvore uma segunda vez.

— Sim! Você também consegue! — exclamou Ymeene.

Então ela acenou com a mão e também repetiu a queda da neve, e a srta. Francelho ficou boquiaberta.

Elas correram na direção uma da outra, rindo, e apertaram as mãos, gritaram e, em seguida, se abraçaram, cada uma falando empolgada em uma língua que a outra mal entendia. Os francelhos nas árvores também estavam em júbilo, e, sentindo que Ymeene era amiga, desceram voando dos galhos e esvoaçaram em torno das duas mulheres, piando de animação.

O alívio de Ymeene foi indescritível. Embora fosse peculiar mesmo entre os peculiares, agora ela sabia que não estava sozinha. Havia outras como ela, o que significava que talvez a sociedade peculiar pudesse se tornar um lugar mais seguro, não mais controlada pelos caprichos tacanhos de homens orgulhosos. Ela tinha apenas uma ideia da forma que essa sociedade poderia assumir, mas sabia que encontrar a srta. Francelho havia sido uma descoberta importante. Elas conversaram, daquele seu jeito entrecortado, por quase uma hora, e, ao final, a srta. Francelho tinha concordado em seguir Ymeene de volta à fenda.

O resto, como se diz, é história. A srta. Francelho foi viver com os peculiares. Ymeene ensinou a ela tudo o que sabia sobre fendas, e logo a srta. Francelho tinha habilidade suficiente para manter a fenda em funcionamento sozinha. Isso permitiu que Ymeene embarcasse em expedições de longa distância para encontrar mais mulheres-aves capazes de alterar o tempo, assim como ela (o que ela fez, aumentando seu número para cinco), e quando as recém-chegadas tinham sido treinadas e o inverno frio e frugal deu lugar à primavera, elas dividiram os peculiares entre si e partiram pelo país para estabelecer cinco novas fendas permanentes.

As fendas foram vistas como refúgios seguros de sanidade e ordem, e a informação se espalhou rápido. Peculiares que tinham sobrevivido aos expurgos atravessavam a Grã-Bretanha para buscar refúgio, embora, para serem admitidos, eles tivessem que aceitar viver sob as regras das mulheres-ave. Elas se tornaram conhecidas como *Ymeenes*, em homenagem à primeira de sua espécie (embora com a passagem do tempo e a mudança gradual de línguas na Grã-Bretanha a palavra tenha se transformado em *ymbrynes*).

As *ymbrynes* se reuniam duas vezes por ano, para trocar informações e cooperar umas com as outras. Por muitos anos, a própria Ymeene supervisionou os procedimentos, observando com orgulho sua rede de *ymbrynes* e fendas crescer e o número de peculiares que elas conseguiam proteger chegar a muitas centenas. Ela viveu até a idade avançada e feliz de cento e cinquenta e sete anos. Durante todo esse tempo, ela e Englebert viveram na mesma casa, mas nunca no mesmo quarto, pois se amavam com companheirismo. Foi a Peste Negra, em um de seus surtos impiedosos pela Europa, que finalmente a levou. Após a morte de Ymeene, os peculiares salvos por ela que ainda estavam vivos, junto aos filhos e netos deles, arriscaram a própria vida para atravessar um território hostil carregando-a em uma grande procissão. Seguiram rumo à floresta e, até onde sabia Englebert, à árvore onde Ymeene nascera, e a enterraram ali, entre suas raízes.[4]

---

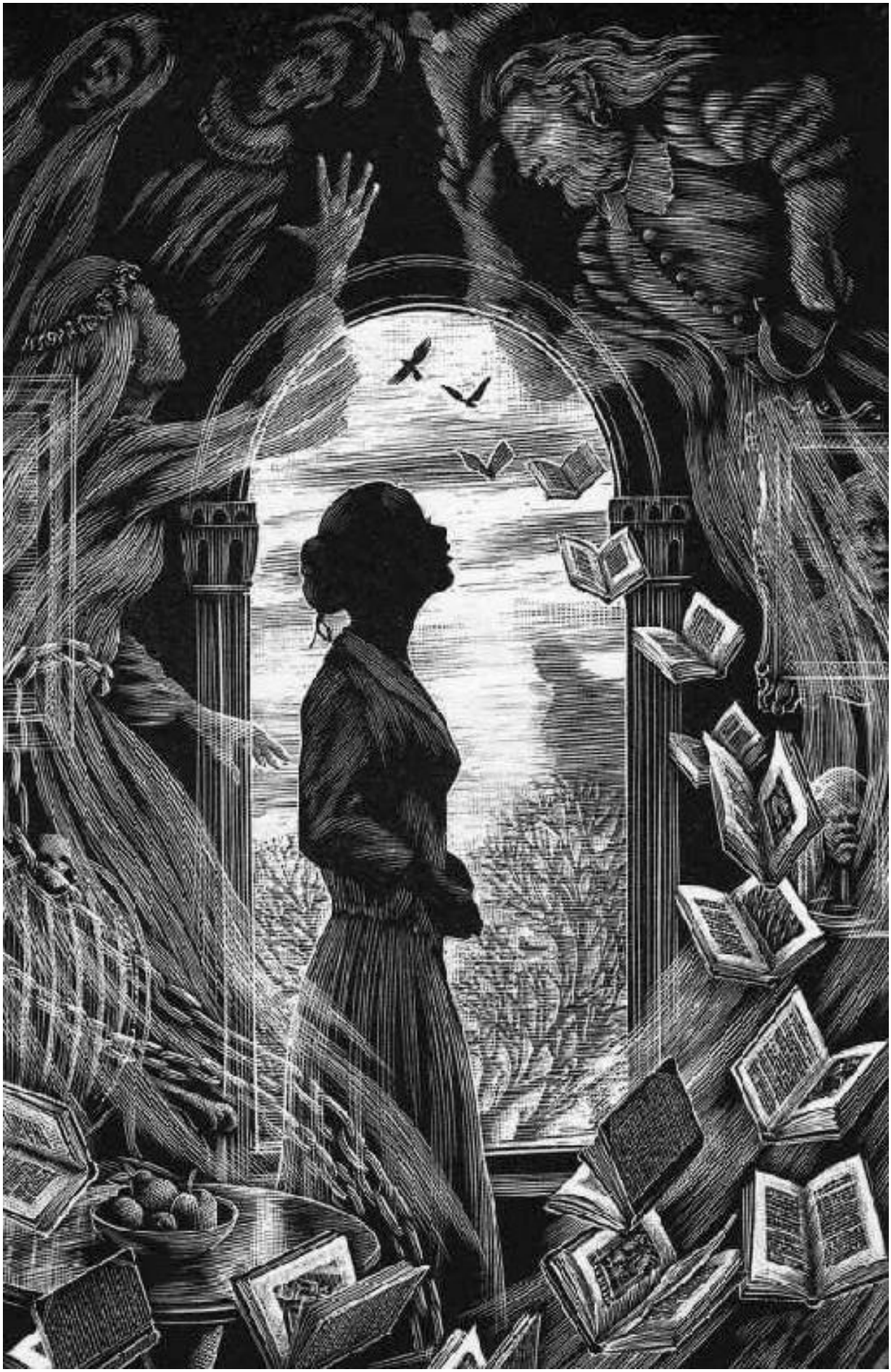
[1] O Conselho de Peculiares Notáveis, formado só por homens, precedeu o Conselho das *Ymbrynes* em muitos anos. Eram doze conselheiros muito amigáveis que se reuniam duas vezes ao ano para redigir e aperfeiçoar as leis sob as quais viviam os peculiares. Tais leis cuidavam principalmente da solução de conflitos (duelos eram permitidos), das circunstâncias sob as quais os peculiares podiam usar suas habilidades perto dos normais (sempre que era de seu interesse) e da miríade de penalidades por quebrar as regras (que iam de simples reprimendas ao banimento).

[2] Apesar de este conto não as mencionar, provavelmente porque são numerosas demais, muitas descobertas notáveis em relação ao comportamento e à função das fendas foram feitas nessa época. Incluem-se aí o conceito de envelhecimento retardado, os limites de acesso a não peculiares, as saídas duplas de uma fenda para o passado e o presente e, talvez, até os rudimentos da teoria do fluxo do tempo e os problemas de fluxos paralelos. Tudo isso faz de Ymeene não apenas a primeira *ymbryne* da Grã-Bretanha, mas uma verdadeira pioneira em fendologia. As contribuições de seu amigo Englebert também não devem ser subestimadas: sua cabeça removível abrigava uma mente científica aguçada, e, não fossem suas anotações detalhadas, muitas das descobertas de Ymeene teriam se perdido.

[3] Essa pequena revolta popular marcou o início da liderança matriarcal das *ymbrynes*, mas não foi uma ruptura simples. O Conselho e seus parceiros não abriram mão do

poder com tanta facilidade e, nos anos seguintes, tramaram uma série de golpes malsucedidos. Mas isso é história para outra ocasião.

[4] A árvore de Ymeene foi, por anos e anos, destino de peregrinos, mas a localização se perdeu há muito tempo. Uma das penas marrons e negras de sua cauda, entretanto, foi salva, uma relíquia que ainda pode ser vista no Panteão de Notáveis, protegida atrás de um vidro.



HAVIA UMA MULHER peculiar chamada Hildy. Ela tinha um tom de voz alto e alegre, sua pele era morena-escura e ela via fantasmas. Não tinha o menor medo deles. Quando criança, sua irmã gêmea morrera afogada, e o fantasma dela tinha sido sua melhor amiga durante a infância. Elas faziam tudo juntas: corriam pelos campos de papoulas que cercavam a casa, brincavam de esconde-esconde na praça da aldeia e ficavam acordadas até tarde contando histórias assustadoras sobre pessoas vivas uma para a outra. A irmã-fantasma até a acompanhava à escola. Como mais ninguém a via, ela divertia Hildy fazendo caretas malcriadas para a professora e sussurrava as respostas de outros alunos para a irmã durante as provas. (Ela poderia até gritar, já que ninguém além de Hildy ouviria, mas achava melhor falar baixinho. Só por precaução.)

No dia em que Hildy completou dezoito anos, sua irmã teve que se ausentar por um tempo, para resolver alguns assuntos no além-mundo.

— Quando você volta? — perguntou Hildy, triste.

Era a primeira vez que elas se separavam desde a morte da menina.

— Apenas daqui a alguns anos. Vou sentir muita saudade — respondeu a irmã.

— Não mais do que eu vou sentir de você — disse Hildy, muito triste.

A irmã a abraçou, os olhos marejados.

— Tente fazer alguns amigos — aconselhou ela, e desapareceu.

Hildy tentou seguir o conselho da irmã, mas nunca tivera sequer um amigo vivo. Ela aceitou o convite para uma festa, mas não conseguiu puxar assunto com ninguém. Seu pai convidou a filha de um colega de trabalho para tomar um chá na casa deles, mas Hildy ficou travada e se sentiu estranha.

— Você gosta de brincar de esconde-esconde?

Foi a única coisa em que conseguiu pensar para dizer.

— Isso é brincadeira de criança — respondeu a mulher, e, com uma desculpa, foi embora logo que pôde.

Hildy concluiu que preferia a companhia de pessoas mortas à de pessoas vivas, por isso decidiu fazer outros amigos fantasmas. Mas isso também tinha certas dificuldades. Embora Hildy visse fantasmas, não era fácil se aproximar deles. É que fantasmas são um pouco como gatos: nunca estão por perto quando você quer e raramente aparecem quando chamados.[1]

Hildy foi a um cemitério. Esperou horas e horas, mas nenhum fantasma foi falar com ela. Ficaram do outro lado, observando-a, muito reservados e desconfiados. Ela pensou que talvez tivessem morrido havia muito tempo e aprendido a não confiar nos vivos. Na

esperança de que fosse mais fácil fazer amizade com os mortos recentes, Hildy começou a frequentar funerais. Mas, como a morte de conhecidos não era algo frequente na vida dela, foi preciso recorrer ao funeral de estranhos. Quando os presentes perguntavam o que ela estava fazendo ali, Hildy alegava ser uma parente distante; em seguida, perguntava se o falecido tinha sido uma boa pessoa e se gostava de correr pelos campos ou brincar de esconde-esconde. Os parentes do defunto a achavam estranha (e ela era mesmo), e os fantasmas, sentindo a reprovação dos familiares, a ignoravam.

Foi mais ou menos nessa época que os pais de Hildy morreram. *Talvez* eles *se tornem meus amigos-fantasmas*, pensou ela, mas não, eles foram ao encontro da filha morta e deixaram Hildy completamente sozinha.

Então Hildy teve uma outra ideia: vender a casa dos pais e comprar uma casa mal-assombrada, que já viria com fantasmas incluídos! Ela então saiu à procura de uma nova casa. O corretor de imóveis achou que Hildy era, além de estranha (e ela era mesmo), uma cliente frustrante, pois sempre que ele mostrava um bom imóvel, ela apenas perguntava se alguma coisa terrível já havia acontecido ali, como um assassinato, um suicídio ou, melhor ainda, um assassinato *e* um suicídio, e ignorava a cozinha ampla e a sala de estar cheia de luz natural — só queria saber de olhar o sótão e o porão.

Até que ela finalmente encontrou uma boa casa mal-assombrada e a comprou. Mas só depois de se mudar para lá foi que descobriu que o fantasma da propriedade só cumpria meio expediente na residência, aparecendo algumas noites para chacoalhar umas correntes e bater portas.

— Não vá — pediu Hildy, alcançando o fantasma quando ele estava de partida.

— Desculpe, tenho outras casas para assombrar — respondeu ele, e saiu apressado.

Hildy se sentiu enganada. Um fantasma de meio período não bastava. Afinal, tinha sido muito difícil encontrar uma casa mal-assombrada, e aquela não era mal-assombrada *o suficiente*. Precisava da casa mais mal-assombrada do mundo, concluiu. Ela comprou livros sobre o assunto e fez pesquisas incessantes. Perseguia seu fantasma de meio período gritando perguntas, enquanto ele corria de aposento em aposento, fazendo um barulho metálico aqui, batendo uma porta ali. (Ele sempre dava a impressão de estar atrasado para alguma assombração mais importante, coisa que Hildy tentava não levar para o lado pessoal.) O fantasma disse algo sobre "Coimbra" e foi embora às pressas. Hildy mais tarde descobriu que se tratava de uma cidade em Portugal, e depois disso foi bem simples localizar qual das residências locais era a mais mal-assombrada. Ela entrou em contato com o homem que morava lá e os dois passaram a se corresponder por

cartas, nas quais ele relatava ser atormentado dia e noite por gritos incorpóreos e garrafas flutuantes e às quais ela respondia dizendo como aquilo lhe parecia adorável. Apesar de achar isso estranho, o homem percebeu que a jovem escrevia com grande amabilidade, e foi por isso que, quando ela propôs comprar a casa, a recusa dele foi feita com a maior delicadeza possível. A propriedade estava em sua família havia gerações, explicou ele, e assim deveria permanecer. Era o fardo que lhe cabia carregar.

Hildy estava começando a se desesperar. Em um momento de extrema aflição ela chegou a considerar a ideia de matar alguém para que o fantasma da vítima a assombrasse, mas logo se deu conta de que não seria um jeito muito bom de começar uma amizade.

Foi quando tomou uma decisão: como não podia comprar a casa mais mal-assombrada do mundo, iria construí-la. Primeiro, escolheu a localização mais sombria em que conseguiu pensar: o alto de uma colina onde tinha sido realizado um sepultamento coletivo durante o último surto de peste. Em seguida, coletou os materiais de construção mais sombrios que conseguiu encontrar: madeira resgatada de um naufrágio sem sobreviventes, tijolos de um crematório, colunas de pedra de um asilo de indigentes que se incendiara com centenas de pessoas em seu interior e janelas do palácio de um príncipe louco que envenenara a própria família. Hildy decorou a casa com móveis, tapetes e objetos de arte adquiridos de proprietários de outras casas mal-assombradas, incluindo uma escrivaninha do homem de Portugal que emitia, precisamente às três horas da madrugada, o choro de um bebê. Só por garantia, por um mês inteiro Hildy cedeu a sala de visitas para famílias enlutadas realizarem velórios, e então, após soar a badalada da meia-noite durante uma tempestade uivante, ela se mudou para lá.

Hildy não se decepcionou — não de imediato. Havia fantasmas por toda parte! Na verdade, mal havia espaço na casa para abrigar todos eles. Fantasmas lotavam o porão e o sótão, brigavam por espaço embaixo da cama e nos armários e faziam fila para usar o banheiro. (Eles não usavam o banheiro como os vivos, é claro, mas gostavam de ajeitar o cabelo no espelho, para mantê-lo sempre desgrenhado e assustador.) Estavam sempre dançando no gramado, não porque gostassem de dançar, mas porque as pessoas enterradas no terreno da casa tinham morrido em meio à Epidemia de Dança.[2]

Os fantasmas batiam canos, chacoalhavam janelas e arremessavam livros das prateleiras. Hildy foi de cômodo em cômodo se apresentando.

— Você consegue ver a gente? — perguntou o fantasma de um rapaz. — E não está

com medo?

— Nem um pouco — respondeu Hildy. — Adoro fantasmas. Você gosta de brincar de esconde-esconde?

— Não, desculpe — murmurou o fantasma, e lhe deu as costas.

Ele pareceu decepcionado, como se seu único desejo fosse assustar alguém e Hildy houvesse lhe roubado uma oportunidade. Então ela fingiu estar com medo do fantasma seguinte que encontrou, o de uma senhora que estava na cozinha muito ocupada em fazer facas flutuarem.

— Ahhhhh! — gritou Hildy. — O que está acontecendo com as minhas facas?! Devo estar enlouquecendo!

Aparentemente satisfeita, a velha recuou e ergueu os braços para fazer as facas voarem ainda mais alto, porém tropeçou em um fantasma que rastejava pelo chão. A velha desabou, e as facas caíram com grande estardalhaço na bancada.

— O que pensa que está fazendo? Não vê que estou tentando trabalhar? — gritou a velha fantasma para o fantasma rastejante.

— Olhe por onde anda! — bradou, em resposta, o fantasma que rastejava.

— Olhar por onde *eu* ando?

Hildy começou a rir; foi mais forte do que ela. Os dois fantasmas pararam de discutir e encararam a garota.

— Acho que ela consegue nos ver — disse o fantasma que rastejava.

— É óbvio que consegue. E não está nem um pouco assustada.

— Não… Eu estava assustada, sim! Sério! — disse Hildy, segurando o riso.

O fantasma da velha senhora se levantou e espanou de si mesma a poeira.

— Você está debochando de mim. Nunca fui tão humilhada em toda a minha morte — disse ela.

Hildy não sabia o que fazer. Primeiro, tinha tentado ser ela mesma, e, quando isso não deu certo, tentara agir conforme as expectativas dos fantasmas, mas isso também não funcionara. Desanimada, ela foi até o corredor, onde os fantasmas faziam fila para o banheiro.

— Alguém aqui quer ser meu amigo? Sou muito legal e sei muitas histórias assustadoras sobre os vivos que vocês talvez gostariam de ouvir.

Mas os fantasmas apenas olharam para o chão e não disseram nada. Dava para ver o desespero da garota, o que os constrangeu.

Depois de um longo silêncio, ela se afastou, o rosto ardendo de vergonha, e foi se

sentar na varanda. Ficou ali vendo os fantasmas da peste dançando no jardim. Tinha fracassado. Não se pode forçar as pessoas a serem suas amigas, nem mesmo as mortas.

Ser ignorada era ainda pior do que se sentir sozinha, por isso Hildy fez planos para vender a casa. Os primeiros cinco interessados saíram correndo, assustados, antes mesmo de passarem pela porta principal. Hildy, então, tentou expulsar o excesso de fantasmas da casa vendendo parte da mobília mal-assombrada de volta a seus donos originais. Ela escreveu uma carta para o homem de Portugal perguntando se ele estaria interessado em receber de volta a escrivaninha que chorava, e ele respondeu imediatamente. Não queria o móvel, mas esperava que ela estivesse bem. E assinou a carta assim: *Seu amigo, João.*

Hildy ficou vários minutos olhando fixamente para aquelas palavras. Será que podia realmente considerar aquele homem um amigo? Ou será que ele estava apenas sendo gentil?

Ela lhe escreveu em resposta. Manteve o tom da carta leve e alegre. Mentiu. Disse que ia bem e perguntou como ele estava. E assinou a carta assim: *Sua amiga, Hildy.*

João e Hildy trocaram mais algumas cartas. Eram curtas e simples, apenas amenidades e observações sobre o clima. Hildy ainda não tinha certeza se João a considerava uma amiga ou se estava apenas sendo educado. Até que ele encerrou uma das cartas assim: "Se um dia vier a Coimbra, eu ficaria honrado se me visitasse."

Naquele mesmo dia ela providenciou uma passagem de trem para Portugal. À noite, encheu de roupas um baú de viagem e na manhã seguinte, bem cedo, tomou uma carruagem até a estação de trem.

— Adeus, fantasmas! Volto em algumas semanas! — gritou ela, alegre, da porta da casa.

Os fantasmas não responderam. Hildy ouviu algo se estilhaçar na cozinha, mas deu de ombros e saiu andando em direção à carruagem.

A viagem levou uma semana, com Hildy sofrendo com o calor e a poeira, para chegar à casa de João, em Coimbra. Durante a longa jornada, tentou se preparar para uma eventual decepção. Os dois se davam bem por correspondência, mas ela sabia que ele provavelmente não gostaria dela pessoalmente, pois ninguém gostava. Portanto, era preciso cogitar tal possibilidade, ou a dor de mais uma rejeição a deixaria arrasada.

Ele morava no alto de uma colina, uma mansão de aparência espectral que parecia observá-la pelos olhos de janelas rachadas. Quando Hildy se encaminhava para o portão, um bando de corvos negros levantou voo, crocitando, de um carvalho morto que havia

no jardim. Ela viu um fantasma pendurado por uma corda da sacada do terceiro andar. Acenou para ele. O fantasma acenou em resposta, surpreso.

João atendeu à porta e convidou Hildy para entrar. Ele era simpático e agradável. Ajudou Hildy a tirar seu casaco de viagem empoeirado e serviu bolo acompanhado de chá de canela com leite. João falou de assuntos leves, perguntando sobre como tinha sido a viagem, sobre como o tempo estivera pelo caminho e sobre os modos de servir chá na terra natal de Hildy, mas ela não parava de se enrolar com as respostas e teve certeza absoluta de que estava fazendo papel de boba. Quanto mais pensava em como parecia tola, mais dificuldade tinha em dizer qualquer coisa. Por fim, depois de um silêncio especialmente embaraçoso, João perguntou:

— Fiz alguma coisa que a ofendeu?

E Hildy soube que tinha arruinado a melhor chance que já tivera de fazer um amigo de verdade. Para esconder as lágrimas que sentia brotar nos olhos, ela se levantou e correu para a sala ao lado.

João não foi atrás dela de imediato, permitiu que Hildy tivesse um momento de privacidade. Ela ficou parada no canto do escritório, chorando em silêncio com as mãos cobrindo os olhos, furiosa consigo mesma e muito, muito envergonhada. Então, depois de alguns minutos, ouviu um baque surdo atrás de si e se virou. O fantasma de uma menina estava parado junto a uma escrivaninha, derrubando canetas e pesos de papel no chão.

— Pare com isso. Você está fazendo uma bagunça na casa do João — ralhou Hildy, enxugando as lágrimas.

— Você consegue me ver — disse a menina.

— Sim, e vejo que você já está bem grandinha para pregar peças infantis nas pessoas.

— Sim, senhora — aquiesceu a menina-fantasma, e desapareceu através da parede.

— Você falou com o fantasma — disse João.

Hildy levou um susto ao vê-lo à porta.

— Sim, consigo vê-los e falar com eles. Este aí não vai tornar a incomodá-lo… pelo menos, não hoje.

João estava impressionado. Ele se sentou e contou a Hildy tudo que os fantasmas faziam para dificultar sua vida: não o deixavam dormir à noite, assustavam as visitas, quebravam suas coisas. Ele já tentara conversar com eles, mas sem sucesso. Certa vez, chamara um padre para expulsá-los de casa, mas isso só os deixou com raiva, e na noite seguinte eles quebraram ainda mais seus pertences.

— Você precisa ser firme com eles, mas compreensivo. Não é fácil ser fantasma, e eles querem se sentir respeitados, como todos nós — explicou Hildy.

— Você acha que poderia conversar com eles por mim? — perguntou João gentilmente.

— Posso tentar, é claro.

Então ela se deu conta de que eles estavam conversando havia alguns minutos sem palavras hesitantes ou pausas desconfortáveis.

Hildy começou a tarefa naquele mesmo dia. Os fantasmas tentaram se esconder, mas ela sabia aonde eles gostavam de ir e os persuadiu, pacientemente, a sair para conversar, um de cada vez. Algumas das conversas duraram horas, com Hildy discutindo e insistindo enquanto João observava em silenciosa admiração. Levou três dias e três noites, mas, no fim, Hildy conseguiu convencer a maioria dos fantasmas a deixar a casa. Aos poucos que permaneceram, ela pediu que pelo menos não fizessem barulho enquanto João dormisse e que, caso precisassem derrubar objetos das mesas, tentassem poupar as relíquias de família.

Não só a casa se transformou, mas João também. Por três dias e três noites ele observara Hildy, e por três dias e três noites seus sentimentos por ela se aprofundaram. Hildy, por sua vez, também passara a ter sentimentos por João. Agora ela conseguia conversar com ele sobre qualquer assunto e tinha certeza de que eram amigos de verdade. Mesmo assim, no entanto, estava cautelosa para não parecer ávida demais ou abusar da hospitalidade de João, e foi por isso que, no quarto dia de visita, arrumou suas coisas e se despediu. Tinha decidido voltar para casa, mudar-se para uma residência não assombrada e tentar, mais uma vez, fazer amigos vivos.

— Espero que tornemos a nos ver — disse Hildy. — Vou sentir sua falta, João. Talvez um dia você possa ir *me* visitar.

— Eu adoraria.

O cocheiro estava à espera para levá-la à estação de trem. Ela acenou em despedida e se dirigiu ao veículo.

— Espere! Não vá! — exclamou João.

Hildy parou e se virou.

— Por quê?

— Porque eu me apaixonei por você — disse João.

No instante em que ele disse isso, Hildy percebeu que o amava também. Ela voltou e subiu correndo os degraus, e os dois se jogaram nos braços um do outro.

Naquele momento, até o fantasma enforcado na balaustrada do terceiro andar sorriu.

Eles se casaram, e Hildy se mudou para a casa de João. Os poucos fantasmas que ficaram eram gentis com ela, embora ela não precisasse mais de amigos fantasmas, porque agora tinha João. Em pouco tempo eles tiveram uma filha e um filho, e a vida de Hildy se tornou mais completa do que ela jamais sonhara ser possível. Como se isso não fosse suficiente, em uma bela meia-noite ela ouviu uma batida na porta da frente, e quem Hildy encontrou ali flutuando na varanda se não os fantasmas da irmã e dos pais?

— Vocês voltaram! — exclamou Hildy, extremamente feliz.

— Nós voltamos há muito tempo, mas você tinha se mudado — disse a irmã. — Levamos uma eternidade para encontrá-la.

— Não importa. Estamos juntos agora! — disse a mãe de Hildy.

Nesse momento, os filhos de Hildy saíram para a varanda com João, ainda esfregando os olhos por terem acabado de acordar.

— Papai, por que a mamãe está falando com o ar? — perguntou a menina.

— Ela não está falando com o ar — explicou João, e sorriu para a esposa. — Querida, é quem eu acho que é?

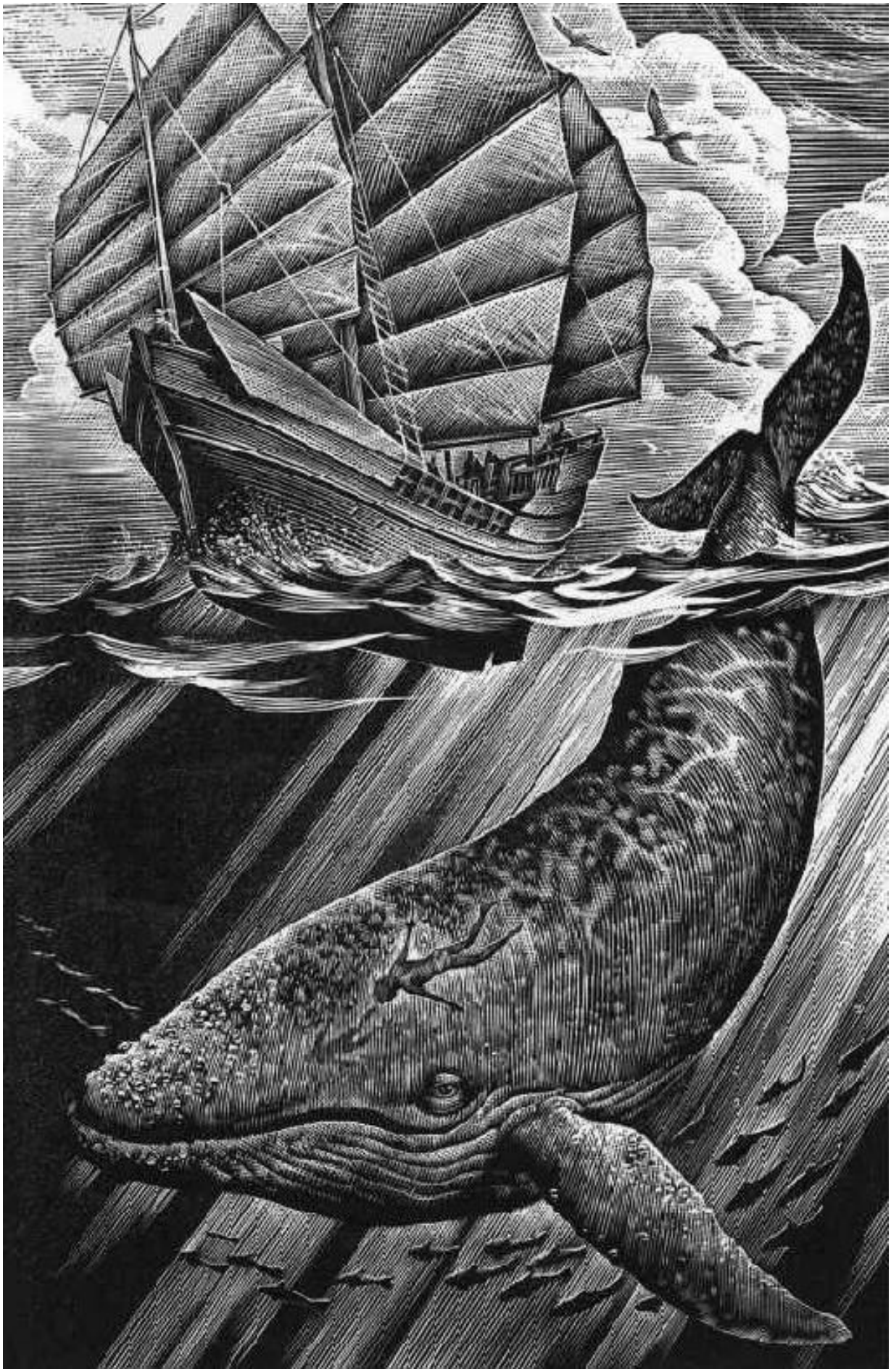
Hildy abraçou o marido com um dos braços e a irmã com o outro. Então, com o coração a ponto de explodir de tanta felicidade, apresentou sua família morta a sua família viva.

E eles viveram felizes para sempre.

---

[1] O mesmo ocorre com urxinins, a menos que você tenha uma relação especial com algum deles.

[2] A Epidemia de Dança matou milhões, mas suas vítimas inventaram o foxtrote, o charleston e o passo do chá-chá-chá. Ou seja, teve seus pontos positivos.



QUANDO CRIANÇA, ZHENG idolatrava o pai, Liu Zhi. Isso foi durante o reino de Kublai Khan na China Antiga, muito antes de a Europa dominar os mares, e o pai dele era um famoso explorador marítimo. As pessoas diziam que no sangue de Liu Zhi corria água dos oceanos. Aos quarenta anos, ele havia realizado mais do que qualquer marujo que o precedera: tinha mapeado toda a costa leste da África, feito contato com tribos desconhecidas no interior da Nova Guiné e de Bornéu e tomado posse de novos territórios para o império. Nesse périplo, enfrentara piratas e bandidos, sufocara um motim e sobrevivera a dois naufrágios. Na baía de Tianjin havia uma grande estátua de ferro dele, olhando nostálgico para o mar. A estátua era tudo o que Zheng tinha do pai, que desaparecera quando o filho tinha apenas dez anos.

A última expedição de Liu Zhi visava encontrar a ilha de Cocobolo, por muito tempo considerada lendária, onde, dizia-se, rubis cresciam em árvores e ouro líquido se acumulava em grandes lagos. Antes de partir, Liu Zhi disse a Zheng:

— Se eu não retornar, prometa que vai procurar por mim um dia. Mas não espere até que a grama cresça sob seus pés!

Zheng concordou sem hesitar, certo de que nem os bravios oceanos derrotariam um homem como seu pai. Mas Liu Zhi nunca voltou para casa. Depois de um ano sem notícias, o imperador realizou um funeral opulento em sua homenagem. Zheng ficou inconsolável, e por dias chorou aos pés da estátua do pai. À medida que crescia, o menino foi descobrindo coisas sobre Liu Zhi que sua pouca idade não lhe permitira compreender quando o pai estava vivo, de modo que aos poucos sua opinião mudou. Liu Zhi fora um homem estranho, e ficara ainda mais ao se aproximar do fim da vida. Corriam rumores de que havia enlouquecido.

— Ele nadava no mar todo dia, por horas, mesmo no inverno. Mal aguentava ficar em terra — comentou o irmão mais velho de Zheng.

— Ele dizia que conversava com as baleias. Uma vez o ouvi tentando falar a língua delas — contou Ai, tio de Zheng, rindo.

— Ele queria que fôssemos todos viver em uma ilha no meio do nada — disse a mãe de Zheng. — E eu falei: "No palácio temos banquetes! Recebemos duques e viscondes! Por que abrir mão dessa vida para morar como selvagens em uma caixa de areia?" Ele quase não se dirigiu a mim depois disso.

Liu Zhi realizara grandes feitos no início da vida, diziam as pessoas, até decidir partir no encalço de lendas. Comandara uma viagem para descobrir uma terra de cães falantes, um lugar no extremo norte do Império Romano, dizia ele, onde havia mulheres

metamorfas capazes de fazer parar o tempo.[1] Passou a ser evitado nos círculos sociais mais refinados e, por fim, os nobres pararam de financiar suas expedições. Então ele mesmo começou a financiá-las. Depois de exaurir sua fortuna pessoal, deixando a esposa e os filhos à beira da falência, ele sonhou com uma missão para encontrar a ilha de Cocobolo e colher suas riquezas.

Zheng entendeu como as excentricidades do pai o haviam levado à ruína e, ao entrar na vida adulta, tomou cuidado para não repetir os mesmos erros. Zheng também tinha água dos oceanos correndo nas veias e se tornou marinheiro, assim como o pai, mas de um tipo bem diferente. Ele não comandava expedições de desbravamento ou viagens pioneiras para reclamar novas terras para o império. Era um homem extremamente prático, um comerciante, e administrava uma frota de navios mercantes. Não se arriscava, por isso não navegava pelas rotas favoritas dos piratas e nunca se afastava de águas familiares. E era muito bem-sucedido em seu ofício.

A vida que Zheng levava em terra era igualmente convencional. Frequentava banquetes no palácio e era amigo de todas as pessoas certas. Nunca pronunciou uma única palavra chocante ou emitiu opinião controversa. Foi recompensado com uma alta posição social e um casamento vantajoso com a mimada sobrinha-neta do imperador, o que o colocou a um passo da nobreza.

Para proteger tudo o que acumulara, ele se esforçava em manter sua imagem desassociada da do pai. Nunca o mencionava e chegou a trocar de sobrenome para omitir a relação de parentesco, mas quanto mais velho Zheng ficava, mais difícil era afastar as lembranças do pai. Familiares idosos comentavam como os trejeitos dele eram parecidos com os de Liu Zhi.

— Seu jeito de andar, sua postura — apontou uma tia, Xi Pen. — Até as palavras que você escolhe… é como se fosse ele próprio aqui na minha frente!

Então Zheng tentou mudar a si mesmo. Copiou o modo de andar mais elegante do irmão mais velho, Deng, que nunca era comparado ao pai; antes de falar, reordenava as palavras mentalmente e escolhia outras que mantivessem o significado. Zheng, no entanto, não tinha como mudar a fisionomia, e, sempre que ele passava pela baía, a estátua gigante do pai o fazia lembrar de como se pareciam. Por isso, certa noite ele foi sorrateiramente até a baía com uma corda e um guincho e, com grande esforço, derrubou o monumento.

Em seu aniversário de trinta anos, os sonhos começaram. Durante o sono, era atormentado por pesadelos com o pai: faminto e com a pele curtida, barba branca até os

joelhos, sem se parecer mais em nada com o filho, acenando desesperadamente da costa deserta de alguma ilha calcinada pelo sol. Zheng acordava assustado no meio da madrugada, o suor brotando na testa, tomado pela culpa. Afinal, ele havia feito uma promessa ao pai, a qual, na verdade, nunca tentara cumprir.

Vá procurar por mim.

O herborista de Zheng passou a lhe preparar uma forte dose de elixir medicinal, que ele tomava toda noite antes de se deitar e o mantinha em sono profundo, sem sonhos, até o amanhecer.

Expulso de seus sonhos, o pai de Zheng encontrou outras maneiras de assombrá-lo.

Certo dia, Zheng se pegou se demorando perto das docas, acalentando um impulso misterioso de mergulhar no oceano para nadar, no meio do inverno. Ele conteve o impulso, mas durante as semanas seguintes não se permitiu sequer olhar para o mar.

Pouco tempo depois, ele estava comandando uma viagem a Xangai quando, na coberta do navio, ouviu o canto de uma baleia. Zheng encostou o ouvido no casco e prestou atenção. Por um instante, pensou entender o que a baleia dizia, em etéreas vogais alongadas.

Co… co… bo… lo!

Zheng encheu os ouvidos de algodão, subiu correndo para o convés e se recusou a descer outra vez. A partir de então, teve medo de estar enlouquecendo, assim como acontecera com o pai.

Já de volta para casa, Zheng teve um novo sonho estranho que nem o elixir conseguiu suprimir. Sonhou que abria caminho com um facão através da mata fechada de uma ilha tropical enquanto rubis choviam suavemente das árvores. O ar úmido e quente parecia sussurrar seu nome: *Zheng, Zheng*... Embora sentisse a presença do pai por toda a volta, não via ninguém. Exausto, ele se deitava em uma faixa de grama, e era então que, de repente, a grama crescia ao seu redor, soltando-se da terra para envolvê-lo em um abraço sufocante.

Zheng acordou assustado, com uma coceira absurda nos pés. Ele jogou as cobertas para trás e entrou em pânico ao vê-los cobertos de grama. Tentou limpá-los, mas a grama estava grudada na pele, brotando da sola de seus pés.

Temendo que a esposa visse aquilo, Zheng pulou da cama, correu para o banheiro e raspou a grama.

Mas o que é que está acontecendo comigo?, pensou ele. A resposta lhe parecia bem clara: estava enlouquecendo, assim como acontecera com o pai.

Pela manhã, ao acordar, ele descobriu que não só havia brotado grama em seus pés outra vez, mas que grandes ramos de alga marinha nasciam em suas axilas. Zheng correu para o banheiro, arrancou as algas — em um processo muito doloroso — e raspou o pé pela segunda vez.

No dia seguinte, além da já conhecida vegetação nos pés e nas axilas, um novo problema apareceu: os lençóis da cama estavam cheios de areia. Ele tinha exsudado aquilo pelos poros, durante a noite.

Zheng foi até o banheiro, arrancou a alga e raspou os pés, ainda convencido de que aquela cena nada mais era que loucura, mas, quando voltou ao quarto, a areia ainda cobria a cama, inclusive o cabelo e o corpo de sua esposa. Ela havia acordado e, muito irritada, se sacudia tentando se limpar.

Se *ela* conseguia ver aquilo, percebeu Zheng, então era real. A areia, a grama, tudo. O que significava que, no fim das contas, ele não estava louco. *Alguma coisa* estava acontecendo com ele.

Zheng foi ver o herborista, que lhe deu um cataplasma malcheiroso para esfregar por todo o corpo. Como isso não funcionou, ele foi a um cirurgião, que alegou não haver nada a fazer além de amputar os pés e fechar os poros com cola, o que, obviamente, não era uma possibilidade aceitável. Zheng, então, procurou um monge, mas pegou no sono durante as orações e, quando acordou, descobriu que havia coberto de areia o mosteiro. O monge o expulsou dali, enraivecido.

Parecia não haver cura para o mal que lhe afligia, e os sintomas só pioravam. A grama em seus pés agora crescia o tempo todo, não apenas à noite, e as algas o impregnavam com um cheiro de praia na maré-baixa. A esposa de Zheng passou a dormir em outro quarto, e ele temia que seus parceiros de negócios o evitassem se soubessem de sua condição. Temia cair em ruína. Desesperado, começou a considerar a tal ideia de amputar os pés e fechar os poros com cola, mas, em um lampejo de memória repentino, as últimas palavras do pai lhe soaram claras nos ouvidos.

Não espere até que a grama cresça sob seus pés.

Aquele sentimento misterioso que o intrigara por muitos anos agora fazia todo sentido. Era uma mensagem: uma mensagem em código. O pai sabia o que aconteceria com Zheng. Sabia porque aquilo tinha acontecido com ele próprio! Os dois tinham em comum não apenas os traços, o andar e o jeito de falar — eles tinham aquela mesma doença estranha.

Vá procurar por mim, dissera Liu Zhi. *E não espere até que a grama cresça sob seus*

pés.

Liu Zhi não tinha partido à procura de uma fortuna lendária. Tinha partido em busca de uma *cura*. E a esperança de Zheng de algum dia viver uma vida normal, sem aquela peculiaridade, dependia de cumprir a promessa feita ao pai.

Naquela noite, durante o jantar, ele anunciou suas intenções para a família.

— Estou me preparando para uma viagem à procura de nosso pai.

Todos ficaram incrédulos. Outros já haviam tentado o mesmo e falhado, lembraram a Zheng. O imperador tinha financiado diversas buscas, mas jamais fora encontrada pista alguma do homem nem de sua expedição. Por que Zheng, um mercador que jamais se afastara da segurança de suas rotas, esperava ter mais sorte na empreitada?

— Eu vou conseguir, vocês vão ver — disse Zheng. — Só preciso encontrar a ilha.

— Você nunca a encontraria, nem se fosse o melhor navegador de todo o mundo. Como poderia encontrar um lugar que não existe? — disse tia Xi.

Zheng saiu determinado a provar que a família estava enganada. A ilha existia, sim, e ele sabia exatamente como encontrá-la: parando de tomar o elixir medicinal antes de dormir e deixando que os sonhos o guiassem. Se aquilo não funcionasse, ele escutaria as baleias!

Seu imediato também tentou desencorajá-lo. Mesmo que a ilha de fato existisse, argumentou, todo marinheiro que afirmava tê-la visto jurava que não era possível chegar até lá. Segundo eles, a ilha se movia à noite.

— Como vai desembarcar em uma ilha que foge de você? — perguntou o imediato.

— Encomendando o navio mais rápido já construído — respondeu Zheng.

Zheng gastou grande parte de sua fortuna construindo esse navio, que ele batizou de *Improvável*. O homem quase foi à falência. Precisou assinar notas promissórias para contratar a tripulação.

Sua esposa ficou lívida ao saber disso.

— Desse jeito vamos parar no abrigo de indigentes! — exclamou ela. — Vou ter que lavar roupa para fora se não quiser passar fome!

— Vou encher meus bolsos de rubis quando encontrar Cocobolo. Quando eu voltar, serei mais rico que nunca. Você vai ver!

O *Improvável* içou as velas. Os rumores diziam que Cocobolo ficava a sudoeste do Ceilão, no oceano Índico, mas a ilha nunca fora avistada duas vezes no mesmo lugar. Zheng parou de tomar o elixir e aguardou sonhos proféticos. Enquanto isso, seguia no *Improvável* para o Ceilão.

Ao longo da expedição, a tripulação entrou em contato com outras embarcações, em busca de informações sobre Cocobolo.

— Avistei a ilha a leste, três semanas atrás. Na direção do mar Arábico — disse um pescador, apontando para o azul do horizonte.

O sono de Zheng foi decepcionantemente sem sonhos, por isso eles navegaram para o leste. No mar Arábico, encontraram o capitão de um navio que alegou ter avistado duas vezes a ilha.

— No oeste, perto de Sumatra.

A essa altura, Zheng tinha voltado a sonhar, mas eram sonhos sem qualquer significado, por isso navegaram para o oeste. Em Sumatra, um homem gritou do alto de um penhasco marinho que Cocobolo acabara de ser vista a sudeste, perto de Thinadhoo.

— Você acabou de perdê-la — disse o homem.

E assim a viagem prosseguiu por meses. A tripulação ficou inquieta, e houve ameaças veladas de motim. O imediato insistiu com Zheng para que ele desistisse.

— Se a ilha fosse real, a essa altura já a teríamos encontrado — disse o imediato.

Zheng suplicou por mais tempo. Ele passou aquela noite rezando por sonhos proféticos e, no dia seguinte, se dirigiu à coberta e encostou a orelha na parede do casco, tentando ouvir o canto de baleias. Sem ouvir cantos ou ter sonhos, Zheng começou a entrar em desespero. Se voltasse para casa de mãos vazias, sem dinheiro e sem uma cura, certamente a esposa o deixaria, a família o evitaria e os investidores se recusariam a financiá-lo, levando-o ao fracasso completo.

Zheng parou na proa do navio, desanimado, e ficou contemplando a turbulenta água verde. Sentiu uma vontade repentina de nadar. E, dessa vez, não a reprimiu.

Ele atingiu a água com uma força incrível. A corrente forte e absurdamente gelada o puxava para baixo.

Zheng não lutou contra a força da água. Então percebeu que estava se afogando.

Da escuridão emergiu um olho gigante suspenso em uma parede de carne cinza. Era uma baleia, indo rapidamente na direção de Zheng. Quando ia colidir com ele, a baleia mergulhou e desapareceu de vista. Na mesma hora os pés de Zheng atingiram algo sólido — era a baleia o empurrando por baixo, impulsionando-o para cima.

Eles romperam a superfície juntos, com Zheng tossindo água dos pulmões. Alguém do navio jogou uma corda para ele, que a amarrou na cintura, mas, quando estava sendo puxado, ouviu a baleia cantar.

Seu canto dizia: *Siga-me*.

Quando estava sendo erguido para o convés, Zheng viu que a baleia saíra nadando. Estava tremendo de frio e sem fôlego, mas encontrou energia para gritar:

— Sigam aquela baleia!

O *Improvável* desfraldou as velas e partiu em perseguição. Eles a seguiram por todo aquele dia e também durante a noite, marcando a posição da baleia pela névoa de seu respiradouro. Quando o sol nasceu, avistaram uma ilha no horizonte — uma ilha que não aparecia no mapa.

Só podia ser Cocobolo.

Eles navegaram naquela direção o mais rápido que o vento permitia, e o que havia sido um mero ponto no horizonte foi crescendo com o passar do dia. Mas a noite caiu antes que conseguissem alcançá-la, e quando o sol tornou a nascer, a ilha não passava de um ponto distante.

— É exatamente como disseram: ela *se move* — maravilhou-se Zheng.

Foram três dias perseguindo a ilha. A cada dia eles chegavam a uma proximidade tentadora, só para vê-la escapar toda noite. Então um vento forte os empurrou, deixando o *Improvável* mais veloz que nunca, e finalmente conseguiram chegar até ela. Ancoraram em uma enseada arenosa bem quando o sol se punha no horizonte.

Fazia meses que Zheng sonhava com a ilha Cocobolo, e deixara que seus sonhos corressem soltos, mas a realidade não era parecida com nada do que ele imaginara: não havia cachoeiras de ouro se derramando no mar, nenhuma encosta reluzindo com árvores carregadas de rubis. Era uma coleção irregular de colinas desinteressantes cobertas de vegetação densa, similar às milhares de ilhas pelas quais ele havia passado em suas viagens. O mais decepcionante foi não haver sinal da expedição de seu pai. Zheng havia imaginado encontrar o navio de Liu Zhi semiafundado em alguma enseada, e o próprio homem, isolado em uma ilha deserta por vinte anos, esperando pelo filho em uma praia, com a cura nas mãos. Mas só havia uma meia-lua de areia branca e um muro de palmeiras ondeando ao vento.

Depois de lançarem âncora, Zheng foi andando pela água até terra firme com seu imediato e um destacamento de tripulantes armados. Disse a si mesmo que era cedo demais para se desapontar, mas, depois de várias horas de buscas, não encontraram Liu Zhi ou qualquer sinal de povoamento humano. Zheng ficou mais decepcionado que nunca.

A noite começava a cair. Eles estavam prestes a montar acampamento quando ouviram um farfalhar nas árvores. Dois jaguares saíram de repente da vegetação rasteira, soltando

um rugido apavorante.

Os homens saíram correndo. Lançaram flechas nos jaguares, mas isso só os enfureceu ainda mais. Um dos animais saltou sobre Zheng, que fugiu pela floresta até sentir os pulmões ardendo e suas roupas serem despedaçadas pela vegetação rasteira. Quando sua respiração se acalmou, ele tentou ouvir seus homens, mas não escutou nada. Estava sozinho e perdido, e a escuridão agora era quase completa.

Ele procurou abrigo. Depois de um tempo, encontrou um aglomerado de cavernas, das quais um vento quente e úmido entrava e saía a intervalos regulares. Ele achou que era o lugar perfeito para passar a noite e se instalou ali dentro.

Zheng cavou um buraco pequeno e acendeu uma fogueira. Assim que as chamas se elevaram, o chão entrou em convulsões e um grito ensurdecedor ecoou das profundezas da caverna.

— Apague! Apague o fogo! — trovejou a voz que gritara.

Aterrorizado, Zheng chutou terra sobre as chamas. O chão parou de tremer.

— Por que está me machucando? O que eu fiz para você? — perguntou a voz retumbante.

Zheng não sabia com quem estava conversando, mas considerou prudente responder.

— Eu não queria machucar ninguém! Só estava tentando preparar um pouco de comida.

— Ora, e o que você acharia se eu cavasse um buraco na *sua* pele e acendesse uma fogueira?

O olhar de Zheng se dirigiu ao buraco da fogueira apagada. Só então ele percebeu que o buraco estava rapidamente se enchendo de ouro líquido.

— Quem é você? — perguntou a voz.

— Meu nome é Zheng. Venho da cidade portuária de Tianjin.

Fez-se um longo silêncio. Em seguida, uma rajada de um riso vigoroso surgiu dos fundos da caverna.

— Você veio, finalmente! Não consigo expressar como estou feliz por vê-lo, querido! — exclamou a voz.

— Não estou entendendo. Quem é você?

— Ora, não reconhece a voz de seu pai?

— Meu pai! Onde? — gritou Zheng, virando-se para trás.

Houve outra explosão de riso, e então um monte de terra se ergueu atrás dele e o envolveu em um abraço arenoso.

— Senti tanta saudade, Zheng!

Com um choque, Zheng percebeu que não estava falando com algum gigante escondido no interior da caverna, mas com a própria caverna.

— Você não é meu pai! — gritou ele, soltando-se. — Meu pai é um homem… um ser humano!

— Eu *era* humano. Estou um pouco mudado, como pode ver, mas sempre serei seu pai.

— Você está tentando me enganar. Seu nome é Cocobolo, você se move à noite, e os buracos na sua terra se enchem de ouro líquido. É o que diz a lenda.

— Esta é a verdade para qualquer homem que se transforma em uma ilha.

— Existem outros como você?

— Aqui e ali...[2] Cocobolo não é apenas uma ilha, sabe? Todos somos Cocobolo. Mas eu sou seu pai.

— Só acredito se me provar. Quais foram as últimas palavras que você me disse?

— Vá procurar por mim — respondeu a voz. — *E não espere até que a grama cresça sob seus pés*.

Zheng caiu de joelhos e chorou. Era verdade: seu pai era a ilha, e a ilha era seu pai. As cavernas eram o nariz e a boca; a terra era a pele; a grama, o cabelo. O ouro que enchera o buraco da fogueira era seu sangue. Se Liu Zhi tinha ido até ali em busca da cura, ele fracassara, assim como o filho. Zheng ficou angustiado, sem esperanças. Estava condenado a se tornar *aquilo*?

— Ah, pai, é horrível, é horrível!

— Não é horrível — respondeu o pai, soando um pouco ofendido. — Eu *gosto* de ser uma ilha.

— Gosta?

— Demorei um tempo para me acostumar, é claro, mas é infinitamente melhor que a alternativa.

— E o que há de tão ruim em ser humano? — perguntou Zheng, agora se sentindo insultado.

— Nada, se você foi feito para ser humano. Eu não fui feito para ser humano para sempre, embora por anos não aceitasse isso. Lutei muito contra as mudanças que estavam tomando conta de mim, e que agora estão tomando conta de você também. Pedi a ajuda de médicos e, quando eles se revelaram inúteis, procurei culturas distantes e consultei feiticeiros e curandeiros, mas ninguém conseguiu fazer com que parasse. Eu

estava completamente infeliz. Por fim, não aguentei mais e fui embora, encontrei uma faixa distante de oceano onde viver e permiti que minha areia se espalhasse, que minha grama crescesse. E, meu Deus, foi um alívio enorme.

— E você é realmente feliz assim? Uma mancha de floresta infestada de jaguares no meio do mar?

— Sou. Embora, admito, seja solitário viver como ilha. A única outra Cocobolo nesta parte do mundo é um velho excêntrico e chato, e os únicos humanos que me visitam querem extrair meu sangue. Mas se meu filho estivesse aqui, junto comigo, ah, eu não ia querer mais nada!

— Desculpe, mas não foi por isso que eu vim. Não quero ser uma ilha. Eu quero ser normal!

— Mas você *não é* normal.

— Você desistiu cedo demais, só isso. Deve haver uma cura!

— Não, filho — disse a ilha, dando um suspiro com tanta força que soprou o cabelo de Zheng para trás. — Não há cura. Esta é nossa forma natural.

Para Zheng, aquela notícia foi pior que uma sentença de morte. Tomado de desesperança e raiva, ele se enfureceu e chorou. O pai tentou consolá-lo erguendo uma cama de grama macia para que o filho se deitasse e, quando começou a chover, vergou as palmeiras para que o protegessem. Depois que Zheng adormeceu de exaustão, o pai manteve afastados os felinos da selva, emitindo estrondos assustadores.

Pela manhã, ao acordar, Zheng tinha superado o estágio de desesperança. Em seu interior havia uma força de vontade imbatível que se recusava a aceitar a perda de sua humanidade. Ele ia lutar por ela, houvesse cura ou não. Lutaria até a morte, se necessário fosse. Quanto ao pai, pensar nele provocava uma tristeza insuportável, por isso Zheng decidiu esquecê-lo por completo.

Zheng se levantou e saiu dali.

— Espere! — pediu o pai. — Por favor, fique comigo. Seremos ilhas juntos, você e eu, um pequeno arquipélago! E sempre teremos a companhia um do outro. É o destino, filho!

— Não é o destino. Você fez uma escolha — disse Zheng, com amargura, e penetrou na floresta a passos resolutos.

O pai não tentou detê-lo, embora pudesse tê-lo feito com facilidade. Um gemido triste saiu da boca da caverna, junto com ondas de hálito quente que varreram a ilha. Enquanto o pai chorava, os ramos das árvores tremiam e balançavam, lançando dos galhos uma

chuva de rubis. Parando aqui e ali para recolhê-los, Zheng encheu os bolsos, de modo que, quando chegou à enseada e tornou a se juntar ao navio, tinha recolhido tantas lágrimas do pai que daria para pagar o salário de todos os seus homens e tornar a encher os cofres em casa.

Os homens da tripulação vibraram quando o viram, pois já o davam por morto. À ordem dele, içaram a âncora e zarparam de volta para Tianjin.

— E seu pai? — perguntou o imediato, puxando Zheng de lado para falar em particular.

— Fico feliz por ele estar morto — respondeu Zheng laconicamente.

O imediato assentiu e não voltou a tocar no assunto.

Mesmo enquanto a ilha se afastava às costas deles, Zheng podia ouvir o choro do pai. Lutando contra uma poderosa onda de arrependimento, ele parou de pé na proa e se recusou a olhar para trás.

Por um dia e uma noite inteiros, um grupo de baleias seguiu na esteira do *Improvável*, cantando para ele:

Não vá.

Não vá.

Você é filho de Cocobolo.

Ele tapou os ouvidos e fez o possível para ignorá-las.

Durante a longa viagem para casa, Zheng tentava obsessivamente ocultar a transformação que estava acontecendo em seu corpo. Raspava os pés e aparava a alga marinha das axilas. Sua pele ficava quase o tempo todo polvilhada com a areia fina que seus poros exsudavam, então ele começou a usar camisas de gola alta e manga comprida, além de se banhar no mar toda manhã.

No dia em que chegou a Tiajin, Zheng foi logo consultar um cirurgião, antes mesmo de ir ver a esposa, e o instruiu a fazer o que fosse necessário para deter sua transformação. O cirurgião deu a Zheng um remédio poderoso para deixá-lo inconsciente, e, quando acordou, ele descobriu que suas axilas tinham sido preenchidas com alcatrão pegajoso, a pele coberta de cola para bloquear seus poros e seus pés foram amputados e substituídos por outros, de madeira. Zheng se olhou no espelho e se encheu de repulsa. Estava com uma aparência bizarra. Contudo, estava amargamente otimista de que o sacrifício feito salvaria sua humanidade, portanto pagou ao médico e foi claudicante para casa em seus novos pés de madeira.

A esposa quase desmaiou quando o viu.

— O que você fez consigo mesmo? — indagou ela.

Zheng inventou que havia se ferido ao salvar um homem no mar, e, para explicar a pele pegajosa, alegou ter tido uma reação ao sol tropical. Repetiu as mesmas mentiras para a família e os parceiros de negócios, além de dizer que encontrara o corpo do pai em Cocobolo.[3] Liu Zhi, contou ele a todos, havia morrido. Eles estavam mais interessados nos rubis que Zheng trouxera da ilha.

Por um tempo, a vida foi boa. O estranho crescimento de vegetação corporal havia estagnado. Ele passara a mancar com os pés de madeira, ou seja, trocara uma aflição anormal por outra relativamente comum, com a qual podia conviver. Os rubis lhe proporcionaram fama não apenas como homem rico, mas também como explorador: afinal, tinha descoberto Cocobolo e voltado para contar a história. Foram promovidos banquetes e festas em sua homenagem.

Zheng tentou se convencer de que estava feliz. Com a esperança de dar um fim à vozinha de arrependimento que choramingava em seu interior de vez em quando, tentou se convencer de que o pai havia mesmo morrido. *Isso é invenção da sua cabeça*, dizia a si mesmo. *Não era possível que aquela ilha fosse seu pai.*

Mas vez ou outra, quando seus negócios o levavam até a baía, ele tinha a impressão de ainda ouvir o canto das baleias chamando-o de volta a Cocobolo. Às vezes, ao contemplar o oceano por uma luneta, jurava ver no horizonte uma mancha familiar que não era um navio e onde não havia uma ilha mapeada. Aos poucos, com o passar das semanas, começou a sentir dentro de si uma pressão estranha se formando. A intensidade ficava maior quando ele estava perto da água, como se o mar estivesse tentando fazer o corpo de Zheng se lembrar do que desejava se tornar. Se parasse na beira de um cais e enchesse seu olhar com o oceano, sentia a grama, a areia e as algas que trancara dentro de si lutando para serem libertas.

Zheng passou a evitar a água. Jurou nunca mais pisar em um navio. Comprou uma casa bem no interior, onde jamais teria que olhar para o oceano. Mas nada disso foi suficiente: ele sentia a pressão sempre que tomava banho, lavava o rosto ou quando pegava chuva. Zheng parou de tomar banho e de lavar o rosto e nunca saía se houvesse uma nuvem escura sequer no céu. Não bebia água em copos, com medo de que isso despertasse desejos incontroláveis. Quando a sede era muita, chupava um pano molhado.

— Nem uma gota. Não vou permitir nem uma gota nesta casa — disse ele à esposa.

E assim ele seguiu a vida. Muitos anos se passaram sem que Zheng tivesse contato com água. Velho e ressecado como poeira, ele começou a parecer uma uva-passa gigante,

mas nem as plantas nem os desejos retornaram. Ele e a esposa nunca tiveram filhos, em parte porque Zheng tinha sido selado com cola de cima a baixo, mas também porque ele temia passar aquele problema para a próxima geração.

Certo dia, Zheng estava examinando os pertences pessoais para escrever seu testamento quando, no fundo de uma gaveta, encontrou um saquinho de seda. Ele o virou de cabeça para baixo, e um rubi caiu na palma de sua mão. Tinha vendido o restante havia muito tempo e achava que aquele tinha se perdido, mas ali estava ele, frio e pesado em sua mão. Naquele momento, Zheng percebeu que passara metade da vida sem pensar no pai.

Suas mãos começaram a tremer. Ele escondeu o rubi de vista e se voltou para outros assuntos, mas não conseguiu controlar o que brotava de seu interior.

Não conseguia imaginar de onde a umidade estava vindo. Ele sequer tinha chupado um trapo em três dias, mas sua visão começou a turvar e seus olhos lacrimejavam, como se alguma reserva secreta tivesse se aberto em seu corpo.

— Não! Não, não, não! — gritou ele, esmurrando a mesa.

Desesperado, Zheng olhou em volta à procura de algo para distrair a mente. Contou até vinte de trás para a frente, cantou uma música sem sentido. Mas não conseguiu fazer aquilo parar.

Quando finalmente aconteceu, o evento foi tão anticlimático que ele se perguntou se não tinha exagerado. Uma lágrima desceu pelo rosto, escorreu do queixo e caiu no chão. Ele ficou parado, imóvel, olhando fixamente para a mancha escura que a gota deixou na madeira.

Por um longo momento, tudo ficou imóvel e silencioso. Então, a coisa que Zheng mais temia aconteceu. Começou com aquela antiga pressão terrível, que em questão de instantes se tornou insuportável. Parecia que seu corpo estava sofrendo um terremoto.

A cola que cobria seu corpo rachou e caiu. Uma inundação de areia tomou conta de sua pele. O alcatrão que tapava suas axilas se desintegrou, e ramos de algas brotaram a uma velocidade incrível. Em menos de um minuto o cômodo estava quase inteiramente preenchido por aquilo, e ele soube que precisava sair da casa para não destruí-la. Zheng saiu correndo para um temporal violento.

Ele caiu na rua, a areia e as algas ainda brotando. As pessoas que passavam por ele saíam correndo aos gritos. Os pés de madeira se soltaram, e dos cotos surgiram extensões infinitas de grama. O corpo de Zheng começou a crescer, a chuva e a grama se misturando à areia para formar terra, camadas e camadas que o envolviam como pele

sobre pele. Logo Zheng estava tão largo quanto a rua e alto como a própria casa.

Uma multidão se formou e o atacou. Zheng lutou para permanecer sobre seus cotos gramados e, depois, tentou correr. Ele caiu, esmagando uma casa com seu peso. Tornou a se levantar e seguiu desastradamente adiante, subindo um morro com dificuldade, os pés abrindo buracos na rua.

A multidão o perseguiu, e chegaram soldados, que disparavam flechas nas costas dele. De suas feridas jorrava ouro líquido, o que apenas encorajou mais gente a se juntar ao ataque. Durante todo esse tempo Zheng crescia, e logo estava com o dobro de largura da rua e três vezes maior que sua casa. Sua forma estava rapidamente deixando de ser humana, os braços e pernas desaparecendo no interior da bola gigante de terra que era seu tronco.

Ele chegou ao alto da rua caminhando sobre pequeninos cotos bamboleantes, que no momento seguinte foram engolidos pelo próprio corpo. Sem ter como se equilibrar, Zheng saiu rolando pelo outro lado, uma forma redonda, no início vagarosamente mas ganhando cada vez mais velocidade. Era impossível detê-lo. Ele foi esmagando casas, carroças e pessoas pelo caminho, o tempo todo crescendo mais e mais.

Zheng adernou para o interior da baía, correu por um cais de madeira e mergulhou no mar, provocando uma onda tão grande que todos os barcos ao redor foram inundados. Ao voltar à superfície e ser levado pela corrente, ele começou a crescer mais rápido que nunca, a grama, a terra, a areia e as algas se estendendo pela água até formar uma ilhota. A transformação o consumiu de forma tão completa que ele não percebeu a aproximação de vários navios de guerra do imperador, mas sentiu quando começaram a disparar os canhões em sua direção.

A dor era inacreditável. O sangue dourado de Zheng fez o mar brilhar ao sol. Ele achou que era o fim de sua vida, até que ouviu uma voz familiar.

Era o pai de Zheng, chamando seu nome.

A Cocobolo se colocou entre o filho e os navios com um grande estrondo. A onda gerada nesse momento emborcou os navios de guerra do imperador como se fossem brinquedos. Zheng sentiu algo se ligar a ele dentro da água — era seu pai o puxando para o mar. Quando já estavam longe do perigo e tudo havia se acalmado, Liu Zhi dobrou alguns coqueiros para servirem como catapultas, lançando terra para os buracos que tinham sido abertos em Zheng pelos tiros de canhão.

— Obrigado — disse Zheng. Sua voz era um ronco alto que saía de algum ponto desconhecido. — Eu não mereço sua bondade.

— Claro que merece — respondeu Liu Zhi.

— Você estava de vigia.

— Estava — confirmou o pai.

— Por todos esses anos?

— Sim. Eu tinha a sensação de que um dia você precisaria da minha ajuda.

— Mas eu fui muito cruel com você.

Liu Zhi ficou em silêncio por um momento.

— Você é meu filho.

Zheng tinha parado de sangrar, mas agora sentia uma dor ainda pior: uma vergonha terrível. Zheng conhecia muito bem a vergonha, mas aquela era de um tipo diferente. Ele estava envergonhado diante da bondade com que havia sido tratado; envergonhado pela maneira como tratara o pobre pai; e, acima de tudo, envergonhado de si mesmo, por deixar que a vergonha o consumisse.

— Sinto muito, pai — disse Zheng, chorando. — Sinto muito mesmo.

Enquanto chorava, Zheng sentia que estava crescendo: areia, grama e terra despontando para o exterior, as algas se adensando em uma floresta submarina. O recife de coral que circundava o pai se ligou ao que começava a se formar em torno de Zheng, e, com um leve puxão, a Cocobolo mais velha conduziu a jovem ilha mar adentro.

— Tem um ponto maravilhoso perto de Madagascar onde podemos relaxar em segurança — disse o pai. — Acho que você precisa de um bom e demorado cochilo.

Zheng se deixou arrastar e, com o passar dos dias, começou a sentir algo incrivelmente novo, algo maravilhoso.

Finalmente se sentia ele mesmo.

---

[1] Ao que parece, a informação da existência das *ymbrynes* na Grã-Bretanha se propagou por grandes distâncias, transformando-se em material de lendas mesmo entre não peculiares.

[2] Ilhas vivas são praticamente desconhecidas no mundo peculiar atual. Se ainda existem algumas, permanecem muito bem escondidas. Ninguém pode culpá-las por serem tímidas: no passado, mineradores exploravam essas ilhas, extraindo o sangue delas por métodos grotescos e extremamente dolorosos.

[3] Tecnicamente, não era mentira, já que o corpo do pai *era* Cocobolo.

Nota do editor:

Uma das mais antigas histórias do folclore peculiar, este conto assumiu formas muito diferentes ao longo dos séculos. Enquanto as versões mais comuns retratam as pombas como construtoras, considero bem mais interessante quando são colocadas no papel de destruidoras, como vemos nesta versão.

— MN

MUITO TEMPO ATRÁS, bem antes de haver torres, campanários e qualquer outro tipo de construção alta na cidade de Londres, todas as pombas viviam no topo das árvores, onde se mantinham longe da agitação e do rebuliço da sociedade humana. As pombas não se importavam com o cheiro dos humanos, os ruídos estranhos que saíam de suas bocas ou com a sujeira feita por eles, mas apreciavam as coisas perfeitamente comestíveis que aquelas estranhas criaturas derrubavam nas ruas e jogavam em pilhas de lixo. Por tudo isso, as pombas gostavam de ficar perto dos humanos, mas não perto *demais*. Uns cinco a quinze metros acima da cabeça deles era o ideal.

Só que Londres começou a crescer — não apenas para os lados, mas para cima —, e os humanos passaram a erguer torres de vigia e igrejas com campanários e outras construções que invadiam o que as pombas consideravam seu domínio particular. As pombas convocaram uma reunião. Milhares delas se reuniram em uma ilha não habitada no meio do rio Tâmisa[1] para decidir o que fazer em relação aos humanos e seus prédios cada vez mais altos. Como as pombas são criaturas democráticas, discursos foram proclamados e a questão foi a votação. Um contingente pequeno votou por aguentar os humanos e compartilhar com eles o ar. Uma fração ainda menor defendeu deixarem Londres e encontrarem algum lugar menos povoado para viver. Mas a ampla maioria votou por declarar guerra.

Claro, as pombas sabiam que não podiam vencer uma guerra contra os humanos, e nem queriam isso (quem deixaria cair restos para eles comerem se os humanos fossem mortos?). Mas pombas são especialistas na arte da sabotagem e, com uma engenhosa combinação de desordem e vandalismo, deram início a uma luta de séculos para manter os humanos no nível do chão, que era o lugar deles. No início foi fácil, porque os humanos construíam tudo com madeira e palha. Depositar algumas brasas acesas em um telhado de palha era o suficiente para reduzir a cinzas um prédio irritantemente alto. Mas tentar desencorajar os humanos era decepcionante: a tarefa chegava às raias do impossível, pois eles sempre reconstruíam tudo. De qualquer modo, as pombas continuaram a incendiar quaisquer estruturas com mais de dois andares, no mesmo ritmo que os humanos as erguiam.

Com o tempo, os humanos ficaram mais sábios e começaram a construir suas torres e campanários com pedra, o que os tornava muito mais difíceis de queimar. As pombas, portanto, resolveram atrapalhar as construções. Bicavam a cabeça dos operários, derrubavam andaimes e defecavam nos projetos arquitetônicos. Isso reduzia um pouco o progresso dos humanos, mas não o impedia, de modo que, após alguns anos, uma

grande catedral de pedra foi erguida, mais alta do que qualquer árvore de Londres. As pombas a consideraram uma coisa horrenda e uma afronta a seu domínio do céu. Aquilo provocou uma irritação tremenda nelas.

Felizmente, os vikings logo atacaram e destruíram a maior parte da cidade, inclusive a torre. As pombas amavam os vikings, pois eram um povo que não ligava para prédios altos e que deixava lixo saboroso por toda parte. Mas eles partiram depois de alguns anos, permitindo que os construtores de torres retomassem as atividades. Escolheram uma colina alta que dava para o rio e ergueram ali uma catedral enorme, que fazia todas as construções anteriores parecerem pequenas. Eles a chamaram de Catedral de St. Paul. As pombas tentaram incendiá-la inúmeras vezes, mas os humanos haviam dedicado um pequeno exército de bombeiros à proteção da catedral, o que prejudicou os esforços das aves.

Frustradas e irritadas, as pombas começaram a atear fogo em áreas próximas durante noites com vento particularmente forte, em locais que permitissem ao vento carregar as chamas até a catedral, na esperança de que um eventual incêndio se espalhasse. Na manhã de 2 de setembro de 1666, seus esforços foram desastrosamente bem-sucedidos. Uma pomba chamada Nesmith incendiou uma padaria a menos de um quilômetro da Catedral de St. Paul. Enquanto a padaria era consumida pelo fogo, um vento feroz empurrou as chamas direto morro acima. A catedral foi consumida por completo: naves, campanários, tudo. Em quatro dias, o mesmo havia acontecido com oitenta e sete outras igrejas e mais de dez mil casas. A cidade era uma ruína fumegante.[2]

As pombas se sentiram mal por tudo aquilo, pois não tinham previsto tamanha destruição. Emocionalmente, era bem diferente dos ataques vikings; embora o dano fosse comparável, a culpa pelo incêndio fora exclusiva das pombas. Elas então convocaram uma reunião para discutir se deveriam ou não deixar Londres de uma vez por todas. Talvez, argumentaram algumas, não merecessem mais viver ali. A votação resultou em empate, e elas decidiram retornar no dia seguinte para debater o assunto mais a fundo. Naquela noite, começaram os ataques de vingança. Havia um grupo de humanos que, parecendo entender que a culpa dos incêndios era das pombas, decidira expulsá-las. Eles molharam migalhas de pão em arsênico e tentaram envenenar as pombas; derrubaram as árvores preferidas das aves, aquelas em que se empoleiravam para pernoitar, e destruíram os ninhos; perseguiam pombas com vassouras e porretes e atiravam nelas com mosquetes. Depois dessa onda de vingança, não restou uma única pomba disposta a deixar a cidade; elas eram orgulhosas demais. Em vez disso, decidiram revidar

novamente.

As pombas bicavam, defecavam e espalhavam doenças, faziam de tudo para deixar os humanos infelizes. Por sua vez, os humanos intensificaram a violência contra as aves. Na verdade, não havia muito mais que as pombas pudessem fazer além de irritar os humanos, mas quando os humanos começaram a reconstruir a catedral, símbolo de sua arrogância, as pombas declararam guerra. Milhares delas desceram sobre o local da construção, arriscando a vida e as asas para expulsar os operários. Dia após dia, batalhas campais eram disputadas entre humanos e aves, e por mais pombas que os humanos matassem, mais pombas surgiam. Eles chegaram a um impasse. A construção foi interrompida. Parecia que nunca haveria outra catedral no lugar da St. Paul, e que as pombas de Londres seriam atacadas e mortas para sempre.

Um ano se passou. As pombas continuaram a lutar, seus números, a diminuir, e, embora os humanos estivessem reconstruindo gradualmente as outras regiões de Londres, pareciam ter abandonado os planos para a catedral. No entanto, a violência continuou, porque o ódio entre humanos e pombas tinha se tornado arraigado.

Certo dia, as pombas estavam se reunindo naquela mesma ilha quando chegou um barco a remo, conduzido por um único humano. Alarmadas, as pombas estavam prestes a atacar quando ele ergueu os braços e gritou:

— Venho em paz!

As pombas logo descobriram que ele não era como a maioria dos outros humanos; a duras penas, o homem falava a língua nativa das pombas, de trinados e arrulhos. Ele explicou que sabia muito sobre aves, e sabia também sobre aves peculiares, porque sua mãe havia sido uma. Além do mais, ele simpatizava com a causa das pombas e queria negociar uma trégua.

As pombas ficaram surpresas. Em votação, decidiram não arrancar os olhos do homem a bicadas — pelo menos não de imediato. Elas o interrogaram. Seu nome era Wren, um arquiteto. Seus semelhantes humanos o haviam encarregado de tentar reconstruir, uma vez mais, a catedral na colina.

— Você está perdendo seu tempo. Muitos de nós morreram para impedir isso — disse Nesmith, líder das pombas, que fora responsável por iniciar o incêndio.

— Claro, nada pode ser construído sem paz. E não se pode alcançar paz sem um acordo. Venho propor um novo acordo entre minha espécie e a sua. Primeiro: reconhecemos que o ar é território de vocês e não construiremos nada nele sem sua permissão — propôs Wren.

— E por que daríamos permissão?

— Porque essa nova construção será diferente de todas as anteriores. Não será para uso exclusivo de humanos. Será de vocês também.

Nesmith riu.

— E por que você acha que nos interessaríamos por essa construção?

— Ora, Nesmith — disse outra pomba —, se tivéssemos um prédio, poderíamos nos abrigar do frio e da chuva quando necessário. Poderíamos pernoitar e botar ovos ali, e nos aquecer.

— Não com humanos ao redor para nos perturbar! Precisamos de um espaço só nosso — retrucou Nesmith.

— E se eu lhes prometesse fazer a catedral tão alta que os humanos não terão interesse em usar a metade de cima? — sugeriu Wren.

Wren fez mais que apenas promessas. Voltou dia após dia para discutir seus planos e até fez alterações para satisfazer os caprichos das pombas, que exigiram todo tipo de esconderijos, campanários e arcos — coisas praticamente inúteis para nós, humanos, porém mais aconchegantes para as pombas que um sofá nos seria, por exemplo. Wren até prometeu às pombas uma entrada exclusiva para elas, bem acima do chão e inacessível àqueles sem asa. Em troca, as aves prometeram não atrapalhar a construção e, quando concluída, a não fazer muito barulho durante as cerimônias nem defecar nos fiéis.

E assim foi forjado um acordo histórico. As pombas e os humanos cessaram a guerra e voltaram a apenas irritar uns aos outros. Wren construiu sua catedral (ou melhor, a catedral *das pombas*), um lugar elevado e altivo, e as aves nunca mais tentaram destruí-la. Na verdade, sentiram tanto orgulho da Catedral de St. Paul que juraram protegê-la, e assim o fazem até hoje. Quando incêndios começam, elas saem voando e apagam as chamas com o bater das asas; expulsam vândalos e ladrões; durante a Primeira Grande Guerra, esquadrões de pombas desviavam bombas em pleno ar. Não seria exagero afirmar que a Catedral de St. Paul não estaria de pé hoje se não fosse por seus guardiões alados.

Wren e as pombas permaneceram amigos por toda a vida. Até seu falecimento, o arquiteto mais estimado da Inglaterra nunca foi a lugar algum sem uma pomba à mão para aconselhá-lo. Mesmo após sua morte, as aves iam visitá-lo de vez em quando, no solo. Até hoje, a catedral que eles construíram se destaca sobre Londres, com as pombas peculiares de vigia.

[1] Conhecida hoje como ilha Eel Pie, o local tem sido um ponto de encontro de peculiares. Era um dos lugares favoritos do rei Henrique VIII, e, no século XX, hippies, anarquistas e músicos de rock afluíam para lá.

[2] Em alguns relatos do incêndio, as pombas abanam as chamas com as asas. Realmente, um momento vergonhoso na história peculiar.

ERA UMA VEZ uma menina chamada Lavinia, cujo único desejo era ser médica, como o pai. Lavinia tinha uma mente aguçada e um coração bondoso, sentia prazer em ajudar as pessoas. Teria sido uma excelente médica, mas o pai não aceitava isso. Ele também tinha um coração bondoso e queria apenas poupar a filha de decepções: naquela época, não havia nenhuma médica mulher nos Estados Unidos, e parecia inconcebível que ela fosse aceita em uma escola de medicina. Por isso, ele a encorajava a ter ambições mais realistas.

— Há outras maneiras de ajudar as pessoas. Você pode ser professora — sugeria o pai.

Mas Lavinia odiava suas professoras. Na escola, enquanto os meninos aprendiam ciências, Lavinia e as outras meninas eram ensinadas a tricotar e cozinhar. Mas ela não desistia: roubava os livros de ciências dos garotos e os memorizava; espiava pelo buraco da fechadura do consultório do pai para vê-lo examinar pacientes; atormentava-o com perguntas sem fim sobre o trabalho; dissecava sapos que encontrava no jardim para examinar as entranhas. Ela jurou para si mesma que, um dia, descobriria a cura para alguma doença. Um dia seria famosa.

Lavinia nunca poderia imaginar que esse dia chegaria tão rápido, tampouco a maneira como isso aconteceria. Seu irmão mais novo, Douglas, sempre tivera pesadelos, e nos últimos tempos vinham ficando piores. Muitas vezes ele acordava gritando, convencido de que monstros estavam indo devorá-lo.

— Monstros não existem — disse Lavinia certa noite, enquanto o confortava. — Tente pensar em filhotinhos quando estiver adormecendo, ou no Gorducho correndo pelo campo.

Ela deu um tapinha em seu velho cão de caça, que estava deitado ao pé da cama. Na noite seguinte, Douglas começou a pensar em Gorducho e em pintinhos quando foi dormir, mas em seus sonhos o cachorro se transformava em um monstro que arrancava a cabeça dos pintinhos a dentadas, e ele acordou gritando mais uma vez.

Preocupado com a saúde de Douglas, seu pai observou os olhos do menino, a garganta e os ouvidos e examinou o corpo todo à procura de eczemas, mas não conseguiu encontrar nenhum problema físico. Então os terrores noturnos pioraram tanto que Lavinia resolveu, ela mesma, examinar Douglas, só para o caso de o pai ter deixado passar algo.

— Mas você não é médica. Você é apenas minha irmã — protestou o menino.

— Cale a boca e fique parado. Agora diga *AHHH*.

Após examinar o interior da garganta e o nariz, foi a vez dos ouvidos, e bem no fundo deles, com a ajuda de uma luz, ela viu uma massa estranha de material negro. Lavinia enfiou o dedo no ouvido do irmão e o agitou, e quando o removeu, um fio fuliginoso de alguma substância se enroscava na ponta. Ao retirar a mão, um metro daquela substância saiu do ouvido de Douglas.

— Ei, isso faz cócegas! — disse ele, rindo.

Ela embolou o fio na mão. A coisa se remexia de leve, como se estivesse viva.

Lavinia mostrou aquilo ao pai.

— Que estranho — observou ele, erguendo o fio à luz.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Não sei — respondeu ele, franzindo o cenho.

O fio se retorcia vagarosamente na direção de Lavinia.

— Acho que ele gostou de você — comentou o pai.

— Talvez seja uma descoberta! — falou a menina.

— Não acredito que seja. De qualquer modo, não precisa se preocupar com isso.

Ele lhe deu um tapinha na cabeça, pôs o fio em uma gaveta e a trancou.

— Eu gostaria de examinar essa coisa também — insistiu ela.

— É hora do almoço — respondeu ele, enxotando-a.

Lavinia foi para o quarto pisando duro, irritada. Aquilo poderia ter sido o fim da história, não fosse por um detalhe: Douglas não teve pesadelos naquela noite, tampouco na noite depois daquela. Ele creditava sua recuperação inteiramente à irmã.

O pai deles tinha suas dúvidas. Pouco tempo depois, porém, um paciente dele reclamou de insônia devido a pesadelos, e, tendo as recomendações do médico falhado em ajudá-lo, o pai pediu a Lavinia, ainda que relutante, para dar uma olhada no ouvido do paciente. Com apenas onze anos e pequena para a idade, ela teve que subir em uma cadeira para olhar. O ouvido do homem estava claramente obstruído por uma massa de substância negra e filamentosa, que o pai da menina não conseguira ver. Ela enfiou o mindinho no canal auditivo do paciente, remexeu-o e puxou um fio dali de dentro. Era tão comprido e estava preso com tamanha firmeza no interior da cabeça que, para soltá-lo, ela teve que descer do banco, firmar os calcanhares no chão e puxar com as duas mãos. Quando a coisa finalmente se soltou da cabeça do paciente, Lavinia caiu de costas no chão e o homem tombou da maca.

O pai da menina recolheu o fio negro e o guardou na gaveta, junto com o outro.

— Mas é *meu* — protestou Lavinia.

— Na verdade, é dele — retrucou o pai, ajudando o homem a se levantar do chão. — Agora vá brincar com seu irmão.

O homem voltou três dias depois. Ele não tivera um único pesadelo desde que Lavinia removera o fio de seu ouvido.

— Sua filha faz milagres! — declarou ele, falando com o pai de Lavinia, mas sorrindo para ela.

A informação sobre o talento da menina começou a se espalhar, e a casa deles passou a receber um fluxo constante de visitantes, todos pedindo que Lavinia removesse seus pesadelos. Ela ficou empolgada; talvez fosse daquela maneira que ela ajudaria as pessoas.[1]

Mas o pai de Lavinia mandou todos embora. E quando ela exigiu uma explicação, ele apenas respondeu:

— Não é nada adequado para uma dama enfiar o dedo no ouvido de estranhos.

Mas Lavinia desconfiava que havia outra razão: as pessoas estavam se consultando mais com ela do que com o pai. Ele estava com *inveja*.

Amargurada e frustrada, Lavinia aguardou pacientemente. Por sorte, algumas semanas depois o médico foi chamado a outra cidade para resolver assuntos urgentes. Como foi uma viagem inesperada, ele não teve tempo de arranjar alguém para cuidar das crianças.

— Prometa que não vai… — começou ele, apontando para o ouvido (ele não sabia como chamar aquilo que ela fazia e não gostava de falar no assunto).

— Prometo — disse Lavinia, com os dedos cruzados às costas.

O pai deu um beijo nos filhos, pegou a bagagem e partiu. Ele estava ausente havia apenas algumas horas quando alguém bateu na porta. Ao abrir, Lavinia se viu diante de uma jovem triste e pálida como a morte, os olhos de aspecto sombrio marcados por olheiras.

— É você a menina que afasta os pesadelos? — perguntou ela, com a voz doce.

Lavinia a convidou a entrar. O consultório do pai estava trancado, por isso ela a conduziu à sala de estar, pediu que se deitasse no sofá e começou a retirar uma grande quantidade de fio negro de seu ouvido. Quando Lavinia terminou, a moça chorou de gratidão. Lavinia ofereceu um lenço, recusou qualquer pagamento e a acompanhou até a porta.

Depois que a jovem foi embora, Lavinia se virou e viu o irmão observando do corredor.

— Papai proibiu você de fazer isso — disse ele, com ar sério.

— Isso é problema meu, não seu — ralhou Lavinia. — Você não vai contar para ele, vai?

— Talvez. Ainda não decidi.

— Se você contar, vou botar isso de volta onde encontrei! — ameaçou a menina, estendendo o bolo de fio de pesadelo e fingindo enfiá-lo no ouvido de Douglas.

O menino saiu correndo da sala. Enquanto Lavinia estava ali parada, sentindo-se um pouco mal por tê-lo assustado, o fio que ela segurava se ergueu em sua mão como se fosse uma serpente encantada e apontou para o corredor.

— O que foi? Nós vamos a algum lugar? — disse ela.

Ela seguiu na direção indicada. No fim do corredor, o fio se virou e se balançou para a esquerda, na direção do consultório do pai da menina. A porta estava trancada, mas o fiozinho se dirigiu ao buraco da fechadura, e instantes depois a porta se abriu com um estalido.

— Puxa, até que você é um pesadelo bem esperto, hein?

Ela entrou. O fio saiu da fechadura, caiu na mão da menina e apontou para o outro lado da sala, na direção da gaveta onde o pai havia guardado os outros fios. Ele queria reencontrar os amigos!

Por um instante ela se sentiu culpada por entrar ali sem a permissão do pai, mas espantou aquele sentimento: na verdade, estavam apenas exigindo o que lhes pertencia. Ela foi até a escrivaninha, e o fio repetiu o truque no cadeado. A gaveta se abriu. Ao se verem, o fio novo e os velhos se retesaram e recuaram. Eles circundaram uns aos outros sobre a mesa, hesitantes, cheirando-se como cachorros. Então pareceram concluir que não havia perigo e rapidamente se misturaram, formando uma bola do tamanho de um punho.

Lavinia riu e bateu palmas. Que fascinante! Que incrível!

Durante todo o dia apareceram pessoas na porta de Lavinia em busca de ajuda: uma mãe atormentada por sonhos com um filho perdido; crianças pequenas levadas por pais ansiosos; um senhor de idade que toda noite revivia cenas de uma guerra sangrenta travada meio século antes. Ela removeu dezenas de pesadelos e os acrescentou à bola de fios. Depois de três dias, a bola estava do tamanho de uma melancia; depois de seis dias, quase do tamanho de seu cachorro, que exibia os dentes e rosnava sempre que via aquilo. (Quando a bola rosnou em resposta, Gorducho pulou por uma janela aberta e não voltou.)

À noite, Lavinia ficava acordada até tarde analisando a bola. Fazia testes, investigava, examinava fragmentos ao microscópio. Ela estudou os livros de medicina do pai à procura de qualquer menção a um fio que vivia no interior do canal auditivo, mas não encontrou nada. Isso significava que tinha feito uma descoberta científica — e que talvez *ela própria* fosse uma descoberta!

Extremamente empolgada, a menina sonhava abrir uma clínica onde usaria seu talento para ajudar as pessoas. Todo tipo de gente a visitaria, de mendigos a presidentes, e um dia, talvez, os pesadelos se tornassem coisa do passado! A ideia a deixou tão feliz que ela passou dias andando nas nuvens.

Enquanto isso, Douglas passava a maior parte do tempo evitando a irmã. A bola o deixava extremamente desconfortável: sempre se contorcendo, mesmo quando parada; exalando um cheiro sutil porém penetrante de ovos podres; fazendo um zumbido baixo porém constante, impossível de ignorar à noite, quando não havia qualquer outro ruído na casa; seguindo Lavinia por toda parte, grudada em seus calcanhares como um bicho de estimação devotado, fosse pela escada, à cama, à mesa de jantar (onde aguardava pacientemente por restos de comida) e mesmo ao banheiro, se jogando contra a porta até que ela saísse.[2]

— Você precisa se livrar dessa coisa. É só lixo da cabeça das pessoas — disse Douglas.

— Eu gosto de ter Baxter por perto.

— Você deu um *nome* a esse troço?

— Ele é fofo — respondeu Lavinia, dando de ombros.

Mas a verdade é que ela não sabia como se livrar daquilo. Tinha tentado trancar Baxter em um baú, para poder sair pela cidade sem que ele a seguisse, mas ele arrombara a tampa. Tinha gritado com ele, brigado, mas Baxter tinha ficado quicando no lugar, empolgado em receber tanta atenção. Tinha até tentado amarrá-lo em um saco, levá-lo para longe e jogá-lo em um rio, mas de algum modo Baxter tinha se libertado e voltado naquela mesma noite (espremendo-se pela fresta da caixa de correspondência, rolando escada acima e pulando no peito dela, uma mixórdia imunda e enlameada). No fim, dar um nome à bola consciente de pesadelos tornou um pouco menos perturbadora sua presença constante.

Lavinia não estava indo à escola, mas, depois de uma semana, não podia continuar assim. Ela sabia que Baxter a seguiria, porém, em vez de tentar explicar o fio de pesadelos para os professores e colegas de turma, jogou-o em uma bolsa, colocou-a sobre o ombro e o levou junto. Desde que não se afastasse da bolsa, Baxter ficaria quieto

e não causaria problemas.

Mas Baxter não era seu único infortúnio. Notícias do dom de Lavinia tinham circulado entre os outros alunos, e quando o professor não estava olhando, um garoto grosseiro de rosto gordo, chamado Glen Farcus, botou na cabeça de Lavinia um chapéu de bruxa feito de papel.

— Acho que isso é seu! — disse ele, enquanto todos os outros garotos riam.

Ela arrancou o chapéu e o jogou no chão.

— Eu não sou bruxa, sou *médica*.

— Ah, é? Então é por isso que você aprende tricô enquanto todos os garotos estudam ciências?

Os garotos riram tanto que o professor perdeu a paciência e mandou todo mundo copiar o dicionário. Enquanto estavam cumprindo o castigo, em silêncio, Lavinia enfiou a mão na bolsa, puxou um único fio de Baxter e sussurrou uma ordem a ele. O fio desceu rastejando pelo pé da cadeira, seguiu pelo chão, subiu a cadeira de Glen Farcus e entrou no ouvido do menino.

Ele não percebeu. Ninguém percebeu. Mas, no dia seguinte, Glen chegou à escola com uma expressão abalada, o rosto pálido.

— Qual o problema, Glen? Dormiu mal essa noite? — perguntou Lavinia.

O garoto arregalou os olhos. Ele pediu licença para deixar a sala e nunca mais voltou.

Naquela noite, Lavinia e Douglas receberam a notícia de que o pai voltaria no dia seguinte. Ela precisava encontrar um jeito de esconder Baxter, pelo menos por um tempo. Usando o que aprendera na odiada aula de economia do lar, ela desfiou Baxter, tricotou-o em um par de meias e as vestiu. Embora as meias pinicassem terrivelmente, era improvável que o pai percebesse.

Ele voltou no dia seguinte à tarde, cansado da viagem. Depois de abraçar os filhos, mandou que Douglas se retirasse para poder conversar a sós com Lavinia.

— Você se comportou bem? — perguntou o pai.

De repente, Lavinia começou a sentir uma coceira absurda nos pés e nas pernas.

— Sim — respondeu a menina, coçando um pé com o outro.

— Estou orgulhoso de você, minha filha. Principalmente porque, antes de partir, eu não lhe dei uma explicação muito boa para minha resistência a que você usasse seu dom. Mas acho que agora posso me explicar melhor.

— Hum? — disse Lavinia.

Ela estava distraída, pois era necessária toda a sua força de vontade para não se abaixar

e coçar as pernas.

— Pesadelos não são como tumores e membros gangrenados. São desagradáveis, é verdade, mas às vezes coisas desagradáveis podem ter um propósito. Talvez eles não devessem ter sido removidos.

— Você acha que pesadelos podem ser *bons*? — perguntou Lavinia, que encontrara um pouco de alívio esfregando um dos pés em uma das cadeiras.

— Não exatamente bons, mas acho que algumas pessoas merecem ter pesadelos, enquanto outras não. E como você vai saber quem é quem?

— Eu simplesmente sei.

— E se você se enganar? Sei que você é inteligente, querida, mas ninguém é tão inteligente o tempo todo.

— Então posso botá-los de volta.

O pai dela pareceu surpreso.

— Você consegue botar os pesadelos de volta?

— Sim, eu… — Ela quase contou sobre Glen Farcus, mas se conteve. — Eu *acho* que sim.

Ele respirou fundo.

— É muita responsabilidade para alguém da sua idade. Prometa que só vai tentar fazer algumas dessas coisas outra vez quando for mais velha. *Bem* mais velha.

Ela estava tão atormentada pela coceira que só conseguiu se concentrar em metade do que foi dito.

— Prometo! — respondeu, e subiu correndo para tirar as meias.

Lavinia se trancou no quarto, tirou o vestido e começou a arrancar as meias, mas elas não saíam. Baxter tinha gostado de ficar ligado à pele dela. Por mais que a menina puxasse, não adiantava. Ela tentou até usar um abridor de cartas, mas a ponta de metal se dobrou para trás, sem conseguir separar Baxter nem um pouquinho da pele dela.

Por fim, Lavinia acendeu um fósforo e o aproximou do pé. Baxter gemeu e se contorceu.

— Não me obrigue a fazer isso! — ameaçou ela, e aproximou a chama de Baxter.

Com relutância, Baxter a soltou e reassumiu a forma esférica.

— Baxter mau! Isso foi feio!

Ele se achatou um pouco, encolhendo-se de vergonha.

Lavinia despencou na cama, exausta, e se viu pensando em algo que o pai dissera: que tirar os pesadelos das pessoas era uma grande responsabilidade. Sem dúvida ele estava

certo quanto a isso. Baxter já era um problema daquele tamanho, e quanto mais pesadelos ela removesse das pessoas, maior ele ficaria. O que fazer?

Lavinia se sentou rapidamente ao ter uma ideia. Algumas pessoas mereciam ter pesadelos, dissera o pai, o que a fez pensar: não era só porque ela os *retirava* que precisava *guardá-los*. Ela podia ser o Robin Hood dos sonhos, livrando pessoas boas de seus pesadelos e dando-os às pessoas más. Como bônus, não teria uma bola de fio de pesadelos seguindo-a por toda parte.

Descobrir quem eram as pessoas boas era bem fácil, mas ela precisaria tomar cuidado na identificação das más; odiaria dar pesadelos às pessoas erradas. Por isso, Lavinia fez uma lista das piores pessoas da cidade. No topo estava a sra. Hennepin, diretora do orfanato local, conhecida por bater em seus protegidos com um chicote de montaria. Em segundo lugar estava o sr. Beatty, o açougueiro, que todos diziam ter matado a própria esposa e escapado impunemente. Em seguida vinha Jimmy, motorista de carruagem que se embriagara e atropelara o cão-guia do sr. Ferguson. Havia também pessoas que eram simplesmente rudes ou desagradáveis (uma lista longa) e aquelas de quem Lavinia simplesmente não gostava (uma lista ainda mais longa).

— Baxter, venha cá!

Baxter rolou até a menina.

— O que acha de me ajudar com um projeto importante?

Baxter se retorceu com avidez.

Eles começaram na mesma noite. Toda vestida de preto, Lavinia pôs Baxter na bolsa e o pendurou nas costas. Quando o relógio bateu meia-noite, eles saíram às escondidas e circularam por toda a cidade dando pesadelos às pessoas da lista, os piores para os que estavam no topo, os pequeninos para aqueles mais abaixo. Lavinia puxava fios de Baxter e os mandava subir rastejando por calhas e por janelas abertas na direção de seus alvos. Ao fim da noite, eles tinham visitado dezenas de casas, e Baxter encolhera ao tamanho de uma maçã. Agora ele cabia no bolso de Lavinia. Exausta, ela voltou para casa e caiu em um sono profundo no momento em que pousou a cabeça no travesseiro.

Depois de alguns dias, ficou claro que haveria consequências. Ao descer para o café da manhã, Lavinia encontrou o pai sentado à mesa olhando com uma expressão de reprovação para o jornal que tinha diante de si. Jimmy, o motorista de ônibus, tinha se envolvido em um acidente terrível, de tão exausto que estava pela falta de sono. No dia seguinte, Lavinia soube que a sra. Hennepin, agitada por alguma enfermidade desconhecida, espancara vários dos órfãos de quem cuidava, deixando-os em coma. Um

dia depois do dia seguinte, foi a vez do sr. Beatty, o açougueiro que diziam ter matado a esposa: ele se jogou de uma ponte.

Tomada pela culpa, Lavinia jurou não usar seu talento até que ficasse mais velha e pudesse confiar no próprio julgamento. As pessoas continuavam a aparecer em sua porta, mas ela as mandava embora, mesmo as que apelavam a seus sentimentos com histórias tristes.

— Não vou receber mais nenhum paciente. Sinto muito — dizia-lhes.

Mas as pessoas não paravam de chegar, e Lavinia começou a perder a paciência.

— Não me importa. Vá embora! — gritava, batendo a porta na cara das pessoas.

A verdade era que ela se importava, sim, mas esse pequeno ato de crueldade era sua armadura contra a dor contagiante dos outros. Precisava isolar o coração para não causar mais danos.

Depois de algumas semanas, Lavinia tinha aprendido a controlar os sentimentos. Até que certa vez, tarde da noite, bateram na janela de seu quarto. Ela abriu a cortina e viu um rapaz no gramado ao luar. Ela o havia mandado embora naquele mesmo dia.

— Eu não mandei você ir embora? — disse ela pela janela entreaberta.

— Desculpe, mas é que estou desesperado. Você não pode me ajudar, mas por acaso não conhece alguém que consiga remover meus pesadelos? Tenho medo de enlouquecer.

Lavinia mal havia olhado para o rapaz mais cedo, mas, naquele momento, algo na expressão dele fez com que o olhar dela se demorasse. Ele tinha um rosto gentil e olhos suaves e simpáticos, mas usava roupas sujas e o cabelo estava todo desgrenhado, como se tivesse sobrevivido por pouco a algum evento traumático. Embora a noite estivesse quente e seca, ele tremia.

A menina tinha consciência de que deveria fechar a cortina e mandá-lo embora outra vez, mas escutou o rapaz. Ele detalhou os terrores que atormentavam seu sono: demônios e monstros, súcubos e íncubos, cenas conjuradas no inferno. Só de ouvir aquilo Lavinia teve calafrios, e ela não era de ter calafrios por qualquer motivo. Ainda assim, ela não se sentiu tentada a ajudá-lo. Não queria mais aqueles fios de pesadelos problemáticos, por isso disse que, por mais que sentisse muito, não podia ajudá-lo.

— Vá para casa. Está tarde. Seus pais vão ficar preocupados.

O rapaz começou a chorar.

— Não vão, não — disse ele, entre lágrimas.

— Por que não? — perguntou ela, embora tivesse o pressentimento de que não deveria entrar naquele assunto. — Eles são cruéis com você? Eles o maltratam?

— Não. Eles estão mortos.

— Mortos!

A mãe de Lavinia também morrera, de escarlatina, quando a filha ainda era pequena. Se ter perdido a mãe já era muito difícil para ela, imagine perder os dois pais! A menina sentiu uma fresta se abrindo em sua armadura.

— Talvez fosse mais fácil de suportar se tivesse sido uma morte tranquila, mas não. Eles foram assassinados, bem diante dos meus olhos. É daí que vêm os meus pesadelos.

Ao ouvir isso, Lavinia soube que iria ajudá-lo. Se aquele talento lhe tivesse sido dado para que ela pudesse libertar apenas uma pessoa, pensou, seria aquele rapaz. E se curá-lo deixasse Baxter tão grande que não daria mais para escondê-lo, bem, ela simplesmente teria que mostrá-lo ao pai e confessar tudo o que tinha feito. *Ele entenderia quando ouvisse a história daquele rapaz*, pensou ela.

Lavinia o convidou a entrar, deitou-o na cama e desenrolou enormes extensões de fio negro de dentro de seu ouvido. Os pesadelos que obstruíam o cérebro daquele menino eram em quantidade maior do que os de qualquer outra pessoa que ela havia tratado. Quando Lavinia terminou, o fio cobria o chão em um grande tapete que se retorcia. O rapaz agradeceu, deu um sorriso estranho e saiu pela janela tão rápido que rasgou a camisa no batente.

Uma hora depois, Lavinia ainda estava intrigada com aquele sorriso quando começou a amanhecer. O novo fio ainda não tinha terminado de se aglutinar em forma de bola, e Baxter, que parecia com medo dele, encolheu-se no bolso da menina.

O pai de Lavinia chamou os filhos para o café da manhã, e ela se deu conta de que não estava pronta para contar o que fizera. Tinha sido uma noite longa, e ela precisava comer alguma coisa primeiro, então varreu o fio para debaixo da cama, trancou a porta do quarto ao sair e desceu.

O pai estava sentado à mesa, absorto na leitura das notícias.

— Terrível — murmurou ele, balançando a cabeça.

— O que foi? — perguntou Lavinia.

Ele baixou o jornal.

— É tão chocante que hesito até em lhe contar. Mas aconteceu perto daqui, e imagino que você vai saber tudo de um jeito ou de outro. Há algumas semanas, um homem e sua esposa foram assassinados a sangue-frio.

Então o rapaz estava falando a verdade.

— É, eu ouvi dizer — comentou Lavinia.

— Bom, essa não é a pior parte. A polícia finalmente identificou o principal suspeito: o filho adotivo do casal. Ele está sendo procurado.

Lavinia sentiu a cabeça girar.

— O que você disse?

— Veja.

O pai empurrou o jornal sobre a mesa na direção de Lavinia. Acima da dobra havia a imagem granulada do rapaz que estivera em seu quarto poucas horas antes. A menina caiu pesadamente na cadeira e se agarrou à borda da mesa, enquanto a sala começava a girar.

— Está se sentindo bem, filha?

Antes que pudesse responder, ela ouviu uma pancada alta que parecia vir de seu quarto. A nova bola de pesadelo tinha terminado de se formar e agora queria ficar perto dela.

Tum. Tum.

— Douglas, está aprontando alguma coisa? — chamou o pai.

— Estou aqui — disse o menino, surgindo da cozinha de pijama. — De onde vem esse barulho?

Lavinia correu até o quarto e abriu a porta. De fato, o fio havia se transformado em esfera, um novo Baxter. Era enorme, quase a metade da altura dela e da largura da porta, e era *mau*. Ele rolou em volta de Lavinia em um círculo apertado, rosnando e fungando, como se estivesse decidindo se valia ou não a pena comê-la. Quando o pai chegou, apressado, o novo Baxter saltou sobre ele. Lavinia estendeu a mão e conseguiu pegar um dos fios e, usando toda a sua força, deteve a criatura.

Ela puxou o novo Baxter para o interior do quarto e fechou a porta. Seu coração batia forte enquanto o observava devorar a cadeira da escrivaninha, descarregando às suas costas uma pilha de lascas de madeira em uma trilha de excremento.

Ah, aquilo era ruim. Era *terrível*.

Não só o Novo Baxter era um cão raivoso quando comparado ao Velho Baxter (pois não era feito dos pesadelos de crianças inocentes, e sim dos pesadelos de um assassino de alma pútrida), mas agora havia um criminoso à solta, e graças a Lavinia ele estava livre de medos e inibições. Se matasse outra vez, seria, em parte, por culpa dela. Ela não podia simplesmente jogar o novo Baxter no fogo e se livrar dele, tinha que botá-lo de volta no lugar: no interior da cabeça do rapaz.

A ideia a assustou. Como ela o encontraria? E quando o encontrasse, o que o

impediria de matá-la também? Ela não tinha ideia, mas sabia que precisava tentar.

Lavinia pegou o Novo Baxter, puxou um punhado farto de fios e os enrolou no braço como se fosse uma coleira. Então o puxou pelo quarto e pela janela aberta. No chão lá fora havia um pedaço rasgado da camisa do rapaz. Ela o apanhou e o entregou ao Novo Baxter, pedindo que ele farejasse.

— Jantar — disse ela.

O resultado foi instantâneo: o Novo Baxter quase arrancou o braço de Lavinia ao puxá-la pelo jardim e, depois, pela rua. Ele perseguiu o rastro deixado pelo cheiro do rapaz durante todo o dia, conduzindo-a em círculos pela cidade e depois saindo pela outra extremidade. Seguiram por uma estrada rural até o meio do nada. Por fim, quando o sol já estava se pondo, chegaram a um prédio grande em uma área isolada: o orfanato da sra. Hennepin.

Saía fumaça das janelas dos andares inferiores. A casa estava pegando fogo.

Lavinia ouviu gritos vindos de trás do prédio. Ela deu a volta correndo, puxando o Novo Baxter atrás de si.

Havia cinco órfãos na janela de um dos andares superiores, respirando com dificuldade, e a fumaça não parava de subir. Ali fora estava o rapaz, rindo.

— O que você fez?! — gritou Lavinia.

— Foi nesta casa de horrores que passei minha infância. Agora estou livrando o mundo de pesadelos, assim como você.

O Novo Baxter se esticava na direção do rapaz.

— Vá pegá-lo! — disse Lavinia, e largou a coleira.

O Novo Baxter foi girando até o rapaz, mas, em vez de devorá-lo, saltou para o colo dele e lambeu seu rosto.

— Oi, velho amigo! — disse o rapaz, rindo. — Não tenho tempo para brincar agora, mas, aqui, vá buscar!

Ele pegou um graveto do chão e o arremessou. O Novo Baxter o perseguiu direto para o interior do prédio em chamas. Momentos depois, veio um grito inumano quando o Novo Baxter foi consumido pelas chamas. Agora indefesa, Lavinia tentou fugir, mas o rapaz a pegou, derrubou-a no chão e começou a apertar seu pescoço.

— Você vai morrer! Eu devo muito a você por me livrar daqueles pesadelos horríveis, mas não posso permitir que tente me matar — disse ele calmamente.

Lavinia tentava respirar. Sentia a consciência se esvaindo.

Foi quando alguma coisa se remexeu dentro de seu bolso.

O Velho Baxter.

Ela o sacou e o enfiou na orelha do rapaz, que tirou as mãos da garganta de Lavinia e começou a mexer no ouvido. Mas era tarde demais: o Velho Baxter já tinha se esgueirado para dentro de sua cabeça.

O rapaz olhou para um ponto distante, como se lesse algo que apenas ele pudesse ver. Lavinia se contorcia, mas ainda não conseguia se soltar.

O rapaz olhou para ela e sorriu.

— Um palhaço, algumas aranhas gigantes e um bicho-papão embaixo da cama. — Ele riu. — Sonhos de criança. Que fofo, vou gostar deles! — E voltou a sufocá-la.

Lavinia deu uma joelhada na barriga do rapaz, que a soltou por um instante. Então, ele cerrou a mão, mas, antes que pudesse atingi-la, ela disse:

— Baxter, *aqui*!

E Baxter, o velho e fiel Baxter, se lançou da cabeça do rapaz de forma repentina e violenta: saiu voando dos ouvidos, dos olhos e da boca do rapaz junto com um denso jorro vermelho de sangue. O garoto caiu para trás, gorgolejando.

As crianças gritavam por ajuda.

Tomando coragem, Lavinia se levantou e entrou correndo na casa. A fumaça densa a fez engasgar. A sra. Hennepin jazia morta no chão da sala, com uma tesoura cravada no globo ocular.

A porta que dava para a escada estava bloqueada por um armário que sem dúvida havia sido colocado ali pelo rapaz.

— Baxter, me ajude! *Empurre!*

Com a ajuda de Baxter, Lavinia conseguiu derrubar o armário e abrir a porta. Ela subiu a escada correndo, escapando da área em que o fogo e a fumaça estavam mais fortes. Uma a uma, ela tirou as crianças da casa, cobrindo os olhos delas ao passar pela sra. Hennepin. Quando todos finalmente estavam a salvo, Lavinia desabou no jardim, inconsciente devido a tantas queimaduras e à quantidade de fumaça inalada.

A menina acordou dias depois, em um hospital. Diante dela estavam o pai e o irmão.

— Estamos tão orgulhosos de você! — disse o pai. — Você é uma heroína, querida.

Eles tinham mil perguntas a fazer, isso era evidente na expressão de ambos, mas por ora iam poupá-la.

— Você estava se debatendo e gemendo enquanto dormia. Acho que estava tendo um pesadelo — disse Douglas.

Estava mesmo, e os pesadelos continuaram por anos. Ela poderia ter levado a mão à

própria cabeça para removê-los, mas não o fez. Em vez disso, dedicou-se ao estudo da mente humana e, contra todas as probabilidades, se tornou uma das primeiras doutoras em psicologia dos Estados Unidos. Lavinia abriu um consultório que foi muito bem-sucedido, ajudou muita gente e, embora sempre suspeitasse de que houvesse fios de pesadelo escondidos nos ouvidos de seus pacientes, nunca usou seu talento para domá-los. Ela passara a acreditar que existiam maneiras melhores de se fazer isso.

---

[1] Há muitos manipuladores de sonhos na história peculiar, mas apenas um que compartilhava do talento de Lavinia para tornar real a substância imaterial dos sonhos. O nome dele era Cyrus, e ele era um ladrão de sonhos agradáveis: precisava deles para sobreviver e se tornou infame por roubar a felicidade de cidades inteiras, uma noite e uma casa por vez.

[2] Muito foi dito sobre esta passagem, que alguns interpretam como prova de que a bola de pesadelos de Lavinia tem origem demoníaca e de que a própria Lavinia é uma espécie de exorcista de sonhos. Pessoalmente, considero tolice tal visão, uma prova de que certos ditos acadêmicos assistem a filmes de terror demais. A bola tem alguns hábitos desagradáveis, só isso.

Nota do editor:

Esta história é incomum por diversas razões, a mais explícita delas sendo o desfecho. O ritmo e as imagens do último ato têm um clima notadamente moderno, o que, desconfio, se deve ao fato de ter sido recontada de maneira diferente em um passado não muito distante. Tive acesso a um final alternativo, bem mais antigo, em que o fio de pesadelo removido do rapaz se ergue e a consome, como uma versão de corpo inteiro das meias que Lavinia tricota no início do conto. Sem conseguir se livrar de sua segunda pele, que não parava de se mexer, ela foge para se manter longe dos olhos da sociedade, pois se torna ela mesma um pesadelo. É um desfecho trágico e injusto, e compreendo por que algum contador de histórias optou por alterá-lo para algo mais positivo.

Seja qual for o desfecho que os leitores prefiram, a moral, também incomum, permanece mais ou menos inalterada. É um alerta às crianças peculiares de que determinados dons são simplesmente tão complexos e perigosos que não devem ser usados, e é melhor deixá-los em paz. Em outras palavras: não é porque nascemos com determinada habilidade que somos obrigados a usá-la. Considerando todos os elementos, esta é uma lição muito desalentadora — qual criança peculiar, tendo sofrido os desafios resultantes de sua natureza, quer ouvir que sua habilidade é mais uma maldição do que uma bênção? Tenho certeza de que isso explica por que minha diretora lia esta história apenas para as crianças mais velhas e por que este permanece um dos contos mais obscuros, ainda que fascinantes, do folclore peculiar.

— MN

EDVARD ERA UM dedicado trabalhador norueguês que foi para os Estados Unidos em busca de fortuna. Na época, os europeus haviam povoado apenas a terça parte da América do Norte, a leste. A maior porção do território, a oeste, pertencia aos povos que por lá vagavam desde a última Era do Gelo. As planícies férteis no centro eram conhecidas como "Fronteira", um lugar selvagem de grandes oportunidades e grandes riscos. E foi ali que Edvard se estabeleceu.

Ele vendeu tudo o que possuía na Noruega e, com o que ganhou, comprou terras e equipamentos para se dedicar à agricultura em uma região conhecida na época como Território de Dakota, onde muitos outros recém-chegados da Noruega também haviam se estabelecido. Edvard construiu uma casa simples em uma fazenda pequena e até prosperou um pouco depois de alguns anos de trabalho duro.

As pessoas da cidade diziam a ele que deveria encontrar uma esposa e formar família.

— Você é um rapaz forte. É a ordem natural das coisas!

Mas Edvard resistia ao casamento. Ele amava tanto a fazenda que achava que não haveria espaço em seu coração para amar uma mulher. Sempre tivera a sensação de que o amor não era algo prático, de que era um impedimento para coisas mais importantes. Durante a juventude, Edvard vira o melhor amigo jogar fora a chance de uma vida de aventuras e fortuna ao se apaixonar por uma jovem que se recusava a deixar a família na Noruega para trás. Não havia onde ganhar dinheiro na terra natal deles, e agora seu velho amigo estava condenado a uma vida de concessões e privações, com uma esposa e filhos que mal conseguia alimentar, tudo graças a um capricho de seu coração juvenil.

Por obra do destino, porém, Edvard criou afeição por uma jovem. Tendo encontrado espaço em seu coração para amar ao mesmo tempo a fazenda e a moça, ele resolveu se casar. Para Edvard, não havia como ser mais feliz. Seu coraçãozinho embrutecido estava tão completo que parecia prestes a estourar. Por isso, quando sua esposa pediu que lhe desse um filho, ele resistiu. Como poderia amar uma fazenda, uma esposa *e* um filho? No entanto, quando a esposa de Edvard engravidou, ele foi tomado por uma alegria inesperada e passou a aguardar o nascimento com ansiedade tremenda.

Nove meses depois, nascia o menino do casal. Foi um parto difícil, que deixou a esposa de Edvard fraca e debilitada. E havia algo errado com o bebê: ele tinha o coração tão grande que um lado do peito era perceptivelmente maior que o outro.

— Ele vai viver? — perguntou Edvard ao médico.

— Só o tempo dirá.

Insatisfeito, Edvard levou o filho ao velho Erick, um curandeiro que no velho

continente adquirira a reputação de ser um homem de sabedoria incomum. O curandeiro pôs as mãos sobre o menino e poucos instantes depois ergueu as sobrancelhas.

— Este menino é peculiar! — exclamou Erick.

— Foi o que o médico me falou. Ele tem um coração grande demais.

— É mais que isso. Embora sua característica especial possa levar anos até se manifestar.[1]

— Mas ele vai viver? — perguntou Edvard.

— Só o tempo dirá.

A criança sobreviveu, mas a esposa de Edvard enfraqueceu cada vez mais e, por fim, faleceu. Edvard ficou arrasado, mas depois sentiu raiva de si mesmo, por permitir que o amor atrapalhasse seus planos de uma vida prática. Agora precisava trabalhar na fazenda *e* cuidar de um bebê sem uma esposa para ajudá-lo! Ele teve raiva também da criança, por ser especial — estranha e delicada —, mas principalmente por ter provocado a morte de sua esposa. Edvard sabia que isso não era culpa do menino, é claro, e que sua raiva não fazia sentido, mas era mais forte que ele. Todo o amor que por descuido ele se permitira cultivar fora transformado em amargura, e agora não sabia como se livrar daquele sentimento novo que se alojara dentro dele como uma doença que não vai embora.

Ele chamou o menino de Ollie e o criou sozinho. Na escola, Ollie aprendeu inglês e outras matérias sobre as quais Edvard pouco sabia. Em certos aspectos, o menino era muito semelhante ao pai: além de parecidos fisicamente, os dois trabalhavam muito, cultivando e arando lado a lado em todos os momentos em que Ollie não estava na escola ou dormindo, e ele jamais reclamava. Afora isso, porém, o garoto era um estranho. Falava norueguês com um sotaque americano sem inflexões; parecia acreditar que o mundo lhe reservava boas coisas (uma ideia peculiarmente americana); para piorar, era escravo dos caprichos de seu coração imenso. Apaixonava-se em um instante. Aos sete anos, tinha pedido em casamento uma colega de turma, uma vizinha e a organista da igreja, quinze anos mais velha. Se um pássaro por acaso caísse do céu, Ollie passava dias e dias chorando. Quando se deu conta de que a carne das refeições vinha de animais, recusou-se a comer aquilo novamente. O garoto por dentro era pura sensibilidade.

Mas o verdadeiro problema de Ollie começou quando ele tinha catorze anos — o ano em que vieram os gafanhotos. Nunca se vira algo daquele tipo em Dakota: nuvens de gafanhotos tão grandes que encobriam o sol, com quilômetros de largura, como uma maldição de Deus. As pessoas não conseguiam sair de casa sem esmagar centenas de insetos no chão. Os gafanhotos devoravam todo o verde que conseguiam encontrar e,

quando acabavam com o capim, seguiam para o milho e o trigo. Quando também isso acabava, devoravam madeira, fibras e couro. Arrancavam a lã dos carneiros. Uma pobre alma foi pega por uma nuvem deles e teve as roupas devoradas.[2]

Era um flagelo que ameaçava destruir o ganha-pão de todo colonizador na fronteira, inclusive de Edvard. Os colonos tentaram de tudo para combatê-lo: usaram fogo, fumaça e veneno para tentar expulsar os insetos; empurraram grandes cilindros de pedra pelo chão para esmagá-los; a cidade vizinha, próxima à fazenda de Edvard, exigiu que cada cidadão de mais de dez anos levasse quinze quilos de gafanhotos mortos ao depósito de lixo toda semana, ou seria multado. Edvard se dedicou com entusiasmo à tarefa, mas seu filho se recusava a matar um único gafanhoto. Quando Ollie saía de casa, andava arrastando os pés, para não esmagar nenhum por acidente. Isso quase levou o pai à loucura.

— Eles devoraram todas as nossas colheitas! Estão arruinando nossa fazenda! — ralhou Edvard.

— Eles só estão com fome. Não estão nos fazendo mal de propósito, por isso não é justo machucá-los de propósito — retrucou o filho.

— Isso não tem nada a ver com justiça — explicou Edvard, tentando manter a calma. — Às vezes, na vida, é preciso matar para viver.

— Não neste caso. Matá-los não faria bem algum.

A essa altura, Edvard já estava com o rosto completamente vermelho.

— Esmague esse gafanhoto! — exigiu o pai, apontando para um dos insetos no chão.

— Não! — recusou-se Ollie.

Edvard ficou lívido. Ele deu um tapa no filho desobediente, mas mesmo assim Ollie continuou se recusando a matá-los, por isso Edvard lhe deu uma surra de cinto e o mandou para o quarto sem jantar. Enquanto o ouvia chorar, Edvard olhava pela janela para uma nuvem de gafanhotos que se erguia de seus campos arruinados e sentiu o coração se endurecer contra o filho.

Os colonos ficaram com raiva quando souberam que Ollie tinha se recusado a matar gafanhotos. A cidade multou o pai dele; os colegas de turma do menino o seguraram e tentaram obrigá-lo a comer um dos insetos; pessoas que Ollie mal conhecia lançavam insultos contra ele na rua. Edvard estava com tanta raiva e vergonha que parou de falar com o filho. De repente, Ollie se viu sem amigos e sem ninguém com quem conversar, tornando-se tão solitário que um dia adotou um bicho de estimação. Era a única criatura viva que toleraria sua presença: um gafanhoto. Ele o chamou de Thor, como o deus

escandinavo, e o deixava escondido embaixo da cama, em uma caixa de charutos, alimentando-o com restos do jantar e água com açúcar, e conversava com ele até tarde da noite, quando deveria estar dormindo.

— Não é sua culpa que todos o odeiem — sussurrou ele para Thor. — Você só estava fazendo o que foi criado para fazer.

— *Crii-criiic* — respondeu o gafanhoto, esfregando as asas uma na outra.

— *Shhhhh!*

O menino jogou alguns grãos de arroz dentro da caixa e a fechou.

Ollie começou a levar Thor a todo lugar. Passou a gostar muito do insetinho, que pousava em seu ombro, trilava quando o sol brilhava e saltava alegremente quando Ollie assoviava uma canção. Até que, um dia, Edvard descobriu a caixa de Thor. Enfurecido, ele pegou o gafanhoto e o atirou nas chamas da lareira. Ouviu-se um lamento agudo e um estalido. Thor estava morto.

Quando Ollie chorou pelo amigo morto, Edvard o expulsou de casa.

— Ninguém derrama lágrimas por um gafanhoto debaixo do meu teto! — gritou o pai, empurrando o filho porta afora.

Ollie passou a noite nos campos, tremendo de frio. Pela manhã, o pai se sentiu mal por ter sido tão duro com o menino e saiu à sua procura, mas, em vez disso, encontrou um gafanhoto gigante dormindo entre fileiras de trigo destruído. Edvard recuou, enojado. A criatura era grande como um mastim, com pernas que pareciam um peru de Natal e antenas compridas como para-raios. Edvard correu até em casa para buscar uma arma, mas, quando voltou, uma revoada de gafanhotos o rodeou e entrou no cano do rifle, entupindo-o. Em seguida, subiram em um redemoinho e formaram cinco letras no ar:

O-L-L-I-E

Em choque, Edvard largou a arma e olhou fixamente para o gafanhoto gigante, que agora estava de pé nas patas traseiras, como um humano. Em vez dos olhos negros dos gafanhotos, os da criatura eram azuis, como os de Ollie.

— Não! — exclamou Edvard. — Não é possível!

Mas ele então viu no pescoço da criatura a gola rasgada da camisa do filho, e a barra da calça que estava presa à pata.

— Ollie? É você? — perguntou Edvard, hesitante.

O inseto moveu a cabeça para cima e para baixo, como se confirmasse.

Edvard sentiu um arrepio estranho. Era como se seu espírito tivesse saído do corpo e

assistisse à cena.

Seu filho tinha virado um gafanhoto.

— Você consegue falar? — perguntou Edvard.

Ollie esfregou as patas traseiras uma na outra e emitiu um ruído agudo. Parecia ser o melhor que podia fazer.

Edvard não sabia como reagir àquilo. Sentia repulsa só de olhar para o filho, mas ainda assim… precisava fazer alguma coisa para ajudar o garoto. Ele só não queria que descobrissem o que acontecera, por isso, em vez de chamar o linguarudo do médico da cidade, preferiu o velho e sábio Erick.

Erick chegou claudicante ao campo para dar uma olhada no rapaz. Depois do choque inicial, ele afirmou:

— É como eu tinha previsto. Levou anos, mas ele finalmente manifestou sua característica peculiar.

— Sim, isso é óbvio. Mas por quê? E como isso pode ser revertido?

Erick trouxera consigo um livro muito antigo, caindo aos pedaços. Era um tradicional guia de condições peculiares,[3] que tinha passado de geração em geração em sua família desde a bisavó, que era uma peculiar.

— Certo, lá vamos nós — disse ele, lambendo o polegar para virar uma página. — Aqui diz que, quando uma pessoa com certo temperamento peculiar e um coração grande e generoso não se sente mais amada pelos de sua própria espécie, ela assume a forma de qualquer criatura com a qual sinta uma conexão maior.

Erick lançou um olhar estranho para Edvard, que o fez se sentir envergonhado.

— O menino tinha um amigo gafanhoto?

— Sim, um bicho de estimação. Eu o joguei no fogo.

Erick estalou a língua e balançou a cabeça, em reprovação.

— Talvez você tenha sido um pouco duro com ele.

— Ele é fraco demais para este mundo — resmungou Edvard. — Mas isso não importa. Como podemos *consertá-lo*?

— Não é preciso um livro para responder a isso — disse Erick, fechando o volume em frangalhos. — Você precisa amá-lo, Edvard.

Erick lhe desejou sorte e o deixou a sós com a criatura que um dia fora seu filho. O homem olhou fixamente para as asas longas e frágeis e as mandíbulas assustadoras e sentiu um calafrio. Como poderia amar aquela coisa? Ele fez uma tentativa, mas estava cheio de ressentimento e seus esforços não foram sinceros. Em vez de demonstrar

bondade com o menino, Edvard passou o dia inteiro lhe dando lições de moral.

— E eu não amo você, garoto? Não o alimento e não lhe dou um teto sob o qual dormir? Tive que largar a escola para trabalhar aos oito anos de idade, mas deixo você enterrar a cabeça em livros e lições de casa. O que seria isso, se não amor? O que mais você quer, seu pirralho americano mimado?

E assim por diante. Quando a noite caiu, Edvard não conseguiu permitir que Ollie entrasse em casa, por isso arrumou para ele um lugar no celeiro e deixou alguns restos do jantar em um balde. A dureza faz um homem, acreditava, e ser indulgente com Ollie naquele momento só encorajaria mais o comportamento covarde, que, aliás, era o que o transformara em gafanhoto.

Quando amanheceu, Ollie tinha desaparecido. Edvard procurou em cada centímetro do celeiro e por todo o campo, mas não encontrou nem sinal do menino. Depois de três dias sem notícias, Edvard começou a se perguntar se havia usado a abordagem errada com Ollie. Ele tinha se aferrado a seus princípios, mas por quê? Expulsara seu único filho. Com o desaparecimento de Ollie, Edvard percebeu como a fazenda lhe importava pouco. Mas era tarde demais.

Edvard ficou tão triste e arrependido que foi até a cidade e admitiu para todos o que havia acontecido.

— Transformei meu filho em um gafanhoto. E agora perdi tudo.

No início, ninguém acreditou, por isso ele pediu ao velho Erick que confirmasse sua história.

— É verdade. O filho dele se transformou num gafanhoto gigante. É do tamanho de um cachorro — confirmou Erick para todos os que perguntaram.

Edvard fez uma oferta ao povo da cidade.

— Meu coração está igual a uma maçã velha e murcha. Não consigo ajudar meu filho, mas dou minha fazenda a quem amá-lo o suficiente para fazê-lo voltar ao normal.

Isso empolgou o povo da cidade. Por prêmio tão rico, disseram, eles poderiam se obrigar a amar praticamente qualquer coisa. É claro, primeiro precisariam *encontrar* o menino-gafanhoto, por isso saíram em grupos de busca e começaram a vasculhar estradas e campos.

Ollie escutou tudo com seus ouvidos supersensíveis de gafanhoto. Escutou o pai falando sobre ele e ouviu os passos das pessoas à sua procura. Não quis tomar parte naquilo, então se escondeu na plantação de uma fazenda vizinha com seus novos amigos gafanhotos, e toda vez que alguém se aproximava, os insetos alçavam voo e cercavam a

pessoa, criando um muro que dava a Ollie tempo para escapar. Mas, dias depois, os gafanhotos ficaram sem comida e subiram aos céus para migrar, mas o garoto era grande e pesado demais para voar. Como não eram criaturas sentimentais, nem um único gafanhoto ficou para fazer companhia a ele, que foi deixado sozinho outra vez.

Sem a ajuda dos amigos, não demorou muito para que um grupo de garotos conseguisse se aproximar de Ollie quando ele estava dormindo e o capturasse em uma rede. Eram os mesmos que o haviam atormentado na escola. O mais velho o jogou sobre o ombro, e eles voltaram a pé para a cidade, cantando em celebração.

— Vamos transformá-lo de volta em um menino, e aí vamos ficar com a fazenda de Edvard! Ficaremos ricos! — vibravam eles.

Os meninos colocaram Ollie em uma gaiola e esperaram. Depois de uma semana, ele insistia em permanecer como gafanhoto, obrigando-os a mudar de tática.

— Digam a ele que o amam — sugeriu a mãe dos garotos.

— Eu amo você! — gritou o garoto mais novo, pelas barras da gaiola, mas caiu na risada antes mesmo de terminar a frase.

— Tente pelo menos não rir quando falar isso — reclamou o garoto mais velho, que resolveu tentar também.

— Eu amo você, gafanhoto.

Mas Ollie não estava prestando atenção. Tinha se encolhido em um canto e adormecido.

— Ei, estou falando com você! — gritou o menino, chutando a gaiola. — Eu AMO VOCÊ!

Mas ele não amava, nem podia se forçar a amar, e quando Ollie começou a emitir sons agudos de gafanhoto a noite inteira, a família desistiu e o vendeu a um vizinho. O homem era um velho caçador sem família que, com pouca experiência em assuntos do coração, fez algumas tentativas infrutíferas de demonstrar amor ao menino, mas logo desistiu, colocando Ollie para viver do lado de fora, junto com os cães de caça. Ollie preferia a companhia dos cães à do homem. Comia com eles e dormia ao lado deles na casinha, e, embora no início eles tivessem medo daquele inseto enorme, Ollie era tão gentil e bondoso que logo os cães se acostumaram a sua presença. Ele se tornou membro da matilha. Na verdade, sentiu-se tão aceito por eles que depois de um tempo o caçador notou o sumiço do gafanhoto gigante e, no mesmo dia, viu que ganhara um cachorro maior que todos os outros.

Os meses que Ollie passou como cão foram alguns dos mais felizes de sua vida. Mas

aí chegou a temporada de caça, quando se esperava que os cães trabalhassem. No primeiro dia, o caçador levou a matilha para um campo de capim alto e gritou uma ordem. Todos os cães começaram a correr e latir pelo campo. Ollie foi junto, latindo e fazendo barulho. Era muito divertido! Então, de repente, ele tropeçou em um ganso no capinzal. O ganso alçou voo e começou a se afastar, mas antes que conseguisse chegar a qualquer lugar, ouviu-se um estouro alto e ele caiu de volta na terra, morto. Ollie encarou o corpo do animal, horrorizado. No momento seguinte, outro cachorro se aproximou.

— O que está esperando? Não vai levar o corpo para o mestre?

— É claro que não! — respondeu Ollie.

— Como quiser — disse o cão. — Mas se o mestre descobrir, vai atirar em você. — Então ele pegou o ganso morto com as mandíbulas e saiu andando.

No dia seguinte, Ollie tinha desaparecido. Fugira com os gansos, correndo pelos campos enquanto seguia a formação em V que voava.

Quando soube que o filho tinha sido encontrado e depois perdido novamente, Edvard entrou em desespero. As pessoas à sua volta temiam que ele jamais se reerguesse. Edvard parou de sair de casa e abandonou toda a lavoura. Se o velho Erick não lhe desse comida uma vez por semana, passaria fome. Felizmente, tal como a praga de gafanhotos, o período de tristeza de Edvard acabou passando, e ele voltou a cuidar da fazenda, a aparecer no mercado da cidade, a ocupar seu lugar no banco da igreja aos domingos. E, depois de um tempo, ele até se apaixonou outra vez. Edvard se casou e teve outro filho: uma menina, que o casal chamou de Asgard.

Edvard estava determinado a amar Asgard, diferentemente de como agira com Ollie. Conforme a via crescer, ele fazia o possível para manter o coração aberto. Deixava que ela amasse animais desgarrados e chorasse por coisas bobas, e nunca a repreendia por agir com bondade. Quando ela tinha oito anos, Edvard passou por uma estação ruim. As colheitas fracassaram e eles só tinham nabos para comer. Um dia, um bando de gansos estava passando no céu e um deles deixou a formação para pousar perto da casa de Edvard. Era muito grande, quase duas vezes o tamanho de um ganso normal. O animal não parecia assustado, então Edvard conseguiu se aproximar dele e agarrá-lo.

— Você vai dar um belo jantar esta noite! — disse ele, levando o ganso para dentro e o trancando em uma gaiola.

A esposa de Edvard estava empolgada, pois fazia semanas que eles não tinham carne para o jantar. Ela atiçou um fogo e preparou a panela, enquanto Edvard afiava a faca de trinchar. Mas Asgard apareceu na cozinha e, quando viu o que estava acontecendo, ficou

abalada.

— Vocês não podem matá-lo! Ele é um bom ganso, não fez nada conosco! Isso não é justo!

— Isso não tem nada a ver com justiça — respondeu o pai. — Às vezes, na vida, é preciso matar para viver.

— Mas nós *não* precisamos matá-lo. Podemos tomar sopa de nabo outra vez esta noite, eu não me importo! — insistiu a menina.

Ela desabou diante da gaiola do ganso e começou a chorar.

Em outro momento na vida de Edvard, ele talvez tivesse repreendido a filha e lhe passado um sermão sobre os perigos de ter um coração mole, mas então se lembrou de Ollie.

— Tudo bem, não vamos matá-lo — disse ele, ajoelhando-se no chão para consolá-la.

Asgard parou de chorar.

— Obrigada, papai! Podemos ficar com ele?

— Só se ele quiser ficar. Gansos são animais selvagens, seria crueldade mantê-lo preso em uma gaiola.

Edvard abriu a portinhola, e o ganso saiu balançando da gaiola. A menina abraçou o bicho.

— Eu amo você, senhor Ganso!

— *Quack!* — respondeu o ganso.

Naquela noite, eles tomaram sopa de nabo e foram para a cama com o estômago roncando, mas muito felizes.

O ganso se tornou o querido bicho de estimação de Asgard. Ele dormia no celeiro e a acompanhava à escola, aguardando no telhado enquanto ela assistia às aulas. A menina contava a todo mundo que o ganso era seu melhor amigo e que ninguém tinha permissão de atirar nele ou transformá-lo em sopa, e todos o deixavam em paz. Asgard criava histórias fantásticas sobre as aventuras que vivia com o ganso, como a vez em que ela o montara e fora até a Lua para ver qual era o gosto do queijo lunar, e divertia os pais com essas histórias durante o jantar. Por isso, eles não estranharam quando, certo dia, Asgard os despertou anunciando, muito empolgada, que o ganso tinha virado um garoto.

— Volte a dormir — disse Edvard, bocejando. — O galo ainda nem cantou!

— É sério! Venha ver!

Ela puxou o pai pelo braço, tirando-o da cama.

Edvard quase desmaiou quando entrou no celeiro. Ali, parado em um ninho de palha, estava seu filho perdido havia muito. Ollie estava crescido, com um metro e oitenta de altura, traços marcantes e barba por fazer. Tinha improvisado uma vestimenta com um saco de aniagem que encontrara no chão do celeiro.

— Viu? Eu não estava mentindo! — disse Asgard, correndo até Ollie e o abraçando com força. — O que você está fazendo, ganso bobo?

Ollie abriu um grande sorriso.

— Olá, pai. Sentiu a minha falta? — disse ele.

— Muito. — O coração de Edvard doía tanto que ele começou a chorar. Ele foi até o filho e o abraçou. — Espero que você possa me perdoar... — sussurrou ele.

— Eu o perdoei há anos — respondeu Ollie. — Só demorei um pouco para encontrar o caminho de volta para casa.

— Papai? O que está acontecendo? — perguntou Asgard.

Edvard soltou Ollie, enxugou as lágrimas e se virou para a filha.

— Este é seu irmão mais velho. Aquele de quem falei para você.

— O que virou inseto? — perguntou ela, arregalando os olhos. — E fugiu?

— Esse mesmo — confirmou Ollie, e estendeu a mão para Asgard. — É um prazer conhecê-la. Meu nome é Ollie.

— Não, você é o Ganso! — Ela ignorou a mão estendida de Ollie e o abraçou outra vez. — Mas como foi que você virou ganso?

Ollie retribuiu o abraço da irmã.

— É uma longa história…

— Legal! Eu adoro histórias — falou a menina.

— Ele vai nos contar enquanto tomamos o café. Não vai, filho?

Ollie abriu um sorriso.

— Eu adoraria.

Edvard tomou uma das mãos do menino, e Asgard, a outra. Os dois o conduziram para o interior da casa. Depois que a esposa de Edvard se recuperou do susto, todos se sentaram juntos e tomaram um café da manhã de nabos com torradas enquanto Ollie contava sobre todos os seus anos como ganso. Daquele dia em diante, ele se tornou um membro da família. Edvard amava o filho incondicionalmente, e nunca mais Ollie perdeu a forma humana. E eles viveram felizes para sempre.

[1] Como Erick soube que o menino era peculiar apenas ao tocá-lo, não está claro; talvez ele mesmo fosse peculiar e sua habilidade fosse detectar a peculiaridade em outros, mesmo os dons latentes ou não desenvolvidos.

[2] Pragas extraordinárias de gafanhotos assolaram o oeste americano durante os séculos XVIII e XIX. A maior já registrada ocorreu em 1875, quando uma nuvem de mais de doze trilhões de gafanhotos cobriu uma área maior que a Califórnia, devastando as planícies.

[3] Tratava-se, provavelmente, do *Vitaligis Peculiaris*, um livro médico em latim que foi parcialmente inventado por um médico charlatão, muito tempo atrás. Alguns conselhos contidos no volume são bem sólidos, mas a maioria é loucura; o truque é saber identificar a diferença.

HAVIA UM RAPAZ peculiar chamado Fergus que era capaz de controlar correntezas e marés. Isso se passou na Irlanda, durante a Grande Fome. Ele poderia ter usado seu talento para capturar peixes, mas vivia no interior, longe do mar, e seu poder não tinha efeito em rios e lagos. Ele poderia ter partido para a costa — onde descobrira sua peculiaridade, ao visitar uma cidade litorânea durante a infância —, mas sua mãe tinha uma constituição física fraca que não lhe permitia viajar, e Fergus não podia deixá-la sozinha; o rapaz era o único familiar que restava a ela. Fergus lhe dava cada migalha de comida que conseguia encontrar, enquanto ele próprio sobrevivia à base de serragem e couro de sapato cozido. Contudo, foi a doença que finalmente a levou, não a fome, e ele nada pôde fazer.

No leito de morte, a mãe de Fergus o fez prometer que partiria para o litoral assim que ela fosse enterrada.

— Com seu talento, você vai ser o melhor pescador que o mundo já viu e nunca mais vai passar fome. Mas jamais conte a ninguém o que você pode fazer, filho, para que não façam da sua vida um inferno.

Fergus prometeu, e no dia seguinte a mãe morreu. Ele a enterrou no cemitério local, jogou seus poucos pertences em uma sacola e partiu em uma longa jornada até o mar. Foram seis dias caminhando com apenas um pé de sapato e sem comida. Estava faminto, assim como todas as pessoas nas cidades que cruzou pelo caminho. Os lavradores haviam partido para a América em busca de melhor sorte e de fartura para o estômago, de modo que algumas cidades tinham sido completamente abandonadas.

Por fim, Fergus alcançou o litoral. Em uma cidadezinha chamada Skelligeen, nenhuma das casas parecia vazia e nenhum dos habitantes parecia faminto, ao que ele concluiu que era o lugar certo: se os moradores de Skelligeen não haviam emigrado e se estavam bem alimentados, a pesca devia ser uma atividade frutífera por ali. Isso era uma grande sorte, porque ele sentia que não aguentaria muito mais tempo sem comer. Fergus perguntou a um homem onde poderia conseguir uma vara de pescar ou uma rede, mas o homem lhe informou que ele não encontraria tais materiais em Skelligeen.

— Não pescamos por aqui — explicou o homem, estranhamente orgulhoso daquilo, como se a pesca fosse algo vergonhoso.

— Se vocês não pescam, então como sobrevivem?

Fergus não notara sinal algum de atividade industrial em suas andanças pela cidade, nenhum curral de gado, nenhuma plantação além das mesmas batatas podres que ele via por toda parte da Irlanda.

— Nosso negócio é salvatagem — respondeu o homem, e não disse mais nada.

Fergus perguntou ao homem se ele tinha algo para comer.

— Posso trabalhar em troca de comida — ofereceu.

— E que tipo de trabalho você faria? — questionou o homem, olhando-o de cima a baixo. — Eu estava precisando de alguém que pudesse levantar caixas pesadas, mas você é mirrado como um passarinho. Aposto que não pesa nem trinta e cinco quilos!

— Posso não conseguir erguer caixas pesadas, mas consigo fazer algo que ninguém mais faz.

— E o que seria?

Fergus estava prestes a contar quando se lembrou da promessa que fizera à mãe. Ele balbuciou palavras vagas e saiu apressado.

O rapaz resolveu improvisar uma linha de pesca com o cadarço do sapato. Feito isso, parou uma mulher de aspecto rechonchudo para perguntar onde poderia encontrar um bom lugar para pescar.

— Nem adianta tentar. O máximo que conseguiria pescar seriam alguns baiacus venenosos.

Fergus tentou assim mesmo, usando um pedaço de pão velho como isca. Persistiu o dia inteiro, mas não conseguiu nada, nem mesmo um baiacu venenoso. Desesperado e com o estômago doendo terrivelmente, ele perguntou a um homem que caminhava pela praia se alguém teria um barco para lhe emprestar.

— Assim eu poderia avançar no mar, onde talvez os peixes sejam mais fartos — explicou.

— Você nunca conseguiria. As águas o despedaçariam nas pedras!

— A mim, não.

O homem olhou para ele com um ar cético, prestes a lhe dar as costas. Fergus não queria quebrar sua promessa, mas estava começando a achar que morreria de fome, a menos que contasse a alguém sobre seu talento. Então ele disse:

— Eu posso controlar a correnteza.

— Rá! Já ouvi algumas mentiras deslavadas na vida, mas essa supera todas.

— Se eu provar, o senhor me dá algo de comer?

— Claro. Um banquete! — disse o homem, achando graça.

Então ele o acompanhou até a praia, onde a maré baixava com o fim do dia. Fergus bufou, resmungou e rangeu os dentes, até que, com grande esforço, conseguiu reverter a maré. A água subiu até os joelhos em questão de minutos. Pasmo e muito empolgado, o

homem levou Fergus a sua casa e lhe ofereceu o banquete prometido. Ele convidou todos os vizinhos e, enquanto Fergus se deleitava, contou como o rapaz fizera a maré subir.

Os moradores ficaram muito animados. Estranhamente animados. Quase animados *demais*.

Começaram a se aglomerar ao redor do rapaz.

— Mostre-nos seu truque de subir a maré! — gritou uma mulher a ele.

— O garoto precisa recuperar as forças. Deixem que coma primeiro! — interveio o anfitrião.

Quando Fergus não conseguia se forçar a comer mais nada, ele ergueu os olhos do prato e observou em torno. Havia caixotes e caixas empilhados em todo canto, todos cheios até a borda com coisas diferentes: garrafas de vinho em uma, temperos em outra, rolos de tecido em mais outra. De um lado da cadeira de Fergus havia um engradado que transbordava de martelos.

— Com licença, mas por que o senhor precisa de tantos martelos? — perguntou Fergus.

— Eu trabalho no ramo de salvatagem. Encontrei esses martelos na praia certa manhã — explicou o homem.

— E o vinho, os rolos de tecido e os temperos?

— Também. Acho que tenho muita sorte, é isso!

Os outros convidados acharam isso muito engraçado e riram bastante. Fergus começou a se sentir desconfortável. Depois de agradecer pela bela refeição, pediu licença para partir.

— Mas você não pode ir sem nos mostrar seu truque! — reclamou um dos convidados.

— É tarde. Ele deve estar cansado. Deixem que o garoto durma primeiro! — ordenou o anfitrião.

Fergus estava de fato cansado, e a oferta de uma cama era irrecusável. O homem o conduziu a um quarto aconchegante, e, no momento em que pousou a cabeça no travesseiro, Fergus caiu em um sono profundo.

No meio da madrugada, o rapaz despertou subitamente e encontrou pessoas em seu quarto. Elas se aglomeraram em torno da cama e arrancaram seus cobertores.

— Você já dormiu demais! É hora de fazer seu truque — disseram.

Fergus percebeu que tinha cometido um erro. Ele deveria ter fugido pela janela, ou, melhor ainda, nunca deveria ter revelado sua habilidade peculiar. Mas agora era tarde

demais. As pessoas o arrastaram da cama até a praia, onde exigiram que ele atraísse a maré mais uma vez. Fergus não gostava de ser forçado a fazer as coisas, mas quanto mais resistia, mais agitadas ficavam as pessoas. Elas não permitiriam que ele partisse se não fizesse o que pediam. Por isso, tendo decidido fugir à primeira oportunidade, ele reverteu a maré.

A água começou a subir. As pessoas pulavam e vibravam. Um sino começou a soar no mar. Um bloco de neblina se abriu e revelou as luzes de um navio, que estava sendo atraído à terra pela maré em rápida mudança. Quando percebeu o que estava acontecendo, Fergus tentou empurrar a corrente de volta, mas era tarde demais. Diante de seu olhar horrorizado, o navio se despedaçou contra o recife de rochas pontiagudas.

Começava a amanhecer. A carga do navio chegou à terra em caixotes, assim como os corpos da tripulação afogada. Os moradores da cidade dividiram os caixotes entre si e começaram a levá-los embora. Então era aquilo a "salvatagem": eles eram saqueadores de navios, atraíam barcos de passagem com falsas luzes e sinais para se quebrarem nas rochas. Eram ladrões e assassinos, e tinham enganado Fergus para que fizesse aquele trabalho maligno por eles.[1]

Fergus tentou correr, mas uma multidão impediu sua fuga.

— Você não vai a lugar algum. Outro navio mercante passará esta noite, e você vai nos ajudar a afundá-lo! — disseram eles.

— Eu prefiro morrer! — gritou Fergus, e saiu correndo em uma direção que ninguém esperava: para a água.

Ele mergulhou na onda, agarrou uma tábua partida do navio naufragado e começou a remar. Os saqueadores tentaram alcançá-lo, mas Fergus usou sua habilidade para criar uma onda que avançou no fluxo contrário, afastando-o da praia. Logo ele estava fora do alcance dos saqueadores.

— Idiota! Vai se afogar! — gritaram para ele.

Mas Fergus não se afogou. Ele se agarrou à tábua para sobreviver, e a onda o levou para além das rochas, para as águas geladas e profundas mar adentro, onde passavam os navios.

Fergus esperou por horas e horas, boiando e tremendo de frio. Quando um navio surgiu no horizonte, ele criou outra onda, que o levou na direção do barco, e gritou ao se aproximar. Notando que o navio era muito alto, ele teve medo que ninguém o notasse, mas finalmente alguém o avistou. Uma corda foi baixada e Fergus foi erguido a bordo.

O navio se chamava *Hannah* e levava irlandeses que emigravam para a América a fim

de escapar da fome. Eles tinham vendido todos os seus bens para pagarem pela passagem e agora não tinham nada além da própria vida e da roupa que levavam no corpo. O capitão era um homem cruel e ganancioso chamado Shaw, que quis jogar Fergus de volta ao mar assim que ele foi resgatado.[2]

— Não permitimos clandestinos neste navio, apenas passageiros pagantes — avisou o capitão.

— Mas eu não sou clandestino. Eu fui resgatado! — alegou Fergus.

— Aqui sou eu quem diz o que é o quê. E o que sei é que você não pagou pela passagem.

— Eu posso trabalhar em troca da viagem! Por favor, não me jogue de volta ao mar.

— Trabalhar! Seus braços parecem macarrão e suas perninhas parecem de galinha. Que tipo de trabalho você poderia fazer? — perguntou o capitão, rindo.

Embora soubesse que sua peculiaridade seria de grande ajuda para o capitão de um navio, ele tinha aprendido a lição em Skelligeen e ficou de boca fechada quanto a isso.

— Posso trabalhar mais do que qualquer homem aqui e o senhor nunca vai me ouvir reclamar, não importa qual for a ordem!

— É mesmo? Veremos. Alguém pegue um esfregão para o garoto.

O capitão o transformou em seu escravo pessoal. Todo dia, Fergus era forçado a limpar o alojamento do capitão, a passar suas roupas, engraxar seus sapatos e servir suas refeições. Quando terminava essas tarefas, ele limpava os conveses e esvaziava os baldes das latrinas, que eram pesados e cujo conteúdo respingava em seus pés quando ele os jogava no mar. Fergus trabalhava mais do que qualquer outra pessoa no navio, mas, fiel a sua palavra, nunca reclamou.

O trabalho não o incomodava, mas havia um problema de suprimento de alimentos no navio. O capitão embarcara passageiros demais e provisões insuficientes, e, embora ele e a tripulação comessem como reis, Fergus e os passageiros eram forçados a se alimentar de crostas de pão velho e canecas de sopa que continham muito mais fezes de camundongos do que carne, e mesmo o estoque dessas rações praticamente intragáveis era escasso; por mais rápido que o *Hannah* navegasse, não havia o suficiente para toda a viagem.

O clima esfriou fora de época. Certa manhã, começou a nevar, embora fosse final de primavera. Um dos passageiros observou que o sol não estava onde deveria para uma viagem com destino à América. Em vez de navegarem para oeste, pareciam estar na direção norte.

Um grupo de passageiros confrontou o capitão.

— Onde estamos? Este é mesmo o caminho para a América?

— É um atalho. Logo chegaremos — garantiu o capitão.

Naquela tarde, Fergus viu icebergs ao longe. Estava começando a desconfiar que tinham sido enganados. Então, à noite, se pôs à escuta atrás da porta do capitão enquanto fingia esfregar o piso do corredor.

— Só mais um ou dois dias e chegaremos à Ilha das Peles — dizia o capitão a seu imediato. — Vamos pegar uma carga e levá-la para Nova York. Assim dobraremos os lucros de nossa viagem!

Fergus ficou furioso. Eles não estavam pegando nenhum atalho para a América —, estavam deliberadamente desviando do curso, tornando a viagem mais longa, o que forçaria os passageiros a passar fome antes de chegar ao porto!

A porta da cabine se abriu de repente, antes que Fergus tivesse tempo de se afastar.

— O garoto estava espionando! — gritou o capitão. — O que você ouviu?

— Até a última palavra! E quando eu contar aos passageiros o que o senhor fez, eles vão jogá-lo ao mar.

O capitão e o imediato sacaram seus cutelos, mas quando estavam se aproximando do rapaz ouviram um estrondo semelhante a um terremoto. Todos foram lançados ao chão.

O capitão e o imediato se levantaram e saíram correndo, esquecendo Fergus e até a ameaça que ele havia feito. O *Hannah* tinha atingido um iceberg e afundava rapidamente. Havia apenas um bote salva-vidas, e, antes mesmo que os passageiros soubessem o que estava acontecendo, o capitão Shaw e seus homens covardes já o tinham pegado. Mães desesperadas pediam que o capitão levasse seus filhos a bordo, mas, com pistola na mão, seus homens ameaçavam qualquer um que se aproximasse do bote. O capitão e sua tripulação partiram. Não havia mais botes salva-vidas. Fergus e os outros passageiros se viram abandonados em um barco que afundava no meio de um mar congelante.[3]

A lua estava alta e brilhante, e sua luz permitiu que Fergus visse o iceberg. Não estava longe e parecia largo e plano o suficiente para acolher todos os passageiros. O navio estava adernando muito, mas ainda não tinha afundado, por isso Fergus invocou uma corrente e empurrou a embarcação danificada até a lateral atingir a borda do iceberg. Os passageiros ajudaram uns aos outros a subir no gelo, o último deles deixando o *Hannah* pouco antes de o navio ser engolido pelas ondas. Todos comemoraram, mas suas vozes foram engolidas quando um vento invernal começou a soprar forte. Parecia que tinham trocado uma rápida morte por afogamento por um padecimento prolongado

à mercê do frio e da fome. Passaram a noite tremendo, amontoados uns nos outros para obter um pouco de calor.

Pela manhã, ao acordar, encontraram um urso-polar à espreita. Ele estava magro, com aparência deplorável. As pessoas e o urso se olhavam nervosamente, e, depois de algumas horas, o urso se levantou e foi até a borda do iceberg. Parecia ter ouvido alguma coisa. Fergus o seguiu a uma distância cautelosa, e viu um grande cardume de peixes agitando a água a algumas centenas de metros. Eram milhares, mais do que o suficiente para alimentar todo mundo, bastava alcançá-los!

O urso mergulhou na água e nadou na direção dos peixes. Mas ele estava fraco demais, e logo subiu de volta ao iceberg, em estado lastimável e exausto.

Fergus sabia o que precisava fazer, mesmo que isso significasse quebrar mais uma vez a promessa que fizera à mãe. Ele ergueu os braços, cerrou os punhos e criou uma correnteza que puxou os peixes bem na direção do iceberg. A água lançava centenas de peixes contra o gelo, fazendo-os saltar para a superfície. O urso rugiu em animação, engoliu vários, recolheu mais um monte e saiu correndo com o alimento.

As pessoas ficaram contentíssimas. Embora não gostassem do sabor de peixe cru, era melhor que passar fome. Fergus os salvara! Eles o ergueram nos braços, cantando seu nome, depois comeram até não aguentar mais.

Na verdade, Fergus não os havia exatamente salvado. Embora agora tivessem peixe suficiente para sobreviver por semanas, naquela tarde a temperatura caiu, chegando a nevar. Enquanto se amontoavam juntos para se aquecer, alimentados porém congelando, eles perceberam que, sem cobertores, não sobreviveriam nem até o amanhecer. Estava começando a escurecer quando ouviram um rugido fora de seu círculo. O urso tinha voltado.

— O que você quer? — perguntou Fergus, ficando de pé para enfrentá-lo. — Você conseguiu todo o peixe que podia comer, então nos deixe em paz!

Mas a atitude do urso havia mudado. Agora ele não parecia desesperado nem perigoso. Na verdade, parecia grato, como se entendesse que Fergus e os outros humanos estavam passando por dificuldades.

O urso se aproximou do grupo, deitou-se e foi dormir. As pessoas trocaram olhares hesitantes. Fergus foi na ponta dos pés até o animal, sentou-se e, com cuidado, apoiou o corpo nele. O pelo do urso era farto e macio e seu corpo emanava calor. Ele não parecia se importar nem um pouco em ter Fergus recostado em seu corpo.

Uma a uma, as pessoas se aproximaram. As crianças e os idosos se aninharam em

contato direto com o urso, as mulheres se acomodaram junto a eles, e em volta deles os homens. Milagrosamente, embora alguns ficassem mais aquecidos que os outros, todos sobreviveram à noite.

No dia seguinte, o urso e as pessoas estavam comendo peixe quando outro iceberg passou flutuando. Havia outros três ursos-polares sobre o gelo. Quando o urso amigo os viu, ele se levantou e rugiu.

Olá, amigos, parecia dizer. *Tem um garoto aqui que pode conseguir tantos peixes quanto quisermos. Venham para cá!*

Os três ursos mergulharam na água e nadaram até o outro iceberg.

— Ah, ótimo — disse um dos homens. — Agora temos *quatro* ursos em nosso iceberg.

— Não se preocupe. Há peixe suficiente para todo mundo. Eles não vão nos incomodar — respondeu Fergus.

Os ursos passaram o dia se banqueteando e, quando caiu a escuridão, dormiram todos aninhados juntos, com as pessoas entre eles. Naquela noite, homens, mulheres e crianças ficaram bem aquecidos.

No dia seguinte, mais três ursos chegaram, vindo de um iceberg que passava, e no dia seguinte a esse, mais quatro. As pessoas estavam ficando nervosas.

— Onze ursos é demais — reclamou uma mulher para Fergus. — O que vai acontecer quando eles não tiverem mais peixes para comer?

— Eu pego mais — respondeu Fergus.

Ele passou aquele dia inteiro e o seguinte olhando fixamente para o mar, na esperança de avistar outro cardume de peixes, mas não viu nenhum. A situação estava no limite. Agora até Fergus estava começando a se preocupar.

— Devíamos ter matado aquele urso quando havia só um — resmungou um velho. — Em vez disso, aquele garoto peculiar nos trouxe mais dez, e agora vejam a encrenca em que nos metemos!

As pessoas se voltavam contra Fergus, e ele percebia isso. O que iria acontecer quando não conseguisse mais peixes? Talvez o entregassem aos ursos como alimento! Naquela noite, as pessoas foram dormir em meio a um agradável amontoado de pelos, mas quando acordaram, encontraram onze ursos-polares famintos os encarando, pois tinham acabado de comer o último peixe que havia no iceberg.

Fergus correu até a extremidade do iceberg e lançou um olhar desesperado ao mar. O que viu fez seu coração pular de alegria, mas não era um cardume de peixes — era terra!

Ao longe havia uma ilha coberta de neve. Melhor ainda: Fergus via fumaça se erguendo da ilha, o que indicava que era habitada. Haveria pessoas ali, e comida. Esquecendo o perigo dos ursos por um instante, Fergus voltou correndo para dar a notícia a todos.

Mas eles não ficaram impressionados.

— Qual a vantagem de encontrar terra se formos devorados antes de alcançá-la? — perguntou um homem.

Em seguida, um urso se aproximou desse homem, o pegou por uma perna e o sacudiu, como se esperasse que um peixe caísse de seus bolsos.

O homem gritou, mas, quando o frustrado urso ia dar uma mordida, um tiro soou.

Todos se viraram. Outro homem vestindo mantos brancos de pele segurava um rifle. Ele disparou uma segunda vez, logo acima da cabeça do urso, que largou o homem e saiu correndo. Depois disso, os outros ursos também fugiram.

O homem de peles explicou que os tinha visto por uma luneta, ainda na ilha, e fora resgatá-los. Com um gesto, ele indicou que o grande grupo o seguisse e levou a todos até uma enseada escondida no iceberg, onde uma flotilha de pequenos e robustos barcos a remo estava à espera. As pessoas choraram de alívio enquanto eram levadas aos barcos e conduzidas pelo mar.

Fergus também estava aliviado, mas, durante o percurso, teve medo de contarem sobre seu dom ao homem que os resgatara. Já era bastante ruim que tanta gente soubesse. Felizmente, ninguém disse uma palavra sequer sobre ele — nem *para* ele. A maioria nem o olhava nos olhos, e, quando o faziam, eram olhares maldosos, como se o culpassem por todos os infortúnios que haviam passado.

Sua mãe tinha razão, pensou Fergus, amargamente. Contar seu segredo só lhe causava problemas. Fazia as pessoas o verem como um objeto, uma ferramenta a ser usada quando lhes conviesse e depois descartada quando não era mais necessária. Naquele momento, Fergus decidiu nunca, jamais revelar seu dom outra vez, acontecesse o que acontecesse.

Os barcos atracaram em uma pequena baía pontilhada de casas de madeira. Chaminés sopravam fumaça, o cheiro de comida sendo preparada pairava no ar. A promessa de uma refeição quente perto de uma lareira parecia sedutoramente próxima. O homem de peles amarrou o barco em que seguia e desembarcou no cais.

— Bem-vindos à Ilha das Peles — disse ele.

Com um calafrio, Fergus lembrou onde tinha ouvido aquele nome antes: era a ilha de comércio de peles que o capitão Shaw pretendia alcançar quando eles naufragaram. Antes

de conseguir compreender toda a dimensão daquilo, ele viu algo no cais que o assustou ainda mais: um bote salva-vidas com marcas do tempo e o nome *Hannah* na lateral.

O capitão e seus homens haviam alcançado a ilha, no fim das contas. *Eles estavam ali.*

No instante seguinte, outra pessoa viu o bote salva-vidas. A notícia se espalhou rapidamente entre o grupo, e algumas pessoas raivosas começaram a exigir saber onde estavam o capitão Shaw e seus homens.

— Eles nos deixaram para morrer! — gritou uma mulher.

— Eles nos ameaçaram com armas quando tentamos salvar nossos filhos! — berrou um homem.

— Eles nos obrigavam a tomar sopa com fezes de rato! — acrescentou um menino mirrado.

O homem de peles tentou acalmá-los, mas as pessoas tinham sede de vingança. Tomando o rifle do homem, elas avançaram pelo vilarejo e encontraram o capitão Shaw e seus ajudantes em uma taverna, bêbados como gambás.

Iniciou-se uma luta selvagem. O grupo atacava o capitão e seus homens com qualquer objeto que via pela frente: pedras, pedaços de móveis, até troncos em chamas retirados da lareira. O capitão e sua tripulação tinham armas de fogo, mas estavam em número muito menor; portanto, finalmente derrotados e dizimados, fugiram para as colinas nevadas do vilarejo.

Os passageiros se deram por vitoriosos. Haviam alcançado terra firme e a civilização e ainda acertado as contas com o cruel capitão Shaw, embora vários deles tivessem sido mortos no embate. Havia muito o que comemorar, mas de repente os gritos de vitória foram interrompidos por pedidos de ajuda.

Um incêndio havia começado.

O homem de peles chegou correndo.

— Seus idiotas! Vocês botaram fogo em nossa ilha!

— Então vamos apagá-lo! — respondeu um exausto combatente.

— Não há como! É o prédio dos bombeiros que está em chamas!

Eles tentaram ajudar os negociantes de peles a combater o fogo usando baldes cheios de água do mar, mas não havia baldes suficientes. As chamas se espalhavam depressa. Desesperado, o grupo se voltou para Fergus à procura de ajuda.

— Você não pode fazer alguma coisa? — imploraram a ele.

Ele tentou dizer não. Prometera a si mesmo que se recusaria a usar seu dom. Mas as

súplicas se transformaram em ameaças, e Fergus se viu em uma situação complicada.

— Então está bem. Afastem-se — disse ele, com raiva.

Quando todos haviam recuado para um terreno elevado, Fergus usou todo o seu poder para invocar uma onda gigante do oceano. A onda quebrou no interior do vilarejo e apagou as chamas, mas, quando começou a recuar, aquela grande quantidade de água ergueu as casas de seus alicerces e as levou junto. As pessoas ficaram vendo horrorizadas a cidade inteira ser varrida para o mar.

Fergus fugiu. As pessoas o perseguiram por ruas e montanhas, onde ele finalmente conseguiu despistá-las se escondendo em um monte de neve. Quando julgou que era seguro, ele saiu do esconderijo, congelado até os ossos, e seguiu pela floresta caminhando com dificuldade.

Depois de algumas horas, Fergus se deparou com dois homens na floresta: o capitão e seu imediato. Shaw estava recostado ao pé de uma árvore, com a camisa encharcada de sangue. Estava morrendo.

Ele riu ao ver Fergus.

— Então eles se voltaram contra você também. Imagino que isso faça de nós companheiros de luta.

— Não faz, não. Eu não sou como você. Você é um monstro.

— Sou apenas um homem — disse o capitão. — É você que eles consideram um monstro. E o que pensam de você é o que realmente importa.

— Mas eu só estava tentando ajudá-los! — disse Fergus.

Depois de dizer isso, ele se perguntou se seria verdade. A turba ingrata o estava ameaçando quando ele invocou a onda para apagar as chamas. Será que, guiado pela raiva, ele tinha criado uma onda maior que o necessário? Será que uma pequena e sombria parte sua havia destruído a cidade de propósito?

Talvez ele fosse mesmo um monstro.

Fergus decidiu que a única saída era viver em solidão. Ele deixou o capitão para morrer e desceu pelos morros em direção ao vilarejo. A noite caía. Fergus passou pelas ruas escuras sem ser visto por ninguém. Procurou no cais algum barco que pudesse usar, mas todos tinham sido soltos das amarras e dispersos no mar pela grande onda.

Fergus pulou na água e nadou em direção a algo que parecia, na escuridão, ser um grande barco emborcado, mas que descobriu ser uma das casas de madeira tombada de lado, flutuando à deriva. Entrou rastejando pela porta da frente, invocou uma onda direto para a casa e, ali dentro, seguiu pelo mar na direção sul.

Ele empurrou a casa-barco por quatro dias, sempre na direção sul, comendo peixes que caíam na porta ao saltarem. Depois de uma semana, parou de ver icebergs. Depois de duas, o clima começou a esquentar. Depois de três semanas, o gelo das janelas derreteu, os mares ficaram calmos e uma brisa tropical começou a soprar.

A casa ainda tinha grande parte dos móveis. Durante o dia, ele lia livros na poltrona. Quando queria tomar sol, subia pela janela até o telhado e se deitava ali. À noite, na cama, seu sono era embalado pelo balanço suave das ondas. Flutuou por semanas e semanas, perfeitamente satisfeito com sua nova e solitária vida.

Então, um dia Fergus avistou um navio no horizonte. Como não tinha interesse em conhecer ninguém, tentou conduzir a casa para longe, mas o navio virou em sua direção e o alcançou.

Era uma escuna de aspecto formidável com três mastros, e assomava acima da casa. Uma escada de corda foi jogada pela lateral. Parecia que o navio não o deixaria em paz, então Fergus resolveu que podia muito bem subir a bordo, dizer à tripulação que não precisava ser resgatado e seguir seu caminho, mas, chegando ao alto da escada, ele se surpreendeu ao ver o convés vazio exceto por uma garota aparentemente da mesma idade que ele. Ela tinha cabelo preto e pele morena, e encarava Fergus com um olhar firme.

— O que você está fazendo em uma casa no meio do oceano? — perguntou a garota.

— Fugindo de uma ilha gelada no Norte.

— E como você manteve a casa flutuando? E chegou até aqui sem uma vela?

— Pura sorte, eu acho.

— Isso é ridículo. Quero saber a verdade — exigiu a garota.

— Desculpe, mas minha mãe me proibiu de falar sobre isso.

A garota semicerrou os olhos, como se considerasse as opções de jogá-lo ou não ao mar.

Fergus evitou o olhar dela, concentrando-se na paisagem.

— Onde está o capitão? — perguntou ele.

— Bem na sua frente.

— Ah — disse Fergus, sem conseguir esconder a surpresa. — Bom, onde está a tripulação?

— Bem na sua frente.

Fergus mal podia acreditar.

— Você está querendo me dizer que conduziu este navio enorme desde...

— Cabo Verde — completou a garota.

— De Cabo Verde?

— É.

— Como?

— Desculpe, mas minha mãe me proibiu de falar sobre isso.

Ela se virou de costas e ergueu os braços. Um vento forte soprou e encheu as velas.

A garota sorria quando tornou a se virar.

— Meu nome é Cesaria — disse ela, estendendo a mão.

Fergus estava pasmo. Nunca havia conhecido alguém com o mesmo dom que o seu.

— É um p-prazer c-conhecê-la — gaguejou ele, e apertou a mão da garota. — Fergus.

— Ei, Fergus! Sua casa está indo embora!

Fergus se virou e viu a casa se afastando. Em seguida, uma onda grande a atingiu, fazendo-a afundar.

Fergus não se importou. Já tinha decidido que não precisava mais da casa. Na verdade, talvez ele próprio tivesse produzido a onda que a afundou.

— Bom, acho que estou preso aqui — disse ele, e deu de ombros.

— Por mim, tudo bem — disse Cesaria, e sorriu.

— Legal — disse Fergus, retribuindo o sorriso.

E as duas crianças peculiares ficaram ali sorrindo uma para a outra por um bom tempo, porque sabiam que finalmente haviam encontrado alguém com quem dividir seu segredo.

---

[1] Há muitos relatos de pessoas desprezíveis que emitem luzes de faróis falsos para confundir e afundar navios, mas esta é a única menção, seja na história ou no folclore popular, ao poder de um peculiar sendo usado para tal propósito.

[2] O *Hannah* não é ficção. Trata-se de um navio infame que zarpou do porto irlandês de Newry no dia 3 de abril de 1849, sob o comando de um capitão inexperiente chamado Curry Shaw. Com apenas vinte e três anos na época, Shaw já havia conquistado a reputação de ser um homem cruel e era amplamente desprezado antes mesmo dos acontecimentos terríveis que sucederam a seu navio.

[3] Isso também é confirmado pela história: tarde da noite de 27 de abril, o *Hannah* atingiu um iceberg e Shaw fugiu com a tripulação no único bote salva-vidas.

ERA UMA VEZ, em tempos peculiares, uma floresta densa e muito antiga onde viviam muitos animais. Havia coelhos, cervos e raposas, como em todas as florestas, mas havia também animais menos comuns, como urxinins pernaltas, linces de duas cabeças e jumirafas falantes. Esses animais peculiares eram o alvo favorito de caçadores, que adoravam atirar neles para empalhá-los, pendurá-los nas paredes e exibi-los para os amigos caçadores, mas sua predileção era por vendê-los para os donos de zoológicos, que os trancavam em jaulas e cobravam ingresso das pessoas que quisessem vê-los. Ora, você deve estar pensando que seria muito melhor viver trancado em uma jaula do que levar um tiro e ser pendurado em uma parede, mas acontece que as criaturas peculiares precisam de liberdade para serem felizes. Depois de um tempo, os espíritos dos animais peculiares enjaulados murchavam, e eles começavam a invejar os amigos nas paredes.

Nessa época, os gigantes ainda andavam pela terra como nos remotos tempos *Aldinn*, mas eram pouco numerosos e cada vez mais raros.[1] Por acaso, um desses gigantes vivia perto da floresta. Ele era muito simpático, falava com muita delicadeza e só comia plantas. Seu nome era Cuthbert. Um dia, Cuthbert foi à floresta colher frutas silvestres e, quando estava por lá, viu um caçador tentando capturar uma jumirafa. Como era um gigante bom, Cuthbert pegou a pequena jumirafa pelo pescoço comprido e, esticando-se todo na ponta dos pés (coisa que raramente fazia, pois seus ossos velhos sempre estalavam nessa posição), conseguiu alcançar muito alto e deixar a jumirafa no topo de uma montanha, bem longe de perigo. Aí, só para garantir, pisou no caçador, esmagando-o até o homem virar uma geleia que escorreu entre os dedos dos pés do gigante.

Os relatos da bondade de Cuthbert se espalharam pela floresta, e logo os animais peculiares começaram a procurá-lo todos os dias, pedindo para serem erguidos até o alto da montanha, onde ficariam longe de perigo. E Cuthbert sempre dizia:

— Vou proteger vocês, irmãozinhos. Tudo o que peço em troca é que conversem comigo e me façam companhia. Não sobraram muitos gigantes no mundo, e de vez em quando eu me sinto solitário.

— Mas é claro que vamos lhe fazer companhia, Cuthbert — respondiam os animais.

Todos os dias, Cuthbert salvava mais animais peculiares da mira dos caçadores, erguendo-os pelo pescoço até o alto da montanha, e isso continuou até haver um monte de animais peculiares morando lá em cima. Os animais estavam felizes porque finalmente podiam viver em paz, e Cuthbert também estava feliz, porque, se ficasse na ponta dos pés e apoiasse o queixo no topo da montanha, podia conversar com seus novos amigos pelo tempo que quisesse. Até que, certa manhã, uma bruxa foi visitá-lo. Ele estava tomando

banho em um laguinho à sombra da montanha quando ela apareceu e anunciou:

— Sinto muitíssimo, mas preciso transformar você em pedra.

— Por que você faria uma coisa dessas? — perguntou o gigante. — Eu sou muito bondoso. Sou um gigante que gosta muito de ajudar.

— Fui contratada pela família do caçador que você esmagou — respondeu a bruxa.

— Ah — disse o gigante. — Eu já tinha me esquecido dele.

— Sinto muitíssimo — repetiu a bruxa, e em seguida agitou um galho de bétula na direção de Cuthbert, transformando em pedra o pobre coitado.

De repente, Cuthbert se sentiu pesado, tão pesado que começou a afundar no lago. Ele afundou, afundou e não parou de afundar, ficou com água até o pescoço. Seus amigos animais viram o que estava acontecendo e, apesar de ficarem muito tristes, chegaram à conclusão de que nada podiam fazer para ajudá-lo.

— Sei que vocês não podem me salvar — gritou Cuthbert para seus amigos —, mas pelo menos venham conversar comigo! Estou preso aqui embaixo e me sinto tão solitário!

— Mas se descermos até aí, os caçadores vão atirar em nós! — responderam os animais.

Cuthbert sabia que eles tinham razão, mas mesmo assim implorou:

— Conversem comigo! Por favor, venham conversar comigo.

Os animais tentaram cantar e gritar para o pobre Cuthbert do topo da montanha, mas estavam longe demais, e suas vozes eram baixas até mesmo para Cuthbert, com suas orelhas de gigante; soavam mais baixas que o farfalhar de folhas ao vento.

— Conversem comigo! — implorava ele. — Venham conversar comigo!

Mas os animais não foram. E o gigante ainda estava gritando quando sua garganta virou pedra, igual ao restante do corpo.

* * *

Nota do editor:

É aqui que, tradicionalmente, termina a história. Entretanto, é um desfecho tão triste, tão desprovido de lições de moral construtivas e tão notório por levar os ouvintes às lágrimas que se tornou uma tradição entre contadores de histórias improvisar desfechos menos desoladores. Por isso, tomei a liberdade de incluir o meu próprio, a seguir.

— MN

* * *

Os animais tentaram cantar e gritar para o pobre Cuthbert do topo da montanha, mas estavam longe demais, e suas vozes eram baixas até mesmo para Cuthbert, com suas orelhas de gigante; soavam mais baixas que o farfalhar de folhas ao vento.

— Conversem comigo! — implorava ele. — Venham conversar comigo!

Depois de um tempo, os animais começaram a se sentir muito mal, especialmente a jumirafa.

— Ah, pelo amor de Deus! Ele só quer um pouco de companhia. É pedir demais? — comentou ela.

— Eu diria que sim — concluiu o urxinim. — Lá embaixo é perigoso. E, com Cuthbert transformado em pedra, como voltaríamos para nossa montanha?

— Não há nada que possamos fazer por ele, a menos que vocês saibam como reverter uma maldição de bruxa — sugeriu o lince de duas cabeças.

— Claro que não sabemos. Isso não importa. Todos vamos morrer um dia, e talvez hoje seja a vez de Cuthbert, mas não podemos deixá-lo morrer sozinho. Eu não conseguiria viver com esse peso na consciência — argumentou a jumirafa.

Era culpa demais para suportar, de modo que todos os animais decidiram se unir à jumirafa, apesar dos riscos que os aguardavam no solo. Liderados por ela, os animais formaram uma escada com o próprio corpo de todos eles, ligando mãos a tornozelos, e assim desceram a face do penhasco. Como voltariam ao topo da montanha era uma questão para outra hora. Eles correram até Cuthbert e o confortaram, e o gigante chorou de gratidão mesmo enquanto se transformava em pedra.

À medida que conversavam com Cuthbert, a voz dele foi diminuindo, seus lábios e sua garganta se petrificando até mal se mexerem. Por fim, vendo-o imóvel, os animais se perguntaram se ele havia morrido. A jumirafa encostou a cabeça no peito de Cuthbert.

— Ainda ouço as batidas do coração — disse ele após alguns momentos.

A cambaxirra que se transformava em mulher se empoleirou na orelha de Cuthbert e perguntou:

— Amigo, pode nos ouvir?

E, da garganta de pedra, eles ouviram uma resposta pouco mais audível que a brisa:

— Sim, amigos.

Os animais irromperam em vivas. Cuthbert ainda estava vivo no interior da pele de pedra, e assim permaneceu. A maldição da bruxa tinha sido forte, mas não a ponto de

petrificá-lo por completo. Agora eram os animais que cuidavam do pobre Cuthbert, como ele cuidara dos animais: lhe faziam companhia, jogavam comida em sua boca aberta e conversavam com o gigante o dia inteiro. (As respostas dele se tornaram cada vez mais raras, mas as batidas do coração indicavam que ainda estava vivo.) E, embora os animais sem asas não tivessem como subir o penhasco, Cuthbert os protegia de outro modo: durante a noite, eles dormiam dentro de sua boca de pedra, e, se por acaso surgissem caçadores, desciam por sua garganta e aterrorizavam os humanos com barulhos amplificados pelo eco. Cuthbert se tornou o lar e refúgio dos animais e, mesmo não conseguindo mover um músculo, foi muito feliz.

Muitos anos depois, o coração de Cuthbert finalmente parou. Ele morreu em paz, cercado de amigos, um gigante feliz. A cambaxirra, que crescera e se tornara *ymbryne*, decidiu que os animais tinham se tornado numerosos demais para continuar a viver dentro do gigante, por isso levou a todos para uma fenda no tempo que criou no alto de um morro.[2] A entrada da fenda se localizava dentro de Cuthbert, para que ele nunca fosse esquecido, e toda vez que alguém entrava ou saía, tinha a chance de dizer olá para seu velho amigo. E sempre que ela ou algum dos animais passavam por Cuthbert, saudavam-no com um tapinha no ombro, dizendo:

— Olá, amigo.

E, se parassem e prestassem atenção, e se o vento estivesse soprando do jeito certo, ouviam algo que soava quase como um *olá*.

---

[1] Isso não quer dizer que os gigantes tenham desaparecido completamente, apenas não caminham mais sobre a terra. Leia o conto "Cocobolo" para saber o que aconteceu com eles.

[2] Eles alcançaram o topo da montanha por meio do engenhoso sistema de roldana com corda criado pela própria srta. Wren.

MILLARD NULLINGS é um renomado filólogo e ex-morador do lar da srta. Peregrine para crianças peculiares. Enquanto viveu lá, obteve mais de vinte diplomas por correspondência, escreveu o mais abrangente relato de um único dia em uma ilhota e ajudou a derrotar monstros terríveis. É alérgico a caspa de urxinim e óleo de amêndoas. Não pode ser visto a olho nu.

© TAHEREH MAFI

RANSOM RIGGS chegou ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* com a série *O lar da srta. Peregrine para crianças peculiares*. Nasceu em uma fazenda no estado americano de Maryland e cresceu no sul da Flórida. Estudou literatura na Kenyon College e cinema na University of Southern California. Atualmente, mora em Los Angeles com a esposa, a também escritora Tahereh Mafi.

© JULIA DAVIDSON

ANDREW DAVIDSON é formado em design gráfico pela Royal College of Arts. Trabalhou como ilustrador em diversas áreas, sempre se concentrando em artes manuais e desenho. Sua eclética experiência profissional inclui a produção de xilogravuras para *O homem de ferro*, de Ted Hughes, mais de doze conjuntos de selos para o Correio Britânico e as gravações em vidro nas portas da quadra central de Wimbledon.

Copyright © 2016 by Ransom Riggs
Copyright das ilustrações © 2016 by Andrew Davidson
Arte das capitulares © Pepin Press
Outras imagens © Shutterstock

TÍTULO ORIGINAL
Tales of the Peculiar

TRADUÇÃO
Edmundo Barreiros

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Rayana Faria
Juliana Werneck

DIREÇÃO DE ARTE
Deborah Kaplan

ARTE DE CAPA E PROJETO GRÁFICO
Lindsey Andrews

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DO PROJETO GRÁFICO ORIGINAL
Julio Moreira | Equatorium Design

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Manuela Brandão

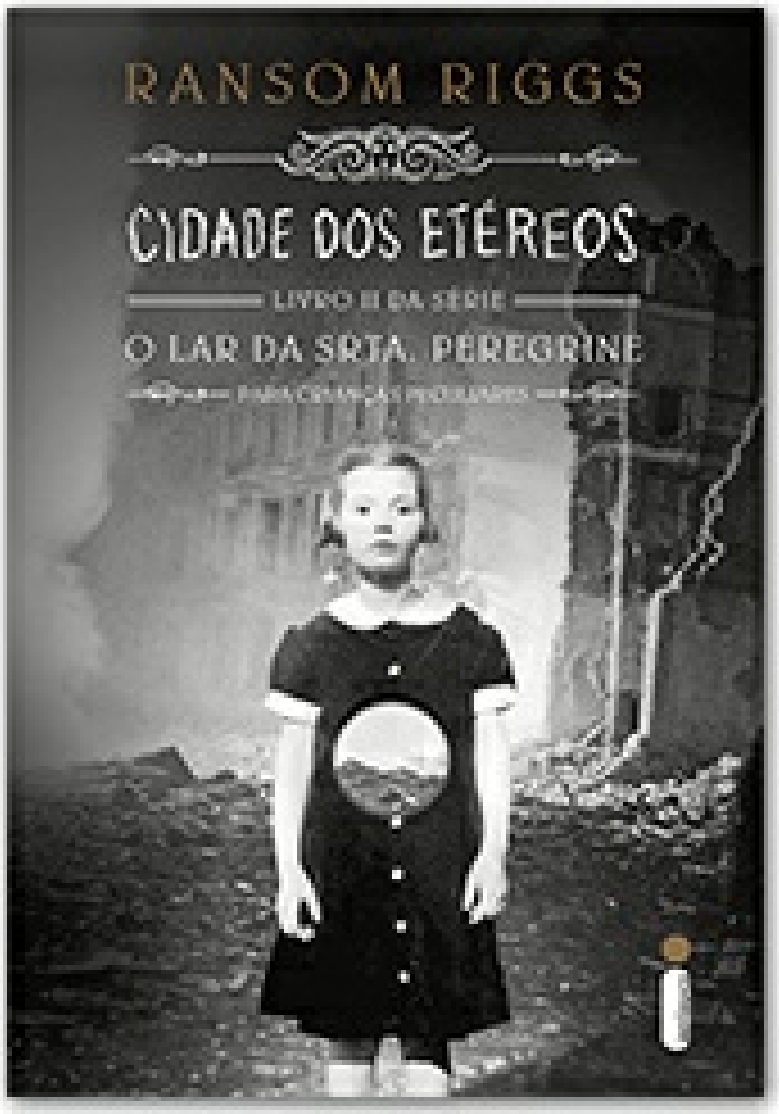
E-ISBN
978-85-510-0052-6

Edição digital: 2016

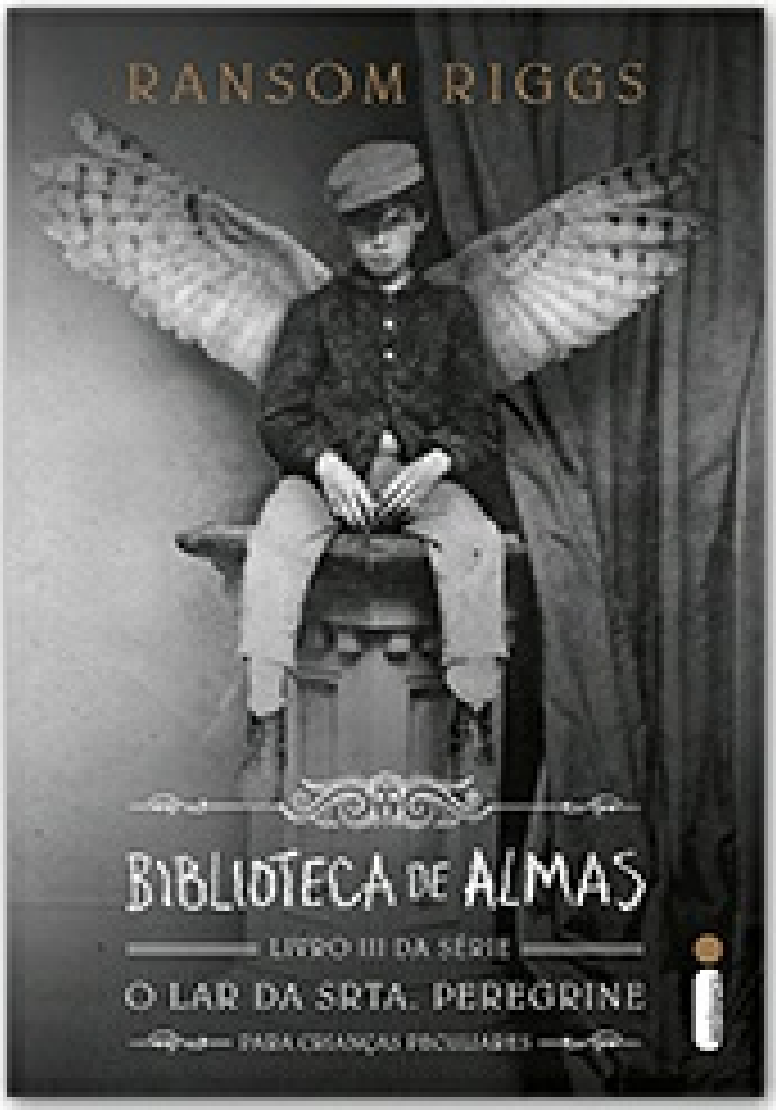
1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

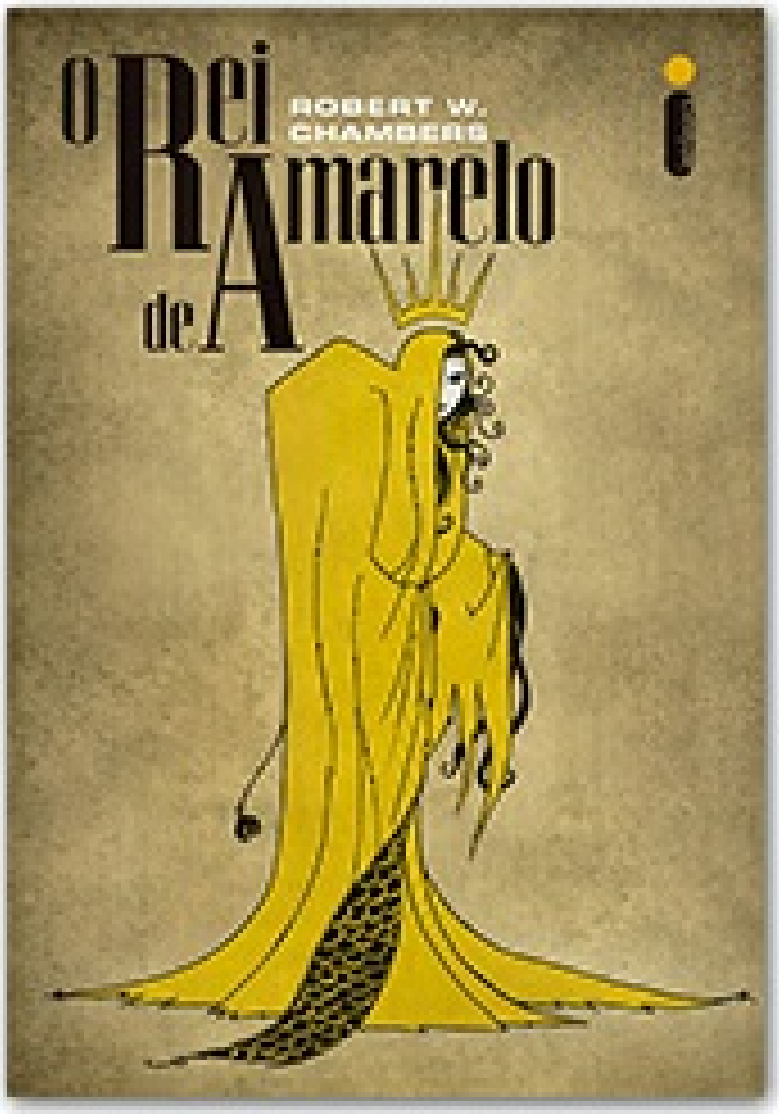
intrinseca.com.br



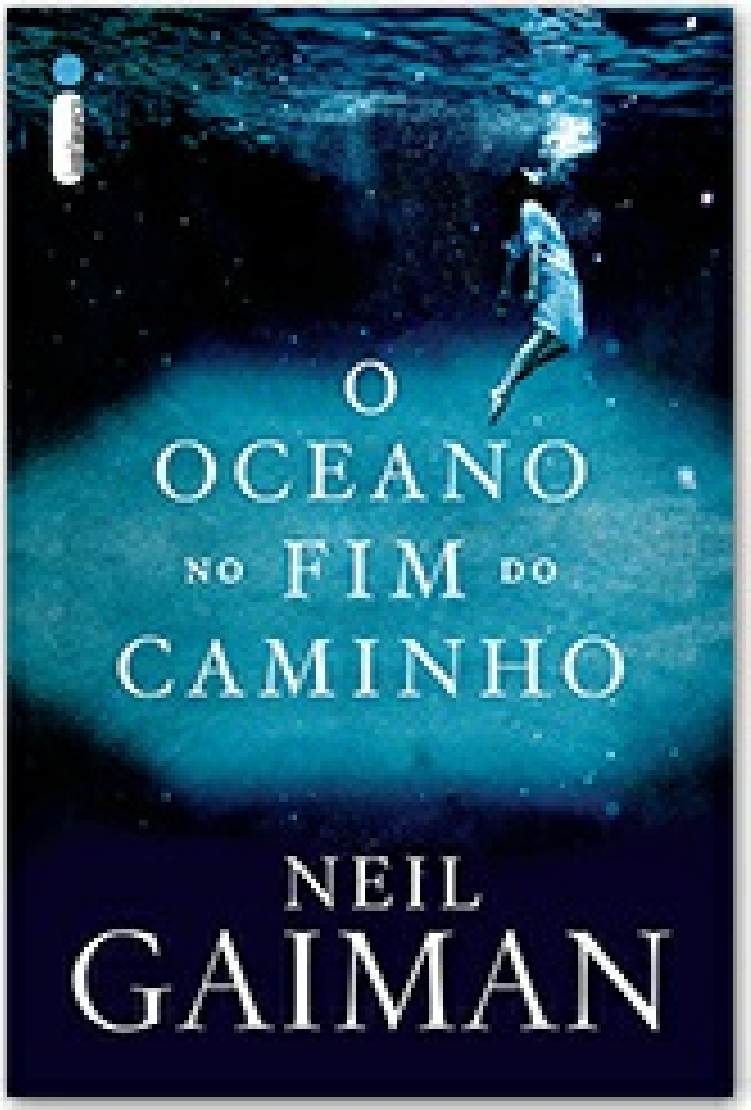
Cidade dos etéreos



Biblioteca de Almas



O rei de amarelo
Robert W. Chambers



O oceano no fim do caminho
Neil Gaiman